

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**A FEMINILIDADE E A MULHER
NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

Mariana Rosa Cavalli Domingues

**SÃO CARLOS - SP
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**A FEMINILIDADE E A MULHER
NA OBRA DE SIGMUND FREUD**

Mariana Rosa Cavalli Domingues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração: Epistemologia da Psicanálise.
Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke.

**SÃO CARLOS - SP
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D671fm

Domingues, Mariana Rosa Cavalli.

A feminilidade e a mulher na obra de Sigmund Freud /
Mariana Rosa Cavalli Domingues. -- São Carlos : UFSCar,
2009.

137 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2009.

1. Feminilidade (Psicologia). 2. Sexo (Psicologia). 3.
Complexo de castração. I. Título.

CDD: 150.1952 (20^a)

MARIANA ROSA CAVALLI DOMINGUES

A FEMINILIDADE E A MULHER NA OBRA DE SIGMUND FREUD

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2009

BANCA EXAMINADORA

Presidente

(Dr. Richard Theisen Simanke)

Richard Theisen Simanke

1º Examinador

(Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão – USP/Ribeirão Preto)

J. F. M. H. B.

2º Examinador

(Dra. Fátima Siqueira Caropreso – UNICAMP)

Fátima Caropreso



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles se dedicam a compreender o psiquismo e a teoria psicanalítica de forma séria e comprometida.

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Richard por sua orientação riquíssima em conhecimento e por sua agradável companhia. Ao Taciano por tantas conversas sobre psicanálise, pelo apoio e compreensão. As minhas irmãs Carolina e Marina, que me acolheram em Araraquara nas noites cansativas dos anos em que freqüentei as disciplinas de mestrado. Aos meus pais pela confiança de que eu concretizaria esta pesquisa. À Martha Olivi pela leitura cuidadosa e por seus apontamentos precisos sobre a língua portuguesa. Agradeço também a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram na concretização deste projeto.

O discurso freudiano sobre o feminino é perpassado por múltiplas contradições e ambigüidades – é o mínimo que se pode dizer a seu propósito. Este é o grau zero do reconhecimento que se pode ter aqui, sobre a maneira pela qual a psicanálise forjou sua leitura sobre a subjetividade da mulher e da condição feminina. (BIRMAN, 2001, p. 17).

RESUMO

Estudos sobre a mulher e sobre a feminilidade, dentro do campo psicanalítico, podem seguir rumos muito diferentes. O tema é cercado de polêmicas e contradições, já que autores pós-freudianos como Klein, Deutsch, Brunswick, Bonaparte, Müller, Horney, Jones e Lacan, apresentam versões diferentes e discordam, até mesmo, na interpretação do que Freud teria afirmado em sua obra. Esta pesquisa tem como objetivo realizar um retorno a teoria freudiana sobre a mulher e a feminilidade, a fim de solucionar possíveis conflitos teóricos, que tiveram origem na má interpretação de seus textos. Para melhor contextualizar o problema, foi realizada breve descrição do percurso histórico das teorias sobre o feminino no movimento psicanalítico. Dentre os autores citados, destaca-se Lacan, por suas inovações na concepção da feminilidade e do gozo feminino. Porém, o principal interesse deste trabalho é a teoria de Freud, o que levou ao estudo dos seus casos clínicos. Histeria, fobia e obsessão são as patologias encontradas em mulheres que Freud analisou e que fazem parte deste trabalho. Cada uma destas doenças apresenta uma lógica diferente na produção de sintomas, porém todas contribuem na construção de uma teoria sobre o feminino. Nas obras que tratam de temas sociais, antropológicos, artísticos e literários, Freud define o posicionamento da mulher em sua função social, assim como realiza afirmações marcantes sobre sua visão acerca do assunto. Encontram-se referências da feminilidade em figuras sedutoras e perigosas como a Medusa; e ao mesmo tempo, em figuras femininas representando a amor e a fertilidade. Freud descreve as mulheres como defensoras da instituição familiar, a ponto de negligenciarem as normas sociais. Esta maneira de ser, tipicamente feminina, não seria fruto apenas da cultura de uma civilização, mas segundo Freud, também tem origem em sua representação da sexualidade. Assim, os textos de Freud sobre a sexualidade feminina também são importante fonte das concepções sobre a mulher. O complexo de castração, advindo da investigação sobre as distinções anatômicas entre os sexos, gera conseqüências psíquicas que trazem uma forma de satisfação pulsional própria. Surge, portanto, a idéia de que Freud teria construído uma teoria falocêntrica, em que a mulher fica sempre na subordinação ao masculino (fálico). Procurando adentrar nesta crítica ao modelo freudiano, Birman propõe um novo olhar sobre a feminilidade, colocando-a como sexo originário. As definições de feminino, no entanto, podem levar os teóricos da psicanálise e da filosofia da psicanálise como David-Ménard a um estudo sobre a universalidade na construção da feminilidade em Freud e Lacan. Assim, o estudo da feminilidade e da mulher levam a um percurso por toda a obra freudiana e envolve a formação psicosssexual e ambiente cultural.

Palavras-Chave: feminilidade, mulher, sexualidade feminina, complexo de castração.

ABSTRACT

Studies about woman and about femininity, inside the psychoanalytic field may follow some very different rumors. The theme is enclosed by polemics and contradictions, once the after-Freud authors such as Klein, Brunswick, Bonaparte, Muller, Horney, Jones and Lacan introduce different points of view and disagree, even in the interpretation, with what Freud presented in his works. This survey aims to bring back the Freudian theory about woman and femininity, as well as solve some theoretical conflicts based on the misinterpretation of his texts. For a better understanding of the problem a brief description of the historic track of the theories about woman and femininity in the psychoanalytic stroke was accomplished. Among the said authors, stand out Lacan, for his innovations in the femininity conception and the feminine enjoyment. However, the mean objective of this work is Freud's theory, that led him up to clinic studies. Hysteria, phobia and obsession are the pathologies found in the woman analysed by Freud and that are part of this work. Each one of these diseases show a different logic in the production of symptoms, however all of them contribute to the construction of a theory about the feminine. In the works that talk about social themes anthropology, artistic and literary, Freud define the woman's place in the social function, as well as he claim his point of view about the subject. References of femininity can be found in seductive and dangerous women as Medusa; and at the same time in feminine figures that represent love and fertility. Freud describe women as defenders of the familiar institution, that sometimes do not consider the social rules. This way of being, typically feminine hasn't appeared just because of the culture of a civilization but also because of the sexuality. So, Freud's text about feminine sexuality are also very import sources of woman conception. The castration complex, appeared with the investigation about the anatomic difference between the sexes and caused psychics consequences that brought the self satisfaction. So, the idea that Freud had created a falocentric theory in which the woman is always subordinate to her husband came on the scene. Trying to take part in this critic about the Freudian model, Birman propose a new view about the femininity. The definitions about feminine, though, can lead the psychoanalysis and the psychoanalysis philosophy theorists as David-Ménard to study about the universality of the femininity construction in Freud and Lacan. Thus, the study about femininity and the woman is led to a way across the Freudian work and includes experience in the psychosexual and cultural environment education.

Keywords: femininity, woman, feminine sexuality, castration complex.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Judite Salomé I, Gustav Klimt.....	18
FIGURA 2. Judith Salomé II, Gustav Klimt.....	18
FUGURA 3. Danae, Gustav Kllimt.....	18
FIGURA 4. O beijo, Gustav Klimt	18
FIGURA 5. O êxtase de Santa Tereza, Bernini.....	32
FIGURA 6. Grafo do desejo.....	34
FIGURA 7. Deusa Kali.....	70
FIGURA 8. Gradiva de Jensen.....	82
FIGURA 9. Sant' Ana com dois outros.....	89
FIGURA 10. Detalhe de Sant' Ana e os outros dois.....	90
FIGURA 11. As Moiras.....	92
FIGURA 12. Cabeça de Medusa.....	94
FIGURA 13. Fórmulas da sexuação.....	115
FIGURA 14. Fórmula do gozo para Lacan.....	117

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 Feminilidade e psicanálise – Um percurso histórico.....	14
1.1 Contexto histórico das construções iniciais da psicanálise.....	15
1.2 História da mulher.....	19
1.3 O movimento psicanalítico e as concepções do feminino.....	23
1.3.1 Autores em concordância com Freud.....	25
1.3.1.1 Hélène Deutsch.....	25
1.3.1.2 Ruth Mack Brunswick.....	26
1.3.1.3 Marie Bonaparte.....	26
1.3.2 Autores em discordância com Freud.....	27
1.3.2.1 Josine Müller.....	27
1.3.2.2 Karen Horney.....	27
1.3.2.3 Melanie Klein.....	28
1.3.2.4 Ernest Jones.....	29
1.4 – A escola lacaniana.....	30
Capítulo 2 A clínica freudiana da feminilidade e da mulher.....	36
2.1 Histeria e outras patologias investigadas na fase inicial da psicanálise.....	36
2.2 Casos clínicos: histéricas.....	44
2.3 Casos especiais: Dora e a jovem homossexual.....	51
2.3.1 Dora	52
2.3.2 A jovem homossexual.....	58
2.3.3 Comentário lacaniano sobre os casos: Dora e jovem homossexual.....	62

Capítulo 3 Freud e as mulheres: sociologia, arte e literatura.....	65
3.1 Análise social freudiana e sua relação com a feminilidade.....	65
3.2 Análise freudiana de textos artísticos e literários.....	81
Capítulo 4 As teorias da sexualidade feminina.....	96
Capítulo 5 Novos olhares sobre a feminilidade na psicanálise.....	105
5.1 Feminino como sexo original.....	105
5.2 Feminino e masculino: diferenças e universalidade.....	115
Considerações Finais.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132

Introdução

Existem muitos trabalhos que se dedicam a estudar a feminilidade e a mulher na psicanálise, nem por isso, o tema mostra-se esgotado. Diante da amplitude e desafio do estudo psicanalítico sobre o assunto, este trabalho tem por objetivo abordar o desenvolvimento da teoria freudiana sobre a feminilidade e a mulher, trazendo novas contribuições ao debate. A abordagem freudiana sobre o mundo feminino provocou uma série de teorias diferentes entre seus seguidores, e também, entre seus dissidentes. Psicanalistas de várias partes do planeta dão sua versão, e até os teóricos mais sérios se dividem.

A psicanálise possui linhas teóricas diferentes que surgiram a partir do modelo freudiano. Pesquisar a feminilidade e a mulher em todas estas vertentes pós-freudianas seria um trabalho inviável para uma dissertação de mestrado, pois a quantidade de material seria enorme. Portanto, a proposta da presente pesquisa se limita à visão freudiana deste tema. Isso se faz necessário, visto que Freud discorreu sobre a mulher quase em todos os seus textos, mas, apenas em alguns, organizou o conhecimento de forma pormenorizada. Assim, é possível encontrar comentários sobre a feminilidade e sobre a mulher em diversos pontos diferentes da obra freudiana. E o mais interessante, é que nem sempre as opiniões de Freud são homogêneas em relação ao assunto. Portanto, temos uma série de pontos conflituosos, e até polêmicos, em que o posicionamento conservador de Freud é contrariado por sua postura investigativa. Quando se trata de uma tentativa de definição do feminino, o problema aumenta. Em tempos de igualdade sexual não seria um retrocesso realizar a seguinte investigação? Dentro da discussão psicanalítica as definições de gênero muitas vezes surgem com importância capital no trabalho clínico, o que fez com que diversos autores dessem importância ao tema. Mas, de uma prática clínica com mulheres a uma construção teórica coerente, muitos desafios parecem ainda não terem sido vencidos.

Em pleno séc. XXI a pergunta sobre a feminilidade à psicanálise ainda é campo de pesquisa e diante de debates inflamados sobre o que Freud teria dito, muitos aspectos precisariam ser revistos. Esta pesquisa se propõe a realizar uma varredura significativa da obra freudiana para fugir dos possíveis enganos conceituais psicanalíticos.

Entre os pós-freudianos que se destacam em empreitada semelhante encontra-se Lacan. Este autor inova a cena psicanalítica com sua teorização sobre um gozo não fálico feminino, que proporciona à mulher inúmeras possibilidades de satisfação pulsional. Outra contribuição importante está na noção simbólica do falo e da castração, retirando a mulher da subordinação à inveja do pênis. Lacan é citado ao longo desta pesquisa para iluminar a leitura

dos textos freudianos, mas sem a pretensão de esgotar sua complexa teoria do feminino, o que, certamente, exigiria um trabalho à parte.

Na tentativa de fugir das formulações usuais sobre a feminilidade e a mulher, este trabalho foi dividido em quatro capítulos que serão descritos a seguir:

O “*Capítulo 1*” apresenta um panorama histórico da formação da psicanálise e a forma com que Freud esteve envolvido com as questões culturais de sua época. A cultura cosmopolita e ao mesmo tempo tradicionalista de Viena foi o berço ideal para a criação da neurose e da psicanálise. Também é realizada, neste capítulo, uma breve descrição da história da sexualidade enfocando a mulher, segundo o ponto de vista de Michel Foucault e outros historiadores. Desde a Grécia Antiga até a época de Freud, a posição social das mulheres modificou-se em muitos aspectos, mas a repressão da sexualidade a padrões rigorosos manteve-se. É importante conhecer um pouco deste percurso para a melhor compreensão das patologias estudadas por Freud.

Alguns pós-freudianos também são citados no capítulo inicial, tais como Klein Deutsch, Brunswick, Bonaparte, Müller, Horney e Jones, a fim de exemplificar as diferentes compreensões possíveis da obra freudiana, assim como, de mostrar como esta teoria foi desenvolvida e complementada por seus estudiosos. Cada um destes autores desenvolveu alguma inovação teórica relevante que serve como ilustração para as diversas possibilidades de interpretação e criação da psicanálise.

O “*Capítulo 2*” mostra a experiência de Freud com a clínica psicanalítica, desde seus casos iniciais que foram descritos em “*Estudos sobre histeria*” (FREUD, 1895), passa por casos de fobias e obsessões até casos mais complexos, como o caso Dora e o caso da jovem homossexual. Neste capítulo pode-se ter uma idéia de como a mulher era vista por Freud, pois, mesmo que ele não realize nenhuma análise direta da feminilidade, os textos estão repletos de sua concepção mais íntima sobre o tema. Nos casos iniciais de histeria, Freud utiliza da hipnose e adentra no mundo do inconsciente, arriscando técnicas diferentes, ele recolhe material suficiente para construção de sua teoria. A vida das suas pacientes e o estudo de suas patologias proporciona a Freud a construção de uma teoria da neurose, que tem como fundamento a defesa. Portanto, no estudo dos casos clínicos, Freud deduziu que havia na neurose uma luta constante entre as pulsões sexuais e as normas sociais internalizadas. Desta forma pode-se pensar que: se a maioria dos casos de histeria ocorre em mulheres, é importante precisar quais características femininas predis põe a esta patologia, pois aí sim, o trabalho sobre a feminilidade pode ser iniciado.

Evitando a usual confusão entre histeria e subjetividade feminina, também foram estudados casos de obsessões e fobias em mulheres. Novamente, a sexualidade está retratada nestes casos, que permitem visualizar questões que se repetem e que certamente contribuem para o estudo da mulher.

No “*Capítulo 3*” são apresentados os textos em que Freud aborda temas antropológicos, sociais e obras artísticas e literárias. Muitos trabalhos sobre a feminilidade e a psicanálise falam sobre a sexualidade feminina, porém, esquecem de abordar trabalhos importantes como “*A escolha dos três escrínios*” (FREUD, 1913) ou “*Gradiva de Jensen*” (FREUD, 1907). Nesses trabalhos é possível apreender como Freud via a mulher na cultura ocidental, da qual faz parte, além de seus preconceitos e de suas conclusões a respeito. Freud se permitia analisar obras artísticas e literárias com naturalidade, muitas vezes lembrando um cronista. Tanta liberdade de escrita revelou a feminilidade em figuras opostas como deusas, figuras maternas e demônios. O feminino aparece multifacetado, e isso não parece ser um problema para Freud.

Nos textos que bordam aspectos coletivos e/ou sociais como “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930) e “*Futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927)”, Freud analisa a mulher na função social adotada na comunidade em que vive. Aborda outras culturas e costumes, e arrisca definições do feminino nestas diferentes localidades, por meio de relatos e estudos antropológicos. Mais uma vez, as diferentes definições do feminino são representadas por meio das diversas funções femininas, tais como: a mulher como objeto de desejo masculino, como função maternal insubstituível ou como ninfa perigosa que merece ter a sexualidade como um tabu.

A teoria da sexualidade feminina tal como Freud a desenvolveu, principalmente na década de 1930, aparece no “*Capítulo 4*”. Estes textos foram cuidadosamente relidos, pois são considerados a causa das principais confusões teóricas à cerca da feminilidade, por manifestarem temas como: Complexo de Édipo na menina, Complexo de Castração e a famosa inveja do pênis. Até então Freud havia construído uma teoria sobre a sexualidade infantil entre os meninos, e considerava a sexualidade na menina algo análogo. Muitos de seus leitores começaram a emitir opiniões diferentes, que obrigaram Freud a se posicionar. Ele descreve, portanto a relação da menina para com sua mãe e mudanças que envolvem o objeto de desejo e sua posição para com ele: de ativa para passiva.

O estudo dos capítulos anteriores, sobre os casos clínicos e as análises sociais e artísticas, oferece material de ilustração suficiente para que a sexualidade feminina seja mais bem compreendida. Por exemplo: quando são realizadas análises sobre a teoria infantil da

universalidade do pênis e sua relação com a castração, casos como o de Leonardo da Vinci e da jovem homossexual ajudam a compreender o conceito em questão.

O “*Capítulo 5*” traz concepções interessantes sobre a feminilidade que foram recentemente lançadas em discussão. Um dos pontos relevantes é o trabalho de Joel Birman, que estudou a teoria de Freud sobre o feminino e contribuiu com a teoria da feminilidade originária. Este autor define a feminilidade como sexo original, pois todo ser humano, antes do contato com o falo, vivencia momentos de passividade aos cuidados parentais. Além de percorrer este conceito, ele também realiza uma ligação entre a feminilidade e a sublimação, num debate polêmico, já que Freud possui posicionamento diferente. O fato é que, na tentativa de buscar uma definição positiva da feminilidade, Birman lança mão de argumentos que são estudados cuidadosamente.

Para finalizar o trabalho, são acrescentados alguns comentários de Monique David Ménard e Lacan sobre a discussão filosófica das diferenças entre feminino e masculino. Para Lacan não há definição universal para o feminino e David-Ménard analisa esta afirmativa. Lacan mesmo com suas inovações teóricas que permitem a simbolização da castração parece ter mantido a postura falocêntrica de Freud, em certos pontos de sua obra.

A feminilidade, na obra de Freud, portanto, remete a uma constituição biológica marcada pela diferença entre os sexos e diversas condições sócio-culturais que, obrigam a um passeio por toda a sua obra. Pode-se afirmar que a feminilidade seria o caminho que uma mulher deve percorrer no seu desenvolvimento rumo a uma maturidade sexual, mas não é característica exclusivamente feminina. Portanto, definir a feminilidade implica falar de passividade e atividade; submissão fálica e criatividade; chegando finalmente ao conceito delicado de masoquismo feminino. Assim, pesquisando as mulheres (desde as pacientes até as mulheres citadas nos textos sociológicos) da obra de Freud, a feminilidade aparece expressa nas atitudes e pensamentos descritos em suas análises.

Feminino e masculino não encontram definições fechadas na obra psicanalítica, mas é possível apreender como homens e mulheres lidam com a castração e as possibilidades de superação.

CAPÍTULO 1 Feminilidade e Psicanálise: Um percurso histórico

Os estudos sobre a mulher e a feminilidade são freqüentes, mas incapazes de conferir discurso homogêneo, o que os mantém como tema obscuro, contraditório e rodeado de diferentes teorias. A psicanálise é uma dessas teorias que contribui com a discussão sobre a mulher. Freud aborda o tema ora de forma direta, ora de forma indireta, mas sempre esteve envolvido no possível, ou impossível, mistério feminino. A teoria psicanalítica proporcionou, por meio da compreensão da histeria e dos processos inconscientes, avanços sociais e teóricos, mas não se livrou de contradições, de despertar polêmicas feministas, mostrando dificuldade de posicionamento frente ao tema.

Na teoria freudiana muito foi falado sobre a mulher, desde “*Os estudos sobre histeria*” (FREUD, 1892-95), com a descrição detalhada de casos femininos, até o delineamento da posição que as mulheres ocupam na cultura ocidental, definidas por uma função de estruturação familiar na sociedade, como aparece em “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930) e em diversos outros trechos da obra freudiana. Deve-se considerar que em nenhum ponto de sua obra Freud toma um lugar decisivo e esclarecido sobre o tema e mantém a mulher como algo indecifrável e misterioso. Esta espécie de precaução teórica aparece claramente na “*Conferência XXXIII*” (FREUD, 1932), quando afirma que a feminilidade seria um campo para os poetas e artistas, ou quem sabe para a ciência futura.

Na biografia de Freud, GAY (1989) chega a afirmar que Freud admitia nada saber sobre o orgasmo feminino e tratar o assunto com espantoso desconhecimento. Desde o princípio, Freud estava tocando no tema da feminilidade por meio dos estudos sobre a histeria, mas não considerava saber sobre a sexualidade feminina. Mesmo assim, pôde admitir as psicanalistas mulheres em sua roda de interessados, apesar de alguns teóricos serem abertamente contrários à inclusão das mulheres nos meios psicanalíticos. Tanto é que, mesmo com algumas críticas das feministas, ser psicanalista acabava sendo um sonho de emancipação das mulheres daquela época.

Em suas elaborações teóricas, Freud não pôde evitar alguns comentários que seriam interpretados como machistas, preconceituosos e limitados à concepção social de sua época. É verdade que a psicanálise proporcionou à humanidade certa libertação de amarras morais e intelectuais fortemente construídas, como a idéia de um ser humano consciente e

dono de si¹. Quanto às mulheres, a teorização psicanalítica também promoveu emancipação? Ou será que a teoria, apesar de revolucionária, em alguns pontos não pode compreender a mulher?

Segundo BIRMAN (2001), a teoria de Freud sobre a mulher pode ser dividida em dois momentos: um inicial, no qual desenvolve os “*Os estudos sobre a histeria*” (FREUD, 1892-95) e que marca o princípio da trajetória da psicanálise; e um momento posterior, no qual fala sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, desvelando novas teorias sobre o Complexo de Édipo, a escolha de objeto e sua relação para com ele. Também neste segundo momento entra em questão a inveja do pênis como característica feminina, assim como a beleza e a sedução sendo usadas como meio de superar sua inferioridade fálica.

É necessário passar por suas discussões sobre o pênis/falo, o qual Freud define não apenas como a diferença entre os sexos e a ruptura de gerações, mas também como base para identificações sexuadas na subjetividade masculina e feminina. Portanto sua teoria leva a crer que as diferenças anatômicas provocam diferenças subjetivas pautada por posse ou não do pênis. Muitas vezes esta distinção acaba por gerar uma interpretação não muito confiável da existência de uma hierarquia psicanalítica entre os sexos, na qual as mulheres seriam descritas como invejosas, menos dotadas intelectualmente e moralmente. Mas será que podemos afirmar que Freud teria sido tão descuidado e simplista?

1.1 Contexto histórico das construções iniciais da psicanálise

Neste ponto da discussão, podemos questionar o quanto Freud teria sido influenciado pelo contexto histórico e cultural de sua época. É sabido que, paralela a um ambiente cosmopolita e inventivo, Viena mostrava-se bastante rígida quanto a alguns costumes morais (MOTA, 2000), o que fica patente nos comentários sobre as histéricas e no enorme peso da repressão sexual pela qual passavam. Essas mulheres não tinham escolha quanto a trabalho e estudo, eram as responsáveis pela casa, criação dos filhos, possuíam um ideal de mães e esposas perfeitas. Ao menos esta é a imagem que possuímos a partir dos comentários de FREUD (1892-95) nos “*Estudos sobre a histeria*” sobre a força da repressão

¹ Por isso, o conceito de inconsciente foi uma revolução e uma ferida narcísica para a humanidade, como é citado no texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” (Freud, 1917).

sexual que pesava sobre essas mulheres, fato que não era descrito com tanta frequência entre os homens.

É importante ressaltar, no entanto, que não existiam apenas essas mulheres submissas e doentes de histeria na época de Freud. Comprovam isso relatos como os de Peter Gay, em seu livro *“The bourgeois experience. Victoria to Freud”*, em que, no Volume I, *“Education of the senses”* (GAY, 1984) e no Volume II *“The tender passion”* (GAY, 1986), se descreve uma sociedade mais “colorida” e cheia de mulheres ativas, sexuadas e certamente muito distantes da idéia de mães conservadoras ou histéricas. *“Education of the senses”*² é o primeiro de uma série de 5 volumes que mostram como pensavam e agiam certas mulheres e homens das classes médias européia e norte-americana desde 1820 até a Primeira Guerra Mundial. Peter Gay adota uma perspectiva psicanalítica e explora o negligenciado, mas fundamental papel que os impulsos e as emoções humanas desempenharam na formação da cultura vitoriana. Em *“A educação dos sentidos”*, Gay reexamina o comportamento e as atitudes sexuais dos casais do século passado, pondo por terra um sem-número de estereótipos, particularmente a noção de que as mulheres vitorianas seriam exageradamente reprimidas sexualmente. Baseando-se em fontes primárias, tais como: diários, cartas, autobiografias, textos médicos, relatórios sobre sexualidade, etc., ele reconstrói a vida privada dos cidadãos oitocentistas e, ao mesmo tempo, levanta importantes questões sobre os métodos anticoncepcionais, o aborto, a pornografia, o nu nas obras de arte, o medo da gravidez, a mortalidade infantil, a masturbação e as atitudes em relação às mulheres na época vitoriana. Pode-se dizer que Gay criou uma nova maneira de estudar os costumes de uma época por meio de estudos de casos encontrados nestes materiais.

Nas artes plásticas, as mulheres aparecem de forma sensual e mostram o poder por meio da sedução, deixando transparecer algo que por muito tempo foi considerado o lado negro e mais temido da feminilidade. Este tema aparece na obra de Gustav Klimt, pintor vienense. Este autor retrata tanto a figura da mulher que decepa o homem seduzido, revivendo o mito da sereia, quanto a da mulher acolhedora e amorosa. Estes quadros foram pintados em Viena na mesma época em que Freud desenvolvia seus trabalhos. Os quadros de Klimt: *“Judith Salomé I”*, pintado em 1901 (FIGURA 1) e *“Judith Salomé II”*, pintado em 1909 (FIGURA 2); retratam a mulher sensual e poderosa a carregar a cabeça decepada de um homem, enquanto que a obra intitulada *“Dânae”*, pintada em 1907/1908 (FIGURA 3), retrata a mulher feminina e acolhedora, tema que também é abordado em *“O Beijo”*, que foi pintado

² Traduzido no Brasil pela editora “Companhia das Letras” com o título *“Educação dos Sentidos”*

em 1907/08 (FIGURA 4). Apesar de Freud não citar estas obras, elas fazem parte do ambiente cultural em que vivia, no qual se constata, ao lado do terror representado pela sexualidade feminina, que havia também a aceitação e até um elogio de sua sexualidade.

Assim, fica claro que o contexto histórico em que a psicanálise se iniciou não era tão obvio como se poderia pensar. Nem conservadorismo, nem libertinagem, o conflito e a ambigüidade parecem ser as principais características deste período, no qual a psicanálise teve seu berço. Esta oposição de valores certamente gerava o mal-estar entre as mulheres, pois o destino de serem donas de casa ou mães dedicadas não era mais o único caminho. No entanto, ainda havia muita repressão àquelas que decidiam romper com as antigas tradições. Um exemplo desta ambigüidade foi Elizabeth, a conhecida paciente de FREUD (1895), que julgava o casamento o fim das possibilidades que seus estudos requintados ofereciam. O conflito está no fato de que ela não foi criada para ser simplesmente uma dona de casa como anteriormente eram educadas as mulheres. Ela experimentou o gosto da autonomia que seu pai rico e viajado proporcionou a uma filha mulher. Portanto, mesmo nas famílias burguesas, as coisas não estavam determinadas, e as mulheres passaram a contestar as imposições que pesavam sobre elas e a verdadeiramente sofrer com o fato de não poderem concretizar sonhos de vôo próprio.



FIGURA 1 Judith Salomé 1



FIGURA 2 Judith Salomé 2



FIGURA 3 – Danaë



FIGURA 4 – O beijo

1.2 História da Mulher

Além de uma retomada do contexto histórico freudiano, é importante realizar-se um retorno à história da mulher, para que possam ficar estabelecidas as referências de Freud na construção do projeto psicanalítico. Assim, historicamente, as funções consideradas femininas estavam associadas à natureza, ou seja, aos cuidados com a geração e educação sentimental familiar enquanto que as funções consideradas masculinas ficavam ligadas a características civilizatórias como a busca externa de condições para a sobrevivência. Portanto até o final do século XVIII e início do séc. XIX, as pessoas, inclusive as próprias mulheres, realmente acreditavam que a mulher era responsável pelas coisas da casa e da família (BIRMAN, 2001; ROUDINESCO, 2003).

Até os séc. XVII e XVIII, o trabalho da mulher deveria ser dentro de casa, pois, no final da era feudal, o trabalho das mulheres passou a ser considerado infame e desonesto, apesar de na camada mais pobre esta interrupção de trabalho fora de casa nunca ter ocorrido.

Um fato histórico que retrata bem a concepção familiar da época é que, até o séc. XVIII, era comum as mães deixarem seu filho recém-nascido com uma ama de leite que só o devolveria quando ele já estivesse andando. Apenas no séc. XIX, é que esse costume foi de fato abandonado, o que mostra que a partir desta época a família burguesa passou a se definir por laços afetivos mais fortes. Na obra de Freud, encontramos alguns fatos ligados à maternidade e aleitamento, como o que vem descrito no texto “*Um caso de cura pela hipnose*” (FREUD, 1893), em que a mãe não conseguia amamentar e sofria terrivelmente com isso. Esta mãe já não se encaixa no antigo modelo em que o aleitamento era tarefa das amas de leite, mas delineia o ideal de figura materna intensamente amorosa, tratando-se de uma construção moderna (BAUER, C., 2001; ARIÉS. P., 1981). Assim, a partir daí estabeleceu-se uma diferença de tarefas que determinou uma separação entre a vida pública e privada, as quais estariam relacionadas, respectivamente, com o mundo masculino e feminino. Portanto, ao mesmo tempo em que as mulheres ficavam presas em casa, os homens eram expulsos dela.

Neste contexto a figura da mulher deveria manter-se distante da sexualidade, já que a manutenção da família implica na maternidade como essência. A idéia corrente era a de que todo erotismo afastava a mulher de seu papel de esposa e, portanto, deveria ser eliminado ou proibido. A Igreja Católica contribuía com esta crença ao afirmar que uma mulher possuída pelo desejo é a personificação do mal. As mulheres, até mesmo antes da Idade

Média, traziam uma referência a algo demoníaco relacionado à figura das bruxas. A sensualidade e o mistério também estão envoltos nesta imagem, assim como o demoníaco e o sujo.

Michel Foucault desenvolve em seu livro “*História da sexualidade – Vol I*” (FOUCAULT, 2003) e “*História da sexualidade – Vol II*” (FOUCAULT, 2001) a teoria do biopoder, na qual existe uma hierarquia entre os sexos, às vezes velada, às vezes patenteada pelo Estado. Uma faceta do biopoder é a manutenção da saúde e perfeição dos corpos e tudo que lhes diz respeito, inclusive as atividades sexuais:

Desconfiança face aos prazeres insistência sobre os efeito de seu abuso para o corpo e para a alma, valorização do casamento e das obrigações conjugais, desafeição com relação às significações espirituais atribuídas ao amor pelos rapazes: existe no pensamento dos filósofos e dos médicos, no decorrer dos dois primeiros séculos, toda uma severidade da qual testemunham os textos de Éfeso ou de Marco Aurélio. (FOUCAULT, 2001, p. 45).

FOUCAULT (2001) deixa claro neste trecho que, a partir do séc. II d.C., houve uma inquietação e um apelo aos cuidados com o corpo e consigo mesmo, um controle que limita o prazer sexual ao casamento e à procriação. Mais explicitamente sobre a mulher, Foucault cita “A Econômica” de Xenofonte, a “República” ou “As Leis” de Platão e a “Política” e “Ética a Nicômaco” de Aristóteles. Estes textos inscrevem a reflexão sobre as relações conjugais num quadro amplo: a cidade, as leis, e os costumes.

O casamento dignificava o homem grego da época, tornava-o honrado, cidadão, moderado e justo. Baseados nos textos estoicos dos dois primeiros séculos, o modelo do casamento era considerado natural, visto que oficializava o encontro do macho e da fêmea, culminando na criação saudável dos filhos. Era considerado a base da comunidade social e oferecia proteção mútua e prazeres sexuais. MUSONIOS (In FOUCAULT, 2001) descreveu a reprodução como fator secundário no casamento, no qual o desejo de companheirismo, afeto e cumplicidade eram mais importantes. Já Hiérocles, precedido por Platão, afirmava que o homem é um ser conjugal. Porém a igualdade entre os sexos, mesmo no contrato matrimonial, não existia. A traição no casamento era considerada prejudicial para ambos, caracterizando devassidão e falta de controle. O adultério era considerado condenável juridicamente e moralmente a título de injustiça que era feita a um homem. O adultério era considerado um problema maior quando envolvia uma mulher casada, já que um homem estava sendo traído. Se um homem casado tivesse um caso com uma jovem solteira isso não iria configurar algo censurável. O homem casado poderia ter relações extraconjugais, pois apenas os direitos do

marido eram assegurados. A esposa deveria responder com pudor, delicadeza e compreensão aos erros do marido. Em Plutarco, as mulheres eram incentivadas a perdoar ou a fechar os olhos aos deslizes do marido.

Embora existissem divindades relacionadas à sexualidade e à união conjugal — como Hera, Afrodite e Eros — para os gregos, num casamento não deveria haver demasiado espaço para o sexo, pois aproximaria essa união legítima da devassidão. A idéia é a de que buscar prazer intenso com a esposa reduzi-la-ia à condição de prostituta. Desse modo, a mulher recebia atenção especial dos legisladores, sendo exortada principalmente por Plutarco e pelos neopitagóricos a manter uma atitude austera e pudica.

Essas idéias presentes na cultura helênica ganharam força na cultura cristã, e a partir da Idade Média, a Igreja Católica fez com que o mundo ocidental mantivesse essa hierarquia sexual de forma ainda mais acirrada. No cristianismo, a fidelidade relaciona-se com a salvação e a honra do homem junto da mulher. Vale lembrar que, também neste caso, as orientações quanto ao ato sexual eram rígidas e detalhadamente especificadas quanto a posições sexuais permitidas, quantidade de relações entre o casal e outros aspectos da vida conjugal.

Portanto, de forma panorâmica, a sexualidade pode ser mapeada, tal como descreve Laqueur em “*A fábrica do sexo*” (In BIRMAN, 2001, ROUDINESCO, 2003, e SAAD, 2002), no qual o historiador propõe a existência de dois paradigmas das relações entre os sexos: o primeiro, estabelecido por Aristóteles, refere-se ao sexo único e o segundo, constitutivo da modernidade, desenvolve o conceito da diferença sexual. No primeiro modelo, os dois sexos eram considerados um o inverso do outro e, portanto, a mesma coisa, apenas às avessas. No masculino, as genitálias ficam à mostra enquanto no sexo feminino a genitália, idêntica à masculina, mostrava-se invaginada; a diferença era portanto apenas espacial e posicional. Esta diferença espacial determinava toda a superioridade do sexo masculino, determinando um paradigma hierárquico. Isso porque, pautando-se pela oposição platônica entre luz e sombra, os genitais femininos acabam por se relacionar à obscuridade e à imperfeição. Além disso, a idéia da atividade masculina e passividade feminina já estava inserida neste contexto desde que o homem é aquele que fecunda a mulher que, passivamente, gera o filho.

Apenas no séc. XVIII, o paradigma de Aristóteles e Galeno foi descartado com o crescimento das idéias iluministas e a luta pela igualdade dos sexos, que culminou com a Revolução Francesa. Chama a atenção o fato de estudos anatômicos não terem provocado nenhuma alteração na concepção hierárquica, apesar de já demonstrarem que na constituição

biológica dos dois sexos havia oposição morfológica. Aliás, foram estas diferenças biológicas que apoiaram a continuidade das diferenças de direitos e a determinação de posturas tipicamente femininas, tais como os cuidados maternos, o calor, a afetividade, a responsabilidade pela casa, tudo em conformidade com a formação anátomo-fisiológica do corpo feminino.

A concepção moderna, apesar de considerar sexos diferentes, mantinha uma hierarquia bastante definida e na qual o sexo masculino era o modelo de perfeição, enquanto que o feminino relacionava-se ao imperfeito, obscuro e misterioso. A igualdade entre os sexos era defendida por alguns, mas a discussão mantinha-se como campo de batalha no qual a mulher continuava prejudicada em diversos aspectos (político, social, subjetivo, etc.).

A teoria sobre o biopoder que FOUCAULT (2003 e 2001) desenvolve, ilustra este momento histórico no qual a sexualidade era vigiada e controlada por meio de máximas sobre os cuidados com a saúde e com o corpo, deixando as diferenças no plano das degenerações e perversões. A mulher aparecia então como um ser instável e pronto a se tornar histérica a qualquer momento. Os cuidados com a saúde são máximas do biopoder e, portanto, as mulheres representam um desequilíbrio e uma ameaça.

Essa forma de encarar o perigo da sexualidade feminina aparece na mesma época em que a vida sexual masculina podia desfrutar de grande liberdade e isso contribuiu para o crescimento da prostituição no séc. XIX, já que o sexo ficava fora do ambiente da família: não podendo realizá-lo com suas esposas, os homens buscavam satisfação externamente, enquanto muitas mulheres adoeciam de histeria³.

Entre o final do séc. XVIII e o início do séc. XIX, acreditava-se que os desvios da mulher quando negavam a maternidade poderiam ser encontrados nas seguintes categorias: prostituição, ninfomania, infanticídio e histeria. Claramente se observa um moralismo nesta forma de encarar a mulher, no qual o que está em questão é a recusa da maternidade. Estes distúrbios podiam ser tratados como criminosos ou como manifestação de loucura, o que culminava com a internação destas mulheres em manicômios ou hospitais psiquiátricos.

Nas representações cristãs da união sexual conjugal, a mulher é sempre mostrada virada, com o dorso no chão. Ela deve deixar-se “laborar” como um fértil sulco pelo pênis do homem. O que incomodava os preceitos morais daquela época era a idéia de que um prazer proibido que invertesse a posição sexual assim descrita, colocaria a mulher como

³ Este fato foi analisado por Freud no texto “*Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*”(1908)

dominadora e enfeitiçadora, o que fatalmente inverteria também a ordem do mundo (ROUDINESCO, 2003).

Segundo BIRMAN (2001), a histeria seria um caso à parte, pois, apesar de também negar a ligação com a maternidade, esta patologia expressa rebeldia e erotismo no registro do imaginário: a histérica não suportaria ser prostituta, ninfomaníaca ou infanticida, mas gostaria de ser. A histérica fica no conflito entre o erotismo e a maternidade, presa, doente e mortificada.

Nesta visão de hierarquia construída por Foucault o discurso freudiano propõe argumentos para a desconstrução do biopoder e pode resgatar a mulher da imagem da figura maldita das históricas e degeneradas:

A mulher histérica se desenharia agora pelos imperativos de seu erotismo, assumindo então novas feições, nas quais se reconheceriam finalmente as belas produções do seu pensamento e suas virtudes éticas inexistindo naquela qualquer traço malévolo de degeneração. (BIRMAN, 2001, p. 172).

Desta forma a psicanálise teria resgatado, por meio de um discurso da saúde, a mulher histérica de uma condenação à loucura e subsequente exclusão social nos hospitais psiquiátricos. Não que as históricas fossem encaradas como saudáveis por Freud, o fato é que a loucura agora motivava a um tratamento e não simples condenação.

1.3 O movimento psicanalítico e as concepções do feminino

Os teóricos e psicanalistas criaram diferentes modos de encarar a mulher e a feminilidade. Muitas teorias foram criadas ao mesmo tempo em que Freud construía a psicanálise, outras vieram propor discussões de suas afirmativas. Segundo MACEY (1988) o fato de Lacan redefinir o falo e o gozo feminino mudou a perspectiva da determinação genital para uma determinação simbólica. Sua teoria sobre o gozo também mudou a concepção de feminilidade. (MACEY, 1988).

Antes dos lacanianos incendiarem a discussão com suas novas interpretações e construções teóricas, outros autores se destacaram. Dentro do movimento psicanalítico o tema da feminilidade e da sexualidade feminina provocou debates interessantes e bastante acirrados. Enquanto Freud se mantinha cauteloso, definindo o tema como um “continente obscuro” que deveria mesmo ser deixado à investigação de poetas, artistas e futuros cientistas

(FREUD, 1932), outros psicanalistas publicaram artigos com hipóteses diversas sobre a mulher e a feminilidade.

Antes de apresentar resumidamente alguns posicionamentos não freudianos sobre a feminilidade, é interessante refletir sobre a expressão acima citada sobre a feminilidade como o “Continente negro”⁴. Este termo foi utilizado por FREUD (1926) no texto “*A Questão da Análise Leiga*”, em que discute a possibilidade de não-médicos realizarem o tratamento psicanalítico. Neste artigo, Freud apresenta sua teoria por diversos ângulos e ao apresentar a sexualidade infantil na menina como área pouco conhecida escreve:

Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa situação; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um continente negro para a psicologia. (FREUD, 1926, p. 242).

Segundo MACEY (1988), na expressão “continente negro” há uma referência ao continente africano e à pesquisa arqueológica, expressando a dificuldade de acesso. Freud chega mesmo a comparar a descoberta psicanalítica da fase pré-edípica na mulher com a descoberta arqueológica da civilização mino-micênica, anterior à grega.

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edípica, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia. (FREUD, 1931, p. 234).

O continente negro, portanto, seria uma aventura rumo ao desconhecido (MACEY, 1988), tal como um continente distante e misterioso ou uma civilização anterior àquela já conhecida e antiga.

Freud publicou dois textos específicos sobre o tema da feminilidade: um em 1930 e outro em 1932, nos quais define o Complexo de Édipo na menina e faz alguns posicionamentos quanto à postura feminina diante da vida. Assim, apesar de cauteloso, ele definiu bases para uma discussão teórica intensa que seria desenvolvida por seus estudiosos. Em CHASSEGUET-SMIRGEL (1988) e GAY (1989), podemos encontrar pontos de vista de autores diferentes que participaram deste debate. Os autores que mostram pontos de vista psicanalíticos concordantes aos de Freud são Hélène Deutsch, Ruth Mack Brunswick e Marie Bonaparte e os autores de opiniões divergentes às de Freud são Karen Horney, Melanie Klein e Ernest Jones.

Pode-se perceber que as analistas mulheres muito escreveram sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, porém, segundo MACEY (1988), na opinião de Lacan,

⁴ No original em inglês “dark continent”, segundo a editora Imago, 1996.

“as damas” não contribuíram de fato para a discussão, pois, acrescenta, em tom irônico, que as analistas mulheres pouco podem dizer sobre o gozo da mulher. Mesmo com este alerta laciano, os pontos mais importantes destas aventuras psicanalíticas não-freudianas estão descritos a seguir.

1.3.1 Autores em concordância com Freud

1.3.1.1 - Hélène Deutsch

As contribuições de Hélène Deutsch estão distribuídas numa obra em dois volumes intitulada “*A Psicologia das Mulheres*”. MACEY (1988) considera sua teoria como extravagante e enfatizadora do sadismo anal e do masoquismo feminino, tendo contribuído com as discussões sobre a feminilidade de maneira um tanto quanto exagerada. Segundo esta autora, a menina, em seu desenvolvimento, tem de abrir mão da fase fálica para ingressar numa fase vaginal, termo inexistente na obra freudiana. Enquanto que o menino descobre a vagina no corpo de outra pessoa, a menina deve descobri-la em si mesma, e o faz por meio da submissão masoquista ao pênis. Para esta autora durante todo o desenvolvimento infantil e adolescente, o fluxo de energia pulsional advém da região clitoriana. Só envolverá a vagina depois da primeira relação sexual. É, portanto, o pênis que provoca a fixação da libido na zona vaginal durante a relação sexual. Porém, desta forma, toda a atividade fica com o homem, de forma sádica, por sua invasão ao corpo feminino. Depois de um tempo de maturação sexual, a vagina, que funcionava como um receptáculo do pênis, passa a ser o receptáculo do filho, e assim a mulher dá seus primeiros passos rumo à feminilidade. Esta autora dá tanta importância à maternidade e ao bebê que afirma que o parto seria como uma orgia de satisfação narcísica para uma mulher. O momento do nascimento do bebê seria o ato finalizador da relação sexual para a mulher. Deutsch não poderia deixar de lado o Complexo de Édipo e insere em sua argumentação que a menina troca a inveja do pênis pelo bebê que receberia do pai, tal como Freud havia afirmado. E ainda conclui que a vida da mulher é dominada pela tríade masoquista: castração = estupro = parto, enquanto que a frigidez nasceria das tendências masoquistas (CHASSEGUET-SMIGEL, 1988). A sexualidade e o orgasmo feminino aparecem aqui como um fator que não corresponde à saúde pois: mulheres saudáveis e boas esposas, não necessariamente apresentam orgasmo vaginal; enquanto que psicóticas e mulheres masculinas o possuem. Ela questiona a libidinização da vagina e afirma: o clitóris é o órgão do prazer e a vagina é o órgão da reprodução. E esta afirmação acaba por

questionar se a frigidez definida pelo orgasmo clitoriano pode mesmo ser chamada de frigidez, já que as características do sexo vaginal nas mulheres saudáveis são mesmo de passividade e ritmo definido pelo homem. Assim, ela define, portanto, um prazer na passividade.

1.3.1.2 Ruth Mack Brunswick

Ruth Mack Brunswick foi uma autora que também marcou a psicanálise do feminino afirmando que a infância é dividida em pares antitéticos ativo-passivo, enquanto que o desenvolvimento posterior leva o adolescente a dividir-se em feminino-masculino. Segundo esta autora, no início da vida, a criança é passiva e a atividade se desenvolve a partir de identificações com a mãe, relações que a criança reproduz na relação com os outros. A fase ativa-passiva, a chamada pré-edípica, é pré-fálica. No contato com o falo e paralelamente à castração, a criança, de ambos os sexos, ingressa no Complexo de Édipo, tal como Freud o descreveu. Na menina:

Suas tendências ativas são sublimadas nesse momento, e só muito mais tarde encontram seu objetivo real na relação da mulher com seu próprio filho e em sua completa e final identificação com a mãe ativa. (BRUNSWICK, In CHASSEGUET-SMIRGEL, 1975, p. 32).

Vê-se que esta autora inseriu posicionamentos complementares à posição freudiana e mantém-se de acordo com uma definição maternal da feminilidade. Afirmou também que existiria uma sensibilidade precoce da vagina, de origem anal. O desejo de ter um filho seria anterior à inveja do pênis, inclusive nos meninos.

1.3.1.3 Marie Bonaparte

Outra autora que dá seqüência aos comentários de Freud sobre a feminilidade é Marie Bonaparte, em seu livro intitulado “*A sexualidade da mulher*”. Seu interesse está voltado à frigidez nas mulheres, tema de interesse próprio, visto que Marie Bonaparte também sofria deste sintoma. A idéia de que a frigidez era causada pela distância entre a vagina e o clitóris fez com que Bonaparte se submetesse a uma intervenção cirúrgica que prometia a cura

da frigidez (MACEY, 1988). Três anos depois, ela relatou insatisfação com os resultados da cirurgia e dedicou-se ao estudo do masoquismo na mulher. Ela manteve as construções edípicas de Freud, mas acrescentou que a menina descobre seu sexo desde um investimento passivo no clitóris, ao que denominou zona cloacal, que incluiria tanto a zona anal quanto a vaginal nas meninas. Bonaparte afirmou que na fase fálica, a menina mostra-se ativa em sua sexualidade ligada ao clitóris, tal como Freud afirma. No Complexo de Édipo positivo, a menina abandona a fase fálica e se mantém numa fase passiva cloacal para com o pai. A mulher teria como característica predominante uma carência libidinal, que faz com que possa bem atuar como mãe e esposa, cuja preocupação está no cuidado da família. Porém, a esta mesma característica da carência une-se a bissexualidade na mulher que apresenta um erotismo convexo (masculinizado) ligado ao clitóris e um erotismo côncavo (feminino) que é ligado à posição passiva e, muitas vezes, frígida da mulher (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, pág. 35).

1.3.2 Autores em discordância com Freud

1.3.2.1 Josine Müller

Alguns autores, no entanto, criticaram fortemente as proposições freudianas; por exemplo, podemos citar Josine Müller no livro “*Contribuição do problema do desenvolvimento libidinal da fase genital na menina*” (escrito em 1925 e publicado em 1932). Neste texto, ela defende a idéia de que a vagina é o primeiro órgão genital feminino e que a libidinização clitoriana é posterior e defensiva. Justifica estas alterações pelo impacto repressor da cultura machista e inibidora da masturbação da menina.

1.3.2.2 Karen Horney

Karen Horney é outra autora que contribui para o debate com seu texto “*A negação da vagina*”, escrito em 1933. Ela constrói a idéia de que mesmo a mulher normal

tem de superar tendências masculinas durante toda a vida (menstruação, relações sexuais, gravidez, parto e menopausa), como se as mulheres tivessem que forçar a feminilidade, negando uma masculinidade que volta e meia ressurgir. Neste caso, o homossexualismo feminino deveria estar ligado à regressão da menina e ser muito mais freqüente que nos homens. Horney afirma que a sexualidade feminina caracteriza-se pelo ressentimento e que, mesmo na gravidez, a mulher vivencia a sensação de um substituto e não de uma realização instintual. Afirma também que a menina teme a destruição de si pelo defloramento e por isso tem motivos para manter a vagina desconhecida.

1.3.2.3 Melanie Klein

Não menos significativa, Melanie Klein em seu livro “*A Psicanálise das Crianças*”, publicado em 1932 escreve um capítulo especialmente dedicado ao desenvolvimento das meninas, intitulado “*A repercussão das primeiras situações ansiogênicas sobre o desenvolvimento sexual da menina*”. Não era a primeira vez que ela escrevia sobre a mulher, pois havia publicado em 1928 que o temor fundamental da menina está no interior de seu corpo. Klein afirma que a menina, ao frustrar-se com a mãe, busca o pênis do pai. Mas esta busca ao pai também é frustrada para a criança por perceber que o falo já foi possuído pela mãe. Então dirige seus ataques à mãe que possui o falo paterno. Até aqui não há nada que outros autores já não houvessem mencionado, mas o ponto teórico que a distancia de Freud e de outros psicanalistas é o fato de afirmar que o Complexo de Édipo na menina não se instala por tendências masculinas frustradas, mas sim por elementos instintuais femininos. O desejo pelo falo faz com que o pênis paterno mostre-se libidinizado, porém o fato de não possuí-lo dota-o de qualidades agressivas. Assim, a menina introjeta este objeto no núcleo de seu superego, o que o torna mais forte e mais severo. Posição oposta à de FREUD (1930 e 1932), que estabeleceu nos textos sobre a feminilidade que o superego feminino é mal acabado e volúvel. Ela prossegue, desenvolvendo a teoria de que há fantasias de objetos maus internos à mulher, que devem ser destruídos na relação sexual pelo pênis do homem, o que constitui sua posição masoquista e define o homem como sádico. Klein também afirma que o Complexo de Édipo na menina (assim como no menino) é precoce, surgindo na fase oral, por uma equivalência seio=pênis. Desta forma, a receptividade oral do

seio funciona como elemento comparativo para a receptividade vaginal, e é, portanto, primário. Sendo assim, a inveja do pênis é secundária.

1.3.2.4 Ernest Jones

Ernest Jones também é um autor que contribui para o debate, introduzindo questões importantes. Jones, como Klein, defende que a menina na oralidade já tem investimento no pênis. Também defende que a erotização anal se relaciona com a vaginal. Assim como Klein, Horney e Deutsch, Jones faz distinção entre a inveja do pênis auto-erótica e pré-edípica e a inveja erótica edipiana, em que esta última se aproxima mais do desejo de fato. Se antes queria um pênis para possuir e assim tornar-se ser fálico, depois da passagem à feminilidade quer ser possuída por um pênis. Se no desenvolvimento normal da menina houver decepção com o pai, ela retroage ao momento em que gostaria de possuir um pênis.

As mulheres homossexuais dividem-se entre as que mantêm seu interesse pelos homens, mas gostariam de ser consideradas como um dentre eles, e as que não se interessam pelos homens, mas pelas mulheres, representando estas, para ela, sua própria feminilidade, da qual não podem gozar diretamente. (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 44).

Jones retoma a discussão entre Horney e Freud nos seguintes termos: se Freud defende que a menina, por medo da feminilidade castrada, pode regredir à fase fálica, é porque ele faz uma equivalência entre pênis e clitóris, mas, como Horney, Jones acredita que não se trata de regressão, mas de neoformação. Também contrariamente a Freud, defende que os desejos vaginais são bastante precoces e acredita que todos os orifícios podem apresentar fantasia de penetração e assumirem a forma receptiva tipicamente feminina. Por isso, Jones defende a oralidade como o primeiro modo de satisfação feminina, como um representante da receptividade tipicamente feminina. A única coisa que muda é que, ao invés do seio, as meninas passam a desejar o pênis.

Seria interessante comentar um último tópico de interesse ligado a este autor. Trata-se da afirmação de que a fase fálica seria uma reação de defesa contra o medo da feminilidade como algo primordial; tanto na menina quanto no menino⁵.

⁵ Esta idéia seria como um germe daquilo que Birman (2001) afirma sobre a feminilidade original - tema que será desenvolvido em capítulo posterior.

Tal como Klein, Jones apresenta concepções teóricas que podem ser consideradas exageradas ou até “psicotizantes”, pois se tem a impressão de que os equivalentes fálicos – seio, pênis, bebê – estão conscientes para a menina (MACEY, 1988). Apesar de causar certo espanto com hipóteses que falam de conteúdo inconsciente, devemos reconhecer em Jones um esforço claro para superar uma possível hierarquia entre feminino e masculino, por meio de uma definição positiva de feminilidade e não simplesmente como o inverso da masculinidade. No trecho a seguir, o comentário sobre Jones é esclarecedor:

O desejo de ter um filho não é nada senão o desejo de incorporar o pênis para dele fazer um filho. O desejo de um filho, contrariamente ao que diz Freud, não é uma compensação pela falta de pênis, é um desejo feminino em si. (...) Não vejo a mulher como um homem fracassado. (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 51).

1.4 A escola lacaniana

A escola lacaniana põe ainda mais lenha na fogueira das discussões sobre a sexualidade feminina e sobre a mulher. Segundo MACEY (1988), a feminilidade também é um tema obscuro para Lacan. Inicialmente, ele foi considerado como um autor que manteve posicionamento falocêntrico em relação à mulher, porém também é admitido (MITCHELL, 1988) como um psicanalista que pode oferecer uma trégua entre a psicanálise e o feminismo.

Lacan tem um percurso inicial estudando as psicoses e a criminologia, no qual a feminilidade é tocada apenas indiretamente. Apenas em 1958, com a publicação de “*A significação do falo*” e “*Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*”, é que expõe diretamente o tema que será aprofundado em 1972-73 em “*O Seminário, livro 20 – Mais Ainda*”. Em seu percurso, o conceito de falo e pênis se renova e proporciona outras interpretações para a feminilidade descrita por Freud:

O discurso da feminilidade de Freud em termos da ausência de pênis: Lacan coloca a mulher em termos da sua relação negativa ou problemática com o significante “falo”. (MACEY, 1988, p. 185).

Porém a distinção entre falo e pênis não se dá de forma clara na obra de Lacan. MACEY (1988) chega a questionar se a distinção entre falo e pênis na obra lacaniana não se trata apenas de um eufemismo e não de uma verdadeira troca conceitual. Em alguns momentos da obra de Lacan, o conceito de falo fica bastante ligado ao valor simbólico, distanciando-se do pênis como órgão, porém isso não é uma constante. Em 1951, define falo

como uma forma de imagem corporal. No seminário de 1954 – 55 e no de 1955 – 56, Lacan forja um novo conceito de “Penisneid”, que seria uma inscrição na mulher do valor simbólico do pênis. Em 1956, quando aborda o Complexo de Castração, Lacan define o falo como objeto imaginário e, em 1957, como função imaginária, como significante do desejo⁶. Esta distinção entre pênis e falo na obra freudiana não existiria, apenas as traduções para o inglês americano e para o francês nos forçam ao questionamento. (MACEY, 1988).

Uma coisa é certa, encontra-se nas teses lacanianas a possibilidade de afirmar que o pênis é o órgão masculino, mas o falo é um significante que circula entre homens e mulheres. Esta tese fez com que muitos autores adotassem Lacan como o psicanalista ideal para refutar o determinismo genital (MACEY, 1988).

Porém, mesmo entre os lacanianos, também apareceram teóricos que se atrapalharam com as derivações conceituais e produzem idéias como as de Lemoine-Luccione (MACEY, 1988), que defendem a construção de formações subjetivas duplas na mulher, já que ela possui dois órgãos genitais. Trata-se de um exagero que tem origem na divisão freudiana entre a zona clitoriana e vaginal.

A teoria de Freud rompeu o silêncio do Salpêtrière ao expor a sexualidade feminina e compreender o discurso histérico, enquanto que Lacan apontou o silêncio da feminilidade refletida na imagem da estátua do êxtase de Santa Teresa (FIGURA 5). Esta imagem de 1645-1652 encontra-se na Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma, e foi esculpida em mármore e ouro por Gian Lorenzo Bernini. A estátua é típica do barroco italiano, retratando a experiência de Santa Teresa de Ávila trespassada por uma seta de amor divino lançada por um anjo. A obra retrata uma faceta da mística cristã, em que as dádivas divinas parecem conter erotismo e sexualidade no êxtase da fé. Em seus escritos Santa Teresa relata que:

Um anjo traspassou-a com uma lança cuja ponta estava ardente em fogo. ‘Depois que ele retirou a lança, parecia-me haver arrancado as minhas entranhas, e, quando ele me deixou meu coração ardia em ardentes chamas de amor por Deus. A dor foi tão forte que cheguei a chorar várias vezes, mas tão grande foi também a doçura deste sofrimento, que eu não quis perdê-la’. (HOCKE, 1974, p. 67).

⁶ Para Serge Leclair (MACEY, 1988), o pênis é parte do conceito de falo, que parte da distinção anatômica e chega a uma valorização simbólica.



FIGURA 5 – O êxtase de Santa Teresa

Na estátua, há a aproximação do profano e do místico, pois, no retrato do êxtase religioso, há a referência a algo mais mundano relacionado ao mundo da sexualidade. Isso não ocorreu por mero acaso: a igreja almejava criar uma arte para o povo com a finalidade de propagar a fé católica, por isso as obras de arte deveriam tocar as pessoas. Algumas obras pareciam até mesmo exagerar neste intuito e irritar os líderes do Vaticano, como ocorreu com esta obra de Bernini (HAUSER, 1972).

Cabe ainda uma definição mais detida do termo êxtase, que, segundo o dicionário MICHAELIS (2000) significa estado de alma em que os sentidos se desprendem das coisas materiais, absorvendo-se no enlevo e contemplação interior, ou mesmo um arrebatamento ou raptó dos sentidos, causado por uma grande admiração ou por um vivíssimo prazer que absorve todo e qualquer sentimento.

Estes comentários sobre a obra de arte permitem melhor compreender por que diversos autores da psicanálise se interessaram por Santa Teresa, autores como Breuer, Bonaparte e Lacan. Este último acreditava que o mistério da feminilidade estaria contido nesta imagem, que bastaria então penetrar na misteriosa igreja gótica e contemplar a Santa.

É como para Santa Tereza- basta que vocês vão olhar em Roma a estátua de Bernini para compreenderem logo que ela está gozando, não há dúvida. E do que é que ela goza? É claro que o testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem nada dele. (LACAN, 1972-73, p. 103).

Segundo MACEY (1988), apenas a contemplação não bastou, pois Lacan não pode ouvi-la. O silêncio de Santa Teresa é implacável, ao ver a imagem sabe-se que naquele momento de orgasmo místico ela nada pode dizer, como se estivesse vivendo uma pequena morte, um momento no qual não comanda seu corpo ou sua consciência.

Lacan, portanto, toma a imagem de Santa Teresa para penetrar em seu tema central: o gozo. Macey comenta que em francês, há de se diferenciar dois termos comumente confundidos: o termo mais usado por Lacan é “jouissance” que refere-se à orgasmo, posse do corpo, gozo; e o segundo termo é “jouir” que também refere-se a prazer intenso porém, com uma espécie de ambigüidade que incluiria dor intensa e que poderia levar a perda da consciência, como no relato de Santa Teresa e que também se relaciona ao que foi encontrado em seu relato;

Mas *jouir* pode ambigüamente, referir-se a uma experiência de dor que causa momentaneamente a perda da consciência, a “doce dor” ou “prazer intolerável” referido num poema de Richard Crashaws que diz que Santa Teresa é um exemplo perfeito de ambigüidade deste tipo. (MACEY, 1988, p. 202).

O termo “jouissance” na obra de Lacan é utilizado sempre no singular tal como um substantivo, na tradução brasileira aparece como “o gozo”. O conceito de gozo passa a ser definido ao longo de sua obra em textos como “A subversão do sujeito”, no qual se aventura pela distinção entre gozo e desejo. Lacan constrói o grafo do desejo (FIGURA 6) na busca de definir seu sujeito epistemológico e os caminhos que este percorre na rota do desejo. A pergunta: “O que deseja?” surge com enigmática importância e apresenta resposta estonteante, pois que responde às avessas remetendo ao mundo externo: “desejo é sempre desejo do outro” (MACEY, 1988).

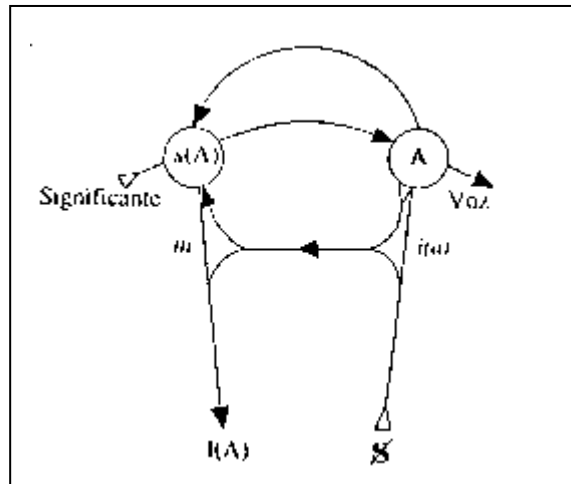


FIGURA 6 - grafo do desejo

Referentemente ao gozo, feminino Lacan comenta sobre a satisfação da mulher em ser olhada, colocando-se em posição de objeto a ser contemplado: “A satisfação da mulher que sabe que está sendo olhada, na condição de ele não mostrar que ele sabe, que ela sabe.” (MACEY, 1988, p. 206)

A questão é que Lacan insere uma diferença no gozo feminino: ao contrário de Freud, ele propõe um gozo não-fálico. Assim, ele amplia as possibilidades femininas de satisfação de forma inovadora.

A frase mais provocante de Lacan sobre a mulher é sem dúvida: “a mulher não existe”⁷. Ele utiliza o artigo definido cortado graficamente com um risco:

~~La~~ femme n'existe pas

O ato de cortar o artigo definido representa a incapacidade de definição de uma mulher como categoria uniforme. Não é tão simples quanto na teoria de Simone de Beauvoir, que defende a idéia de que uma mulher não nasce pronta, mas é moldada pela sociedade. Lacan pretende ir além de uma sociologia, pois afirma que a mulher não existe, pois não há relação entre o feminino e a simbolização. Lacan em “*O Seminário, livro 20, Mais Ainda*” (1972-73) chega a afirmar que, numa relação heterossexual, um homem é um significante que uma mulher busca, mas o contrário não se mantém, visto que o homem busca na mulher algo que escapa a seu discurso. Em “*O Seminário, livro 3, As Psicoses*”, LACAN (1955-56) afirma que o sexo feminino não pode ser simbolizado, pois tem caráter de ausência, vazio, buraco. Assim, Lacan acredita que as mulheres não podem falar sobre seu sexo e acaba por condenar a mulher ao silêncio ou à não-existência (MACEY, 1988).

⁷ Em francês “la femme n'existe pas”, em inglês “woman does not existe”(MACEY, 1988)

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras, e temos mesmo que dizer que se há algo de elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto – simplesmente, elas não sabem o que dizem, é toda a diferença entre elas e eu. (LACAN, 1972-73, p. 99).

MAUD MANNONI (1999) ainda utiliza outra explicação para a frase lacaniana enigmática “A mulher não existe”, ela acredita que Lacan dizia nestas palavras que, não seria possível nenhuma definição padronizada e correta sobre o que é ser mulher. Em “*Totem e Tabu*” (FREUD, 1913), todos os homens são definidos por estarem sujeitos à castração exceto um, o pai tirânico. O universal se baseia num real que seria uma exceção a ele. As mulheres não são totalmente sujeitas à castração, à lei. Falta a exceção que as defina, falta aquela uma que houvesse escapado da castração. Quando Lacan afirma “Elas não sabem o que dizem, é toda a diferença que há entre elas e eu”, retrata a opinião de que os analistas homens mantiveram posicionamento inovador, enquanto as mulheres pouco contribuíram teoricamente sobre o gozo feminino. Também parece referir-se ao silêncio do gozo de Santa Teresa, que se generalizou, em Lacan, para todas as mulheres, um tipo de gozo excluído do simbólico.

Lacan não muda a teoria de Freud sobre o Complexo de Castração e é neste sentido que ele se mantém numa postura falocêntrica, pois mantém a definição da mulher e da feminilidade sempre em relação ao falo. Sua mudança se dá basicamente na inserção do gozo feminino como um mais além. MACEY (1988) insiste em que Lacan não pôde resolver o enigma feminino e o misterioso continente obscuro permanece impenetrável e mal iluminado. Este tema será retomado no último capítulo desta pesquisa.

Na obra de Freud muitos elementos são lançados e as diversas teorias que derivaram dela podem ser vistas com olhar mais crítico e esclarecido. A feminilidade e a sexualidade feminina na obra de Freud é o tema a ser desvendado nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2 A Clínica freudiana da feminilidade e da mulher

As mulheres sempre foram tema de interesse de Freud, mesmo que isso não fosse seu principal enfoque. Por exemplo, quando estudou a histeria, as figuras femininas estavam sempre presentes. Os estudos freudianos sobre a sexualidade e sobre os fenômenos sociais também incluíam a mulher e suas especificidades. Na seqüência, serão apresentadas as contribuições iniciais sobre a histeria e outras patologias; os casos clínicos descritos em “*Estudos sobre a Histeria*” (FREUD, 1895), além do caso Dora em “*Fragmento da análise de um caso de histeria*” (FREUD, 1905) e da jovem homossexual em “*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*” (FREUD, 1920).

2.1 Histeria e outras patologias investigadas na fase inicial da psicanálise

Nas primeiras publicações de Freud que são documentadas nas “Obras Completas”, existe uma série de textos que delineiam o tema da histeria. Muitos destes textos parecem apenas estudos de um jovem ainda acadêmico e muito ligado a seus mestres. Assim, baseando-se em estudos aprofundados sobre a literatura de sua época, Freud iniciou seus questionamentos e arriscou respostas que foram construindo a psicanálise.

No texto “*Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*”, FREUD (1886), descreve as experiências teóricas e práticas importantes que a “Bolsa de Estudos do Fundo do Jubileu Universitário”, referente ao ano de 1885-6, lhe proporcionou, principalmente seus estudos sobre a escola francesa de neuropatologia, que havia lançado novos rumos ao estudo da histeria. O Salpêtrière foi o primeiro local visitado por Freud na França, onde Charcot desenvolvia suas pesquisas sobre as doenças nervosas crônicas. As possibilidades de freqüentar outras conferências e hospitais com outros professores foi abandonada por Freud, que percebeu que no Salpêtrière é que haviam mais do que simples relatórios com boa retórica. A admiração pela figura do professor aberto a questionamentos e dedicado a patologias pouco estudadas, como as neuroses, encantou Freud. Os estudos de Charcot sobre os pacientes histéricos (homens e mulheres) chamaram a atenção de Freud, pois mostravam um estudo pormenorizado dos sintomas da patologia histérica, diferenciando de outras afecções nervosas. Estes estudos buscavam se libertar de preconceitos ligados a histeria e a

irritação genital principalmente quando se tratavam de mulheres. Mas os estudos com homens também se destacaram, pois havia pouco material teórico sobre estes casos. A grande novidade que aparece no trabalho de delimitação da sintomatologia neurótica é a própria constituição de uma doença orgânica que estava totalmente vinculada ao psiquismo. Neste período Freud mostrou desconfiança e surpresa no uso da hipnose por Charcot, mas afirma que seus resultados são inegáveis para quem conhece a aplicação da técnica. Podemos notar que a semente fora lançada, e Freud retornaria a Viena com uma possibilidade de modificar as concepções sobre a histeria. Neste texto ele não entra em detalhes sobre casos clínicos ou mesmo construções teóricas mais aprofundadas, mas é possível notar a reviravolta que estas viagens causaram.

No texto “*Histeria*” FREUD (1888) trabalha com a definição e com a origem histórica desta patologia. Para isso inicia com o estudo semântico do termo: a palavra “histeria” relaciona-se a “útero” e tem origem na medicina, pois estava vinculada ao aparelho sexual feminino. Pouco se conhecia sobre a doença, e uma série de teorias foi criada para explicá-la. Freud comenta que, na Idade Média, a doença (histeria) também era vinculada ao sexo feminino, com características epidêmicas e fortemente ligada à possessão e à feitiçaria.⁸ O preconceito em torno desta doença teria sido superado apenas com os estudos de Charcot e seus discípulos, que conceituaram uma doença nervosa com sintomatologia bem definida. A grande histeria teria como principais sintomas: ataques convulsivos, zonas histerógenas, distúrbio da sensibilidade, distúrbio da atividade sensorial, paralisias e contraturas. Também observa a etiologia genética desta patologia, assim como a importância secundária da sexualidade. É importante lembrar que neste contexto histórico Charcot e o próprio Freud tentavam fugir da determinação da histeria por distúrbios sexuais, afinal isso fora feito séculos antes com conteúdos morais que geravam condenação, e o intuito destes estudiosos era o tratamento, ou ao menos a classificação científica da doença.

Neste texto Freud dá tratamento médico à histeria e pouco fala da compreensão da doença. Comenta que a probabilidade de mulheres apresentarem a histeria é maior do que homens apresentarem a mesma doença, mas mesmo assim deixa claro que muitos diagnósticos de histeria em mulheres são na verdade casos de neurastenia. Estes esclarecimentos marcam a distinção entre a histeria e a mulher, já que nem toda mulher é

⁸ BIRMAN (2001) também descreve a história da histeria em seu livro “Gramáticas do Erotismo” e conta que, na Grécia Antiga, a histeria era tida como uma epidemia feminina em que o útero podia deslocar-se por dentro do corpo da mulher e, por isso, causava dores e ataques convulsivos. ROUDINESCO (2003) cita a histeria como um dos aspectos que delineia a inferioridade emocional das mulheres, como se estivessem sempre a ponto de caírem em transe e perderem o controle de si.

histérica trata-se apenas de uma ligação entre o feminino e a histeria. Esta ligação não é explicada neste momento, e até minimizada, pois fala da histeria masculina e de um exagero de certos teóricos que relacionavam a histeria a uma doença da mulher. Freud ainda não havia se referido diretamente à mulher como especificidade, estava estudando uma patologia, e nada discorrera sobre a feminilidade.

FREUD (1893) relata um caso clínico chamado “*Um caso de cura pelo hipnotismo com alguns comentários sobre a origem dos sintomas histéricos através da contravontade*”. Neste texto, narra a história de uma mulher que, após dar à luz seu filho, se vê impossibilitada de amamentar. Freud utiliza a sugestão hipnótica para induzi-la a amamentar a criança e obtém a cura. Freud percebeu que o que estava por trás deste sintoma (impossibilidade de amamentação) era o fato de a paciente possuir idéias contraditórias àquelas que acreditava serem de maior importância. Estas idéias antitéticas não se manifestavam, pois a paciente conseguia excluí-las de suas associações conscientes. Além de documentar a curiosa capacidade da histérica em vivenciar intenções opostas e conviver com todo o sofrimento envolvido neste processo, Freud concluiu que a gravidez e o parto para uma mulher são momentos decisivos na eclosão de uma neurose que estava latente. A vivência de gerar um filho e trazê-lo ao mundo é algo específico da mulher e, por isso, a maternidade entraria na questão da feminilidade desde o princípio da obra freudiana.

Esta discussão tem prosseguimento no caso narrado a seguir, no qual Freud descreveu outro sintoma de contravontade, em que uma mulher faz um estalo com a língua. Trata-se de uma mãe que:

...exausta com suas angústias e dúvidas acerca de suas tarefas de cuidar da criança enferma, tomou a decisão de não deixar que sequer um som saísse de seus lábios, com receio de perturbar o sono da filhinha, o qual tinha custado tanto a vir. Mas, no seu estado de exaustão, mostrou-se mais forte a concomitante idéia antitética de que ela, não obstante, *podesse* fazer um ruído; e essa idéia teve acesso à inervação da língua, que sua decisão de manter-se em silêncio talvez pudesse ter-se esquecido de inibir, irrompeu no fechamento dos lábios e produziu um ruído que daí em diante permaneceu fixado por muitos anos, especialmente depois que se repetiu a mesma sucessão de fatos. (FREUD, 1893, p. 166).

Nestes exemplos de contravontade, Freud analisa a divisão do ser humano e, de forma especial, do neurótico, como uma capacidade de desejar coisas opostas. No caso destas pacientes, fica evidente que a divisão da consciência era pautada por normas morais e

sociais vinculadas a um ideal de maternidade. A capacidade de amamentar e cuidar bem de seus filhos parece ser tão importante quanto perigosa, por isso o conflito e o recalque⁹.

Pode-se perceber que havia, na manifestação teórica de Freud, uma postura moral que sugere a idéia de que uma mulher saudável seria uma mulher capaz de bem desempenhar seu papel de esposa e mãe. Mas tanta dedicação à família e à casa, vinculada a uma formação mais pretensiosa, faz com estas mulheres adoeçam pela contrariedade de seus pensamentos e desejos, como apareceu nos dois casos citados acima e nas descrições sobre as patologias a seguir.

Para alguns autores lacanianos, Freud teria confundido a histeria com a feminilidade (BIRMAN, 2001). Apesar de definir a histeria como uma patologia, Freud tentou responder por que seriam as mulheres as mais afetadas pela histeria e, neste momento, se referiu a características das mulheres que facilitariam o surgimento da doença, de forma que qualquer mulher poderia desenvolvê-la. No texto “*Observações adicionais das neuropsicoses de defesa*”, FREUD (1896) fala sobre os possíveis fatores etiológicos da histeria relacionados à passividade tipicamente feminina:

Descobri um determinante específico da histeria — a *passividade sexual durante o período pré-sexual* — em todos os casos de histeria (inclusive dois casos masculinos) que analisei. Não é necessário fazer mais do que uma menção ao enorme grau em que ficam diminuídas as alegações em prol de uma predisposição hereditária em face desse estabelecimento de fatores etiológicos acidentais como sendo determinantes. Além disso, fica aberto um caminho para se compreender por que a histeria é tão mais freqüente nos membros do sexo feminino, pois, já na infância, estes são mais suscetíveis de provocar ataques sexuais. (FREUD, 1896, p. 164).

A questão da passividade, como fator essencial do feminino, aparece desde o início da obra de Freud, como neste texto de 1896, e será pauta de discussão adiante, pois parece ter importância para a compreensão da teoria psicanalítica sobre a mulher.

Por um lado, a maternidade tem um peso enorme para as mulheres, por outro lado encontra-se a sexualidade feminina. Por mais que maternidade e sexualidade andem juntas, parece haver um abismo moral entre estes aspectos. A idéia da maternidade mantém-se bem aceita socialmente, porém a sexualidade feminina, que até pouco tempo era o único meio

⁹ ROUDINESCO (2003) fala da importância que a maternidade teve na construção da mulher como figura independente. Isso parece contraditório, mas o fato da mulher passar a ser a responsável pelos afazeres domésticos e pelos filhos faz com que ela fosse peça importante na engrenagem social humana. As amas de leite e funcionárias que criavam as crianças até idade avançada foram substituídas pela mãe responsável pela criação dos filhos. As mulheres só a partir daí conseguiram inserir-se socialmente, e a sexualidade feminina começou a aparecer. Portanto, a maternidade nem sempre foi uma preocupação central feminina e, na sociedade de Freud, ela aparece como função primordial num casamento e na vida de uma mulher.

para uma mulher alcançar a maternidade, fica ligada ao pecado, à devassidão e ao descontrole (FOUCAULT, 2001). Freud relacionou a sexualidade com o surgimento dos sintomas histéricos, como é apontado no texto “*Histeria*” (FREUD, 1888), no qual comenta a diminuição da ocorrência da histeria entre as jovens recém-casadas e um retorno da patologia após um tempo de matrimônio. Portanto, a vida sexual das mulheres estava ligada à manifestação da doença. Pode-se notar que esta conclusão de Freud difere das tentativas de Charcot de criar uma teoria científica sobre a histeria, que fugisse da antiga concepção de uma doença sexual feminina ou de qualquer ligação com a sexualidade feminina.

Sobre as patologias que uma mulher pode desenvolver, Freud nota que a mistura entre histeria e neurastenia é bastante comum. Esta neurastenia em mulheres seria proveniente da neurastenia de seu marido, que, por apresentar um desenvolvimento sexual prejudicado, acabava por conduzir sua esposa a uma situação de risco de desenvolver a histeria (FREUD, 1893). Nessa época, Freud estava se referindo concretamente as relações sexuais e concluiu que se o homem utilizava de técnicas como coito interrompido, por exemplo, a mulher também iria desenvolver reações problemáticas. Esta concepção biológica da sexualidade se modifica conforme Freud começa a percebê-la como uma postura subjetiva.

Um material de pesquisa interessante são as cartas a Fliess, nas quais Freud mostra suas idéias de forma mais livre da pressão acadêmica e científica contida nos textos publicados por ele. Assim, muitas das idéias mais ousadas de Freud apareceram primeiramente nas cartas a Fliess e, depois, em sua obra publicada.

Na “*Carta 18*”, por exemplo, FREUD (1894) fala de suas idéias sobre a vida sexual saudável como forma de prevenção da neurose e neurastenia. Nesta época, Freud possuía uma visão bastante prática da sexualidade, não poupando conselhos sobre o ato sexual e as condutas sociais envolvidas neste ato. Encontramos um Freud com preocupações e orientações médicas que depois serão abandonadas. Desta forma, FREUD (1895) afirma que, desconsiderando-se sua predisposição inata, encontra-se a neurose de angústia nos seguintes casos: angústia virginal, angústia da recém-casada, mulheres de homens que utilizam de técnicas como o coito interrompido, viúvas, abstinentes e angústia no período do climatério. Portanto, mantendo a sexualidade com uma visão biológica.

A partir destes trechos, é possível perceber a visão organicista e médica de Freud sobre as questões da sexualidade, pois trata a histeria como fruto de disfunção sexual. Suas afirmações lembram as antigas crenças, descritas por FOUCAULT (2001) de que uma mulher que não mantivesse relações sexuais ou que demorasse para ter filhos poderia desenvolver a histeria. Assim, enquanto Charcot tentava construir uma explicação científica

que se afastasse da sexualidade feminina como etiologia da neurose, Freud não pode negar a relação entre a vida sexual e o surgimento da patologia. Posteriormente, a teoria freudiana traria reformulações importantes por argumentar que o comportamento sexual vai muito além do coito.

A partir desta idéia, podemos observar que Freud às vezes também se prendia ao modelo mais conservador de lidar com as mulheres e não pôde escapar destas tendências. Ele mostrou os cuidados que um homem deve tomar para com a mulher neste comentário a Flies numa de suas correspondências, o “*Rascunho B*”, denominado “A etiologia das neuroses” (FREUD, 1893):

Estou escrevendo tudo uma segunda vez para você, meu caro amigo, e em prol de nossos trabalhos em comum. Naturalmente, você manterá este rascunho longe de sua jovem esposa.

I. Pode-se tomar como fato reconhecido que a *neurastenia* é uma conseqüência freqüente da vida sexual anormal. Contudo, a afirmação que quero fazer e comprovar por minhas observações é que a neurastenia é sempre *apenas* uma neurose sexual. Adotei uma opinião semelhante (juntamente com Breuer) com relação à histeria. A histeria traumática era bem conhecida; o que afirmamos, além disso, foi que *toda* histeria que não é hereditária é traumática. Do mesmo modo, afirmo agora que *toda* neurastenia é sexual. (FREUD, 1893, p. 223).

Tanta precaução para com os assuntos da sexualidade mostra a visão de Freud sobre as mulheres como se precisassem de mais cuidado; não se sabe se entra em questão um julgamento da inteligência ou de pura moralidade e – por que não? – vergonha. Este clima tipicamente vitoriano pintado pelo próprio Freud faz com que surja a teoria da repressão das idéias a partir da repressão da sexualidade. Podemos encontrar um exemplo de repressão de idéias consideradas inadequadas e que levariam ao desenvolvimento da patologia em seu “*Rascunho H*” (FREUD, 1895), denominado “*Paranóia*”, em que Freud narra o caso de uma paciente tratada por Breuer que conscientemente não deseja lembrar de algo:

Ela estava se poupando de algo; algo que fora recalcado. Podemos entrever o que era. Provavelmente, na realidade, ela ficava excitada com o que viu e com a lembrança do fato. Logo, estava-se poupando da censura de ser uma “mulher depravada”. (FREUD, 1895, p. 255).

No texto “*As Neuropsicoses de defesa (tentativa de formulação de uma teoria adquirida, de muitas fobias e obsessões e de certas psicoses alucinatórias)*”, FREUD (1894) fala sobre o mecanismo de conversão, típico da histeria:

Na histeria, a representação incompatível é tornada inócua pela *transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática*. Para isso eu gostaria de propor o nome de conversão. (FREUD, 1894, p.56).

É correto afirmar que a maioria dos pacientes histéricos são mulheres, e que muitas adoecem desta neurose. Assim, a conversão histérica seria um processo de adoecimento que fala muito da mulher da época de Freud. Neste caso a repressão da sexualidade, gerada por conflitos morais profundos, se manifesta no adoecimento do corpo. Podemos ver claramente como as concepções de um corpo muito ligado aos fatores emotivos e psicológicos na obra freudiana gerava uma nova visão para as doenças nervosas. Também se pode notar que a sexualidade começa a tomar uma definição mais abrangente do que o simples ato sexual, pois Freud parece tomar a idéia de um corpo erotizado no qual o desejo sexual passa a envolver diversas atividades que não o ato sexual, como será apresentado nos capítulos a seguir. A sexualidade, vista assim, passa a formar a base para a teoria pulsional.

Porém não foi apenas na histeria que Freud encontrou a repressão sexual. Nas obsessões e fobias, isso ocorre por outra via, mas igualmente aponta às idéias que devem ser rejeitadas da consciência. No texto “*Neuropsicoses de defesa*”, FREUD (1894) descreve os processos de formação do sintoma obsessivo:

Quando alguém com predisposição à neurose carece da aptidão para a conversão, mas, ainda assim, parece rejeitar uma representação incompatível, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa “falsa ligação”, tais representações se transformam em representações obsessivas. (FREUD, 1894, p. 58).

O estudo das obsessões e fobias pode muito contribuir com o estudo da feminilidade, pois muitas das situações citadas por Freud envolvem sintomatologias na mulher que se ligam diretamente à sexualidade e à feminilidade. No texto de 1895, narra diversos casos de mulheres com sintomas obsessivos tais como: impulso de cortar os filhos com facas ou tesouras, impulso de se jogar pela janela, medo de urinar, etc. O primeiro exemplo citado por Freud é o de uma paciente que sentia muito remorso por coisas absurdas que não tinha realizado como roubar, falsificar dinheiro e outros. Neste caso o sintoma estava ligado à culpa pela masturbação que havia sido fortemente reprimida. Outro exemplo interessante retrata uma jovem que tratava muito mal as empregadas de sua residência sem qualquer motivo aparente, alegando que elas eram grosseiras e vulgares. Freud constatou que esta hostilidade estava ligada ao fato da jovem ter presenciado uma cena erótica envolvendo

sua mãe, o que a rebaixaria moralmente. Querendo esquecer o que foi visto, a moça recalcou a idéia da mãe, mas acabou transferindo este sentimento as funcionárias da casa que serviam como boas substitutas para a representação incompatível.

Freud analisa caso a caso e descobre que cada sintoma apresenta uma idéia latente relacionada a um desejo sexual reprimido. Em seus exemplos até mesmo o desejo sexual pelo marido e a insatisfação sexual aparecem como idéias vergonhosas que precisam ser suprimidas da consciência.

Nos casos de paranóia, também se encontram instrumentos para a análise da feminilidade. Na parte III de “*Observações adicionais às neuropsicoses de defesa*” (FREUD, 1896), denominada “Análise de um caso de paranóia crônica”, Freud faz a análise de uma mulher que era saudável até o nascimento do primeiro filho, quando começou a desconfiar dos vizinhos, parentes e amigos. A paciente acreditava que eles a tratavam mal e que podiam ler seus pensamentos e ver o que se passava em sua casa, mostrando claramente que a experiência da vida conjugal a levou à loucura.

Em outro caso narrado por Freud uma mulher tinha terríveis alucinações:

Ela sentia seus órgãos genitais “como se sente uma mão pesada”. Começou então a ver coisas que a horrorizavam — alucinações de mulheres nuas, especialmente da parte inferior do abdome feminino com os pêlos pubianos e, ocasionalmente, também da genitália masculina. A imagem do abdome com os pêlos e a sensação física em seu próprio abdome costumavam ocorrer juntas. (FREUD, 1896, p. 175).

As alucinações da paciente com abdomens femininos provinham de um passeio em que, de fato, vira muitas mulheres nuas. Ela tinha vergonha tanto de ver pessoas nuas quanto de sua própria nudez, característica que surgira desde a infância. A paciente fez referências a comentários de sua cunhada e ao fato de ter morado numa casa onde não havia isolamento de som, principalmente de seu quarto, o que lhe causou o medo de os vizinhos ouvirem suas relações sexuais. Vêm-se aqui as questões familiares e edípicas para que, na época, Freud não pôde atentar, mas os conteúdos sexuais não passaram despercebidos.

Os trabalhos de Freud sobre a psicopatologia não se limitaram a histeria como uma patologia, mas fizeram com que as mulheres fossem ouvidas em seus desejos e conflitos a partir da construção da teoria da repressão inconsciente e dos sintomas.

Freud também descrevia a forma de viver das mulheres e das famílias, por isso o conceito de Complexo de Édipo começa a ser delineado em algumas passagens, como a importância do pai para as meninas e a cena de sedução por um adulto ou irmão. A sedução pelo pai, em especial, fez com que Freud acreditasse no trauma da sexualidade como o grande

fator etiológico importante de uma neurose. Na “*Carta 69*”, FREUD (1897) pôde estabelecer uma pergunta fundamental que mudaria sua tese central, questionando sua teoria das neuroses: Seria a maioria dos pais pervertidos? Haveria um número muito maior de pervertidos do que de histéricos? Este questionamento é válido tanto para os meninos quanto para as meninas.

Freud virá a responder sua pergunta mais adiante, ao longo de sua obra, por meio do conceito de sedução na fantasia, que esclarece o fato de não haverem tantos pais perversos, mas mentes infantis que precisam ser inseridas na relação libidinal com os outros. No trecho a seguir, há um comentário elucidativo sobre a sedução:

Em primeiro plano situa-se a influência da sedução, que trata a criança prematuramente como um objeto sexual e que, em circunstâncias que causam forte impressão, ensina-a a conhecer a satisfação das zonas genitais — uma satisfação que ela fica quase sempre obrigada a renovar pelo onanismo. Tal influência pode provir de adultos ou de outras crianças; não me é possível admitir que, em meu ensaio sobre “*A Etiologia da Histeria*” (1896c), eu tenha superestimado sua frequência ou sua importância, embora eu ainda não soubesse, na época, que os indivíduos que permanecem normais podem ter tido na infância as mesmas experiências, e por isso tenha dado maior valor à sedução do que aos fatores da constituição e do desenvolvimento sexuais. É evidente que a sedução não é necessária para despertar a vida sexual da criança, podendo esse despertar surgir também, espontaneamente, de causas internas. (FREUD, 1905, p. 179).

Desta forma, Freud afirma que, para ambos os sexos, a sedução desperta a vida sexual infantil proporcionando a descoberta das sensações prazerosas nas zonas erógenas. É neste contato que fica marcado na criança a noção de satisfação corporal a partir da relação com o outro, seja um adulto ou outra criança. A sedução está, portanto, na base da sexualidade e da neurose; ela certamente surgirá nos casos clínicos atendidos por Freud e sua observação serve como germe dos conceitos edipianos.

2.2 Casos Clínicos: histéricas

O estudo dos casos clínicos de Freud e Breuer descritos em “*Estudos sobre a histeria*” (FREUD, 1895) pode ser muito útil na análise da feminilidade e da sexualidade feminina. Os casos clínicos não configuram um estudo sobre a mulher e muito menos sobre a feminilidade que será abordada por Freud muitos anos depois, mesmo assim, a partir destes casos clínicos, que são todos de mulheres, é possível perceber características femininas

descritas ao longo de suas análises, que servirão de material para uma reflexão sobre a mulher e a feminilidade.

O livro “*Estudos sobre a histeria*” (FREUD, 1895) traz a descrição a análise dos casos clínicos de Freud e Breuer. Os relatos são detalhados e inserem uma série de teorias inovadoras para a época. Como a técnica psicanalítica não existia como tal, tem-se a sensação de experimentação de uma nova abordagem psicológica.

O primeiro caso analisado é o de Ana O., paciente que foi atendida por Breuer. Os sintomas histéricos são descritos minuciosamente, compreendendo manifestações físicas detalhadas. A jovem também é caracterizada por sua beleza somada à inteligência e ambição incomuns para uma mulher. Esta paciente em especial era uma jovem que perdera o pai após longo tempo de doença e ao qual ela se dedicara totalmente. Desde a morte do pai ela adoecera e revivia os fatos do ano em que o pai faleceu com perfeita seqüência temporal. Esta ligação entre a paciente e seu pai não pôde ser analisada com profundidade, pois Freud ainda não havia construído a teoria do Complexo de Édipo, mas já indicava o caminho da delicada relação edipiana, apontando à importância das relações familiares na estruturação das neuroses.

Breuer se dedicou a ouvir Ana O. e avançou na compreensão dos sintomas por meio da recordação enfática de momentos decisivos do paciente através da fala. Esse método posteriormente foi denominado catarse. É a própria Ana O. que nomeia o tratamento de Breuer de uma “*talking cure*” (cura pela fala) e em tom de brincadeira, como “*chimney-sweeping*” (Limpeza de chaminé) (BREUER, 1895).

O segundo caso descrito em “*Estudos sobre Histeria*” (FREUD, 1895) é sobre uma mulher de 40 anos de idade que veio da Livônia, denominada Sra. Emmy Von N.

As histórias trazidas por esta paciente envolvem dois temas predominantes: animais e morte. Narra momentos em que se deparou com pessoas mortas (em velórios e outras situações) e brincadeiras nas quais animais (vivos ou mortos) eram usados para assustá-la. Freud não associa a estes eventos nada relativo à sexualidade e o método de interpretação mostrado neste caso é muito diferente do que será desenvolvido posteriormente. A postura técnica de Freud neste caso também chama a atenção, pois ele literalmente “apaga da memória” da paciente, por meio de sugestão hipnótica, todas as lembranças perturbadoras que foram narradas por ela. A paciente chegou a comentar que algumas lembranças pareciam recortadas e sem sentido.

A questão central dos sintomas desta paciente relaciona-se à gravidez, cujo parto fora sucedido pela morte do marido e que gerou uma forma específica de seu

relacionamento com sua filha, ocasionando o tic sob a forma de um estalido com a boca (citado anteriormente). Portanto a maternidade e a perda do marido são temas que se misturaram de maneira negativa como se a filha fosse a responsável pela morte do pai. A maternidade então foi, para esta mulher, menos importante que a experiência da viuvez. Ser mãe durante todos esses anos não a livrou da histeria, mas a abstinência sexual pode estar ligada ao surgimento desta patologia. Neste ponto Freud faz citação sobre Sra. Cäcilie M. que, assim como Sra. Emmy Von N., caracteriza-se pela capacidade de inteligência, compromisso com a verdade e delicadeza, impossibilitando-lhe, portanto, descrevê-las como simples degeneradas histéricas.

Na seqüência é descrito o caso de Miss Lucy R. no qual também aparece a questão da maternidade. A jovem que era delicada e que trabalhava como governanta cuidando de duas crianças que eram filhas de um viúvo, sofria de sensações olfativas subjetivas (ex. cheiro de pudim queimado) e que muito a afligiam. Freud inicia suas investigações terapêuticas a partir do cheiro de pudim queimado.

O cheiro de pudim se relacionava à vontade de deixar o trabalho e romper a promessa de cuidar das crianças que fora feita à mãe delas em seu leito de morte. Freud chega a esta conclusão por que a primeira vez que Lucy sentiu o cheiro em questão foi quando recebera uma carta de sua mãe em que comentava a possibilidade de ela abandonar o emprego e a promessa.

A vontade de deixar o trabalho, segundo interpretação de FREUD (1895), na verdade, encobria uma paixão pelo patrão. E ela de fato estava apaixonada pelo patrão, mas ele tinha apenas uma relação educada com a governanta. Assim ela pretendia deixar aquela casa, pois era penoso permanecer naquela situação. Freud descobre a paixão de sua paciente por meio da interpretação psicanalítica e não realiza nenhum julgamento moral sobre o caso. O sofrimento desta paciente envolvia uma promessa a outra mulher, e uma espécie de traição a esta mulher por querer tomar seu lugar de esposa e por querer abandonar a promessa de cuidar de seus filhos. Neste caso percebemos como a amizade e a excitação sexual acabavam por representar o conflito entre a sexualidade e formação moral por trás do sintoma histérico.

O caso a seguir é o que relata a experiência interessante que Freud viveu numa de suas férias: trata-se do caso Katharina. O caso fala essencialmente da sexualidade infantil, da sedução dos adultos e da intervenção do pai.

A moça era uma das responsáveis pela estalagem e abordou Freud pelo fato de ele ser médico. Ela narrou uma série de sintomas que Freud considerou delinear uma crise de angústia e concluiu:

Eu havia constatado com bastante freqüência que, nas moças, a angústia era consequência do horror de que as mentes virginais são tomadas ao se defrontarem pela primeira vez com o mundo da sexualidade. (FREUD, 1895, p. 153).

O caso é narrado como se a sua personagem principal houvesse sido abusada sexualmente por seu tio, mas na realidade o autor do abuso sexual fora o pai. Freud preservou na época este importante dado, mas o adicionou em nota de rodapé.

Katharina prosseguiu seu relato contando um fato que a deixou intrigada: a visão de Fransiska (sua prima) com o tio (seu pai) no quarto. Na época não entendera o que eles estavam fazendo, mas ficou paralisada por dias e depois adoeceu. Freud deduziu que o que viu no quarto provocou repulsa. Este sentimento será citado mais adiante no texto “*Fragmento da análise de um caso de histeria*” (FREUD, 1905) no qual sua paciente, Dora, manifesta repulsa numa situação em que fora confrontada com uma tentativa de sedução de um homem.

A interpretação psicanalítica que revelou o *insight* desta paciente ocorreu por causa dessa lembrança: ao ver o tio (pai) sobre Fransiska fez com que Katharina adoecesse porque ela recalcou o seguinte pensamento: era isso que meu pai queria fazer comigo! O recalque da compreensão do abuso iniciou a histeria por meio da conversão histérica.

Mais uma vez a sexualidade apareceu em destaque na interpretação dos sintomas histéricos. É lamentável que ainda não houvesse a teoria edípica para que Freud pudesse analisar as relações ali presentes. Neste caso vemos um exemplo da sedução infantil na base da histeria por meio da submissão feminina.

O último caso descrito por FREUD (1895) em “*Estudos sobre Histeria*” foi sobre uma paciente chamada de Sra. Elizabete Von R. A narrativa e a análise deste caso é mais psicanalítica pois a interpretação simbólica dos sintomas passou a fazer parte essencial de seu trabalho.

Em 1892 foi encaminhada a Freud uma jovem que apresentava dificuldades na locomoção e que foi pré-diagnosticada como histérica. O médico que a encaminhou relatou que conhecia a família da moça e que de fato ela estava vivendo uma série de infortúnios: o pai morrera, a mãe recentemente sofrera uma séria cirurgia nos olhos, e uma irmã casada falecera recentemente.

Elizabete tinha 24 anos quando foi consultada por Freud pela primeira vez. Ele a descreve como inteligente e como alguém que suportava seus males que interferiram na sua

vida social e em seus prazeres com ar alegre – “a belle indifférence” – termo muito utilizado para se referir às afecções histéricas e que Freud cita novamente no texto sobre repressão e o atribui a Charcot. Os sintomas eram de dor ao caminhar ou ao manter-se em pé, o que a levava a descansar freqüentemente e mesmo assim isso não eliminava a dor.

Durante os exames médicos de suas dores, Freud percebeu que Elisabete mostrava uma expressão peculiar que era mais parecida com prazer do que com dor, contorcia o corpo para traz com a impressão de que sentia uma cócega voluptuosa. O que o levou à conclusão de que as zonas doloridas se configuram como zonas histerogênicas.

Aos poucos Freud propôs o tratamento psíquico e não encontrou resistência da parte da paciente em aceitar o convite. Freud estava disposto a trabalhar sem o uso da hipnose e desenvolveu um método que depois seria empregado em diversos outros casos. O método era “desembaraçar” o material psíquico patogênico camada por camada como a escavação de uma cidade soterrada. Para isso pedia que a paciente narrasse tudo o que lembrasse e nas falhas de memória, nos elos que faltavam Freud investigava pouco a pouco – podendo usar de hipnose em algumas ocasiões.

Elisabete tinha duas irmãs e era muito ligada aos pais. A família morava numa propriedade da família, na Hungria. A mãe freqüentemente apresentava problemas nos olhos e dos nervos. Elisabete era muito próxima do pai, que era um homem alegre que viajava muito e dizia que ela era seu filho homem, como um amigo que podia trocar experiências. O pai dizia que o fato de ela ser inteligente, atrevida e convencida a distanciava dos ideais para uma mulher de sua época. Elisabete tinha planos ambiciosos para uma mulher, pois almejava estudar e receber educação musical e mostrava-se descontente com o fato de ter que casar e sacrificar-se. Ela estava muito satisfeita com o prestígio social e econômico de que a família gozava.

A família mudou-se de cidade quando as filhas já estavam na idade de casar e ainda vivenciaram momentos de intensa alegria. Mas fatalmente o pai caiu doente de um edema pulmonar decorrente de problemas cardíacos e ficou sob tratamento médico durante 18 meses. Neste período Elisabete tem a primeira dor nas pernas, que de fato não era grave nem a deixou incapacitada de andar. A morte do pai deixou uma lacuna significativa na vida desta família. Elisabete viu-se isolada socialmente e com poucas das perspectivas que mantinha para sua vida. A única esperança que a envolvia era de a que a mãe se recuperasse e assim a família pudesse se reconstruir.

Após um ano de luto a irmã mais velha casou-se com um homem inteligente e excêntrico que tinha um caráter egoísta e que cedo demonstrou desprezo pela mãe de

Elisabete. Ela se incomodava com a idéia de que uma mulher deva ser tão complacente para com o seu marido e forma como sua irmã agia com seu marido.

A irmã mais nova parecia mostrar um futuro mais brilhante em seu casamento, pois o cunhado era mais educado apesar de menos dotado intelectualmente. Tiveram um filho que trouxe muita felicidade à família. FREUD (1895) acredita que foi neste momento que Elisabete reconciliou-se com a instituição do matrimônio e com os sacrifícios que ele envolvia.

Durante as férias a família se encontrou em um hotel nas montanhas, e foi lá que as dores e as dificuldades de locomoção se iniciaram. As dores mais fortes surgiram após uma longa caminhada de meio dia que a levou a um quadro de cansaço e dores.

Ela passou a ser a inválida da família e foi aconselhada a passar o resto do verão numa estação de tratamento hidropático em Gastein (Alpes austríacos). Ficou lá com sua mãe por 15 dias, quando recebeu a notícia de que a irmã mais nova, grávida novamente, estaria gravemente doente.

Na viagem de volta Elisabete sentiu muitas dores e sofrimentos com a expectativas negativas sobre a doença da irmã. Ao chegarem lá viram que era tarde para despedidas, pois a moça havia falecido. Ela havia sucumbido a um problema cardíaco que já havia aparecido na adolescência e que fora agravado pelas duas gestações consecutivas. A família culpou os médicos por terem permitido que a jovem casasse e o esposo também não escapou das acusações, já que não deveria tê-la exposto à situação de perigo que a gravidez representava. Elisabete ficou bastante perturbada com a idéia de que também o casamento que considerava feliz havia acabado daquela maneira. Suas preocupações com a família e com a mãe novamente levaram Elisabete a pensar que aquilo que desejava para a mãe (a reconstrução familiar) mais uma vez havia acabado. O cunhado ficou inconsolável e se afastou da família e levou consigo o seu filho, o que permitiu pela primeira vez que Elisabete o acusasse de crueldade, já que afastara o menino de sua avó.

Sem esperanças de recompor as glórias da família, Elisabete passou 18 meses em reclusão na qual apenas cuidava de sua mãe e de suas dores.

Freud persistiu na busca de conteúdos inconscientes que estivessem dando suporte aos sintomas. Depois de muito ouvir a paciente, Freud interpreta o sentido conflituoso por detrás do sintoma como sendo a sensação de diversão em oposição à preocupação com o pai e sua piora de saúde, tratando-se de um mecanismo de conversão histérica de defesa.

Um dos pontos interessantes deste caso ocorre quando Elisabete diz que lembrara por que a perna doía naquela região da coxa, pois, era ali que seu pai repousava a

perna todas as manhãs para que ela trocasse as ataduras. FREUD (1895) então, começou a perceber no caso desta paciente a relação direta entre as experiências da paciente e a delimitação da zona histeriogênica.

Uma lembrança importante para o tratamento é a de uma caminhada nas férias em que a mãe e a irmã mais nova iam ficar, pois a irmã mais nova não se sentia bem e o cunhado resolveu acompanhá-la. Na volta sentia muitas dores. Freud perguntou o que na caminhada a teria feito sentir as dores e ela respondeu que fora o contraste entre a solidão que sentia e a felicidade da irmã manifestada pelos comportamentos do cunhado. A segunda lembrança deste período foi uma outra caminhada que realizou sozinha em que ficou refletindo sobre sua solidão e sobre o desejo de ser tão feliz quanto a irmã. Neste dia as dores foram violentas e surgiram em caráter definitivo e permanente.

A interpretação final dos sintomas de locomoção ocorre a partir da lembrança do dia do velório de sua irmã. Elisabete afirma que havia escuridão e tristeza e ao lado do leito de morte da irmã, junto ao remorso de não haver cuidado dela nos últimos momentos e de não terem se despedido, como um relâmpago das trevas, surge o pensamento: “Agora ele está livre novamente e eu posso ser sua esposa” (FREUD, 1895).

Neste caso Freud apontou que as características de Elisabete eram comuns em casos de histeria: dores, ambição, sensibilidade moral, excessiva busca de amor que inicialmente era satisfeita pela família; independência de sua natureza, o que a levava para além dos ideais femininos de sua época e boa dose de obstinação, combatividade e reserva.

O mecanismo envolvido na construção da afecção física neste caso é bastante discutido no texto freudiano. Resumidamente Freud afirmou que certa cota de emoção refere-se aos sentimentos eróticos e esta é que é convertida em dor física. O “amor inconsciente” teria perdido sua intensidade por meio da conversão, tornando-se uma idéia fraca.

Outro caso citado por FREUD (1895) na análise de Elisabete é o de Fraülien Rosalie que era uma jovem de 23 anos que trabalhava como cantora. Ela sentia a garganta fechar e um pequeno sufocamento que alterava sua voz negativamente, o que a prejudicava profissionalmente. A paciente relatou que este sintoma se iniciou na época de problemas familiares em que se esforçou em reprimir o ódio e rancor por uma figura que era seu responsável. Então se tratava da garganta como um órgão catexizado por cenas reprimidas. Freud insere outro caso semelhante em que uma jovem cantora não conseguia abrir a boca e que posteriormente fora curada sob hipnose.

FREUD (1895) conclui que a regra nos sintomas histéricos, é a junção de mais de uma cena traumática que possuem algo em comum. No primeiro trauma pode ter havido apresentação leve do sintoma ou ele não ter de fato existido, mas ele contribui para que o segundo trauma encontre forças. Ocorre, portanto, um processo de somação de traumas e uma latência preliminar dos sintomas, enquanto esta somação é realizada.

Um bom exemplo é Sra. Cäcilie; ela sofria de neuralgia facial violenta que surgia duas ou três vezes ao ano e já guardava quinze anos. Uma vez os seus dentes foram considerados os responsáveis pela dor, por isso deveriam ser extraídos e a sentença foi executada em sete dos criminosos¹⁰. O tratamento não foi eficiente e as dores voltavam periodicamente. Quando Freud a atendeu pela primeira vez ele sugeriu pela hipnose que a dor desaparecesse e assim ocorreu. Foi o que fez com que Freud confirmasse a origem psíquica deste sintoma. Um ano depois o sintoma ressurgiu com outras manifestações histéricas que já apareciam há 30 anos.

Os quadros sintomáticos apresentados pela paciente eram: alucinações, dores, espasmos e longos discursos declamatórios. Foram períodos em que ela teve acessos e crises graves que desapareciam de repente e retornavam no dia seguinte. Foi então que em estado hipnótico Freud pôde investigar a origem da neuralgia facial. Ela descreveu uma séria discussão com o marido em que ele lhe disse algo tão ofensivo que ela sentiu como áspero insulto, levou a mão até o rosto, soltou um grito de dor e exclamou: “Foi como uma bofetada no rosto” (FREUD, 1895). Com isso cessaram tanto a dor como o acesso. Assim, tratava-se de conflito e defesa, que certamente se aproveitou de uma dor já manifesta no rosto ou nos dentes, o que é bem possível, já que estava no primeiro mês de gravidez. Freud afirmou, que ao tomar a expressão verbal literalmente, o histérico não consegue verbalizar sua dor, mas simplesmente revive a situação em seu corpo.

2.3 Casos especiais: Dora e a jovem homossexual

Depois de alguns anos a teoria psicanalítica tornou-se mais complexa e a técnica de Freud se afastou da psiquiatria. Nos casos a seguir é possível perceber um

¹⁰ Freud poeticamente chama os dentes da paciente de criminosos (FREUD, 1895).

tratamento psicanalítico aos sintomas, visto que Freud procura a etiologia dos mesmos por meio dos relatos das pacientes utilizando de associação livre.

É fato que ainda nestes textos não podemos apreender uma análise maciça sobre a feminilidade e sobre a mulher na teoria freudiana, visto que são estudos de casos isolados. O intuito aqui será de apreender o que estas pacientes demonstraram que pode ser considerado estritamente feminino.

2.3.1 Dora

No texto intitulado “*Fragmento da análise de um caso de histeria*”, FREUD (1905) narra o caso de uma jovem de dezoito anos que fora chamada de Dora. Esta paciente tinha um irmão um ano e meio mais velho, mãe e pai. Muito apegada ao pai fazia críticas constantes a suas peculiaridades. O pai tinha problemas de saúde desde os seis anos de idade de Dora: problemas pulmonares, descolamento de retina, afecção vascular oriunda de infecção anterior ao casamento, causada pela sífilis. O pai de Dora também foi paciente de Freud anos antes de sua filha tornar-se doente de neurose. A mãe foi caracterizada por Freud como uma mulher inculta, fútil e dedicada exclusivamente aos serviços domésticos. Nesta descrição, Freud usa um termo que chama a atenção, mas ao qual ele não tece maiores explicações: afirma que a mãe de Dora teria um quadro do que se poderia chamar “psicose da dona-de-casa”.

Dora, desde os oito anos, apresentou sintomas histéricos, como dispnéia após passeio nas montanhas, enxaquecas e tosse nervosa. As tosses tornaram-se mais preocupantes nos últimos anos, pois levavam à perda quase total da voz. Aos dezesseis anos Dora visitara Freud por rouquidão e tosse, mas ao curar-se espontaneamente, interrompeu o tratamento.

Os pais de Dora eram muito íntimos de um casal nomeados Sr. K e Sra. K. A relação com este casal era tão intensa que foi a Sra. K que cuidou do pai de Dora por longo período de enfermidade e a partir daí teriam fortalecido sua amizade. Certa vez Dora quis viajar com o pai e alegou dias depois que havia recebido uma proposta amorosa do Sr. K. Questionado sobre o assunto o Sr. K disse que a história só poderia ser fruto da imaginação de Dora, e insinuou que ela era uma jovem que lia livros proibidos e freqüentava palestras para mulheres.

O pai conta a Freud que Dora insiste para que ele rompa o relacionamento com os K, mas que isso não seria justo visto seu forte laço de amizade e cumplicidade com a Sra. K.

Nos atendimentos de Freud, Dora conta uma cena que seria considerada traumática e ao mesmo tempo prazerosa: o Sr. K tinha marcado um encontro com ela e havia criado uma situação para que ficassem sozinhos. Neste momento o Sr. K a beija nos lábios à força e a jovem, sentindo forte repulsa, foge. O evento fica guardado em segredo pelos dois, e continuam se relacionando como se nada houvesse mudado.

Nessa cena — a segunda da seqüência, mas a primeira na ordem temporal —, o comportamento dessa menina de quatorze anos já era total e completamente histérico. Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. Esclarecer o mecanismo dessa *inversão do afeto* é uma das tarefas mais importantes e, ao mesmo tempo, uma das mais difíceis da psicologia das neuroses. Em minha própria opinião, ainda estou bem longe de alcançar essa meta, e no contexto desta comunicação posso também acrescentar que até do que sei só me será possível apresentar uma parte. (FREUD, 1905, p.37).

A ligação do pai de Dora com a Sra K era evidente aos olhos da menina, mas ninguém se incomodava e o pai ainda dizia que todos deveriam agradecer àquela mulher por ter cuidado dele durante sua enfermidade e tê-lo salvado do desejo suicida que o possuía. Mesmo quando os K e a família de Dora moraram em cidades separadas, o seu pai com o pretexto de estar doente, normalmente queixando-se de tosse, ia passar dias contentes com a Sra K. Em contrapartida o Sr. K se via na liberdade de se comportar como se estivesse cortejando Dora, enviando-lhe flores e presentes caros. Dora sentia que valia como troca num acordo entre os homens.

Havia também uma governanta na casa de Dora, descrita como mulher que lia livros sobre assuntos proibidos e de idéias avançadas. Esta mulher influenciou Dora a ver a relação indecente de seu pai para com a Sra. K. Porém quando a Sra. K não estava por perto era à mãe de Dora que se dirigiam as críticas da governanta. A paciente de Freud logo percebeu que a governanta era apaixonada por seu pai e que a amizade entre elas era interesseira.

Freud reparou que neste caso aparecem diversos exemplos de doenças com significados psíquicos tanto o pai de Dora, a Sra. K, quanto a própria Dora ficavam doentes e se curavam de acordo com a situação. Dora, por exemplo, perdia a voz e tossia quando estava longe do Sr. K, mas quando ele chegava a voz voltava.

As análises psicanalíticas sobre a histeria de forma geral também são desenvolvidas nesta obra. Na citação a seguir encontramos um quadro claro do que Freud generaliza das mulheres com tendências a adoecer de histeria:

Os motivos para adoecer muitas vezes começam a se fazer sentir já na infância. A menina sedenta de amor, que a contragosto partilha com seus irmãos a afeição dos pais, percebe que toda esta volta a afluir-lhe quando seu adoecimento desperta a preocupação deles. Agora ela conhece um meio de atrair o amor dos pais, e se valerá dele tão logo disponha do material psíquico para produzir uma doença. Quando essa menina se transforma em mulher e, em total contradição com as exigências de sua infância, casa-se com um homem pouco atencioso que sufoca sua vontade, explora impiedosamente sua capacidade de trabalho e não lhe dá nem ternura nem dinheiro, a doença é a única arma que lhe resta para afirmar-se na vida. Ela lhe proporciona a ansiada consideração, força o marido a fazer sacrifícios pecuniários e a demonstrar-lhe um respeito que não teria se ela estivesse com saúde, e o obriga a tratá-la com prudência caso ela se recupere, pois do contrário poderá haver uma recaída. O caráter aparentemente objetivo e involuntário de seu estado patológico, que o médico encarregado de tratá-la por certo defenderá, possibilita esse uso oportuno, sem autocensuras conscientes, de um meio que ela constatara ser eficaz na infância. (FREUD, 1905, p. 51).

Na continuidade do caso, Dora relata mais uma investida do Sr. K que fracassou. Ao passear por um lago o Sr. K mais uma vez tentara beijar Dora que o rechaçou com um tapa no rosto. O que mais irritava Dora, no entanto, era a tentativa do pai em tornar a cena do lago num fruto da fantasia de Dora, já que o Sr. K negara que ela houvesse ocorrido.

Freud não se prende aos detalhes da história e investiga também o sentido do sintoma da tosse de Dora. Pelo fato de ela insistir em falar e reclamar do pai, Freud acreditou que o sintoma se ligava a ele. Dora disse que a Sra. K só estava com ele por que era um homem de posses, mas o termo usado em alemão deu a impressão contrária de um homem sem posses ou impotente. Ela recusou a aceitar, mas confirmou a impotência sexual do pai. Portanto, o relacionamento sexual entre o pai de Dora e a Sra. K só poderia ocorrer envolvendo outras áreas erógenas. Freud não teve dificuldades em deduzir que o local em que se estabeleceu o sintoma representava o sexo oral fantasiado por Dora como a satisfação de seu pai.

Dora dizia a Freud que não poderia perdoar o pai, o que aponta para uma questão edípica colocada poeticamente no texto de Freud que observa a paixão dela por seu pai e de como a Sra. K tornou-se sua rival. Freud acreditava que o amor de Dora pelo pai estava em destaque na sua neurose para reprimir outro amor: o do Sr. K. Mas esta interpretação nunca foi aceita por Dora. Talvez este tenha sido um grande erro clínico de Freud, pois insistiu num ponto errôneo e deixou passar despercebida durante os atendimentos:

uma tendência homossexual que foi considerada por ele posteriormente em uma nota de roda pé:

Por trás da seqüência hipervalente de pensamentos que se ocupavam com as relações entre o pai de Dora e a Sra. K. ocultava-se, de fato, um impulso de ciúme cujo objeto era essa mulher — ou seja, um impulso que só se poderia fundamentar numa inclinação para o mesmo sexo. (FREUD, 1905, p. 59).

Dora teve relação íntima com mulheres como a governanta, a prima, a sra. K. Dora elogiava a Sra. K e seu gosto refinado, sua cor branca e delicada, também confiava em seu gosto pelas jóias. Quando o Sr. K a acusou de ler livros proibidos ela se sentiu traída pela Sra. K pois ela era a única que sabia disto. O ciúme do pai encobria o ciúme da Sra. K, um sentimento homossexual comum em moças histéricas.

Freud analisa dois sonhos de Dora que relatam de forma interessante a neurose desta paciente e traz luz sobre algumas questões comuns à sexualidade feminina. O primeiro sonho nas palavras de Freud:

“Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de jóias, mas papai disse: ‘Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de jóias.’ Descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei.” (FREUD, 1905, p. 67).

Freud interpreta este sonho em detalhes e através das lembranças dos dias anteriores ao sonho ele o relaciona ao medo de Dora de ser abordada pelo Sr. K durante a noite.

FREUD (1905) pergunta sobre a caixa de jóias e a associa com os genitais femininos. Sua interpretação sobre as jóias refere-se a uma troca de favores sexuais em que as figuras de Dora, seu pai, sua mãe, Sr. e Sra. K estão participando. Freud acreditava que Dora estaria se sentindo em débito com o Sr. K que tanto a presenteou e que ele iria cobrar o agradecimento em forma de um relacionamento com ela.

Quanto ao fogo Freud interpreta como uma posição inconsciente oposta oriunda da ameaça infantil: quem brinca com fogo se molha à noite. Freud interpreta o molhar como uma necessidade fisiológica e faz uma ponte entre micção e sexualidade.

A tosse de Dora que deixava um catarro na garganta de que se queixava, Freud associou este catarro às doenças venéreas que os pais de Dora tinham. Ela sabia que o pai havia transmitido para a mãe este problema e inconscientemente era como se ela também se sentisse contaminada.

No segundo sonho é possível compreender a constituição edípica infantil de Dora.

Narrou Dora: *“Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. ‘Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir.’ Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei umas cem vezes: ‘Onde fica a estação?’ Recebia sempre a resposta: ‘Cinco minutos.’ Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: ‘Mais duas horas e meia.’ Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: ‘A mamãe e os outros já estão no cemitério (Friedhof)’.”*(FREUD, 1905, p. 93).

Esse sonho foi interpretado detalhadamente por Freud, que começa pedindo que a paciente associasse idéias ao que havia sonhado. Dora se lembra do fato de não encontrar uma caixa de fotos, no dia anterior ao sonho, que continham figuras turísticas da Alemanha, que haviam sido enviadas por um rapaz que a admirava. Freud nota que a forma como ela se posiciona no sonho mostra uma identificação masculina com a figura deste rapaz, que futuramente iria desposá-la, pois ela sai de casa e tenta retornar, tão independente quanto ele.

Dentro da extensa análise de FREUD (1905) sobre este sonho cabe destacar que a busca pela caixa de fotos leva a uma outra procura, vivenciada por Dora nos dias anteriores, pela chave do local onde os pais guardavam bebidas. A pergunta de Dora: “Onde está a chave?” havia sido feita a sua mãe para pegar o conhaque para seu pai, porém, a mãe não respondeu e Dora, que irritada, disse que havia perguntado umas cem vezes, tal como aparece no sonho. Para Freud, a pergunta sobre a caixa e sobre a chave é a mesma, trata-se de uma pergunta pelos órgãos genitais femininos.

As associações do sonho se aproximavam de conteúdos vivenciados por Dora no contato com o Sr. K, por isso Freud pediu para que contasse minuciosamente a cena do lago novamente. Ela obedeceu, narrando todos os fatos novamente, porém, acrescentou que o Sr. K, no momento que tentava a seduzir, menosprezou seu amor pela Sra. K dizendo que não tinha “nada” com ela. Freud acredita que essas palavras são a chave para o enigma desse sonho por meio de uma desvalorização da Sra. K.

Neste ponto Dora lembra que ao tentar retornar do lago naquele dia tentou evitar pegar o barco, para não ter que encontrar mais uma vez com o Sr. K, e para isso se

dirigiu ao bosque que rodeava o lago, mas foi informada que levaria 2 horas para concluir o caminho. Por esse motivo ela desistiu de atravessar o bosque e voltou ao barco encontrando o Sr. K, que pediu desculpas e sigilo sobre o ocorrido. Mais uma vez as associações faziam crer que o bosque do sonho era o mesmo da cena do lago e que Dora estava realizando uma investigação sobre a feminilidade.

Também associou ao sonho uma obra de arte, que vira numa Galeria, que tinha um bosque parecido com o do lago e que retratava belas ninfas. No entanto Freud notou que Dora usou uma palavra usualmente utilizada para qualificar vulgarmente uma mulher. A associação de termos se deu entre a palavra quadro “bild”; paisagem “stadtedilder”; com a palavra que literalmente significava quadro de mulher, mas que era usada para qualificar pejorativamente uma mulher: “Weibsbild”.

Freud também se utilizou de associações de palavras¹¹ para interpretar a imagem do bosque no sonho. As palavras estação “bahnhof”, pátio de ferrovia e “friedhof”, cemitério, ligavam a palavra que significava vestíbulo “vorhof”, que é termo utilizado para se referir às genitálias femininas.

Assim, o sonho estava girando em torno da própria feminilidade, com termos retirados de suas leituras proibidas inclusive dos conteúdos anatômicos aprendidos na enciclopédia.

Freud também notou que Dora teve uma crise de apendicite exatamente 9 meses depois da cena do lago. Esta observação lança a hipótese de que ela tenha considerado a cena uma forma de deslizamento que poderia ter levado a uma gravidez, portanto a crise de apendicite se revela como um parto de uma gravidez psicológica.

FREUD (1905) admite que falhou em sua análise por não haver considerado a importante linha homossexual despertada em Dora pela Sra. K. e todas as outras relações femininas apresentadas no caso. Ela abandonou o tratamento e anos depois Freud soube que se casara. Acredita que o primeiro sonho mostra uma fuga dos relacionamentos para um retorno ao pai e à doença; e que o segundo sonho, ao contrário, mostra a descoberta da feminilidade e o rumo a um relacionamento fora da família: um casamento.

¹¹Este tipo de interpretação que lembra muito os processos lacanianos de análise, pois fazem referência as palavras utilizadas pelos pacientes.

2.3.2 A jovem homossexual

Outra referência que contribuiu com o debate foi desenvolvida 15 anos depois no texto “*A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*”, no qual FREUD (1920) analisou um caso clínico de homossexualismo feminino.

A paciente tinha dezoito anos, quando seus pais, depois de muitas tentativas de proibição das atitudes da filha, resolveram procurar o atendimento psicanalítico. A moça contou a Freud que aos quatro anos descobrira a diferença entre os sexos ao ver os órgãos genitais de seu irmão mais velho. Aos quatorze anos desenvolveu forte afeição por um menino de 3 anos de idade que encontrava num jardim público freqüentemente, o que segundo Freud mostrava sua tendência a maternidade. Assim, é somente aos dezessete anos que a sua escolha homossexual se manifesta pelo enamoramento por uma mulher de 35 anos que Freud qualifica como “*augusta bem amada*” (FREUD, 1920). Esta senhora era, apesar do sobrenome de respeito, uma “cocote”, uma mulher promíscua, que se envolvia com outras mulheres e homens, uma mulher leviana.

Certo dia a jovem passeava pelas ruas que levavam ao escritório de seu pai junto a tal senhora. Como este era o caminho que o pai da jovem realizava com freqüência, ela acabou cruzando com ele, que a encarou com olhar furioso. A jovem disse a senhora que aquele senhor de olhar furioso era seu pai o que fez com que a senhora se irritasse com uma cobrança familiar e finalizasse o relacionamento. Na seqüência, a jovem correu em direção a um muro que isolava a linha ferroviária suburbana e se jogou lá de cima numa tentativa real de suicídio. Ficou um bom tempo deitada de costas na cama por conseqüência deste ato. Seus pais a partir de então perseguiram menos seu comportamento, pois perceberam que a simples proibição não adiantaria e que a situação era mais grave. A senhora, que até então se mantinha fria e distante em relação à jovem, pareceu se comover com o ato desesperado dela e permitiu maior aproximação.

FREUD (1920) já vinha utilizando os conceitos do complexo de Édipo e de castração em suas análises e neste caso procurou analisar a influência das relações familiares e edípicas na escolha homossexual. Ele acreditava que a jovem vinha desenvolvendo uma situação edípica normal, pois sua afeição pelo menino de três anos que admirava no parque refletiria seu desejo materno. Mas algo ocorreu neste percurso à feminilidade que fez com que este desenvolvimento positivo do Complexo de Édipo se invertesse. Trata-se de um acontecimento traumático: uma decepção com o pai. Esta decepção fez com que regredisse na

escolha de objeto e a obrigasse a sair em busca de uma mãe substituta para seu amor. É importante notar que Freud começa a tratar o desenvolvimento da menina propriamente dita neste caso. A definição de um complexo de Édipo feminino de forma sistematizada só ocorrerá na década de 1930 e, portanto, neste trecho de sua obra em que fala justamente de um caso de desvio edipiano num caso de homossexualismo, Freud inaugura a construção teórica do desenvolvimento sexual para a mulher.

Também neste texto FREUD (1920) retoma a questão da bissexualidade, já apresentada nos textos sobre a sexualidade infantil (FREUD, 1905). A bissexualidade, segundo Freud, faz parte de todo ser humano, na qual a libido flutua entre objetos masculinos e femininos constantemente e que a escolha objetal é uma questão de predominar o investimento libidinal em uma direção.

A frustração da jovem homossexual foi o fato de seu pai ter engravidado sua mãe num período que ela manifestava o desejo incestuoso por um filho. No texto “*Sobre as fantasias sexuais das crianças*”, FREUD (1908) descreve a forma com que as crianças explicam a gravidez e as diferenças entre os sexos (assunto que será desenvolvido no capítulo 4). Freud afirma que as meninas, quando percebem que não poderão possuir o pênis, passam a desejar um bebê, e o querem especificamente de seu pai. Talvez este desejo seja algo exclusivamente feminino, por que apesar de os meninos desejarem também um filho, as meninas o desejam de seu pai, já conscientes, que ele é quem possui o falo. Este desejo por um filho deriva do desejo por mais leite, como se a mãe não houvesse amamentado adequadamente seu filho. A sensação de não ter sido amamentado o suficiente ocorre em ambos os sexos, mas, nas meninas, isso se dá por meio de uma acusação de que a mãe também não lhe deu o pênis.

Portanto, quando a mãe da jovem ficou grávida ela se sentiu traída já que a fantasia comum nas meninas de receber um filho de seu pai mostrou-se realizada com a mãe.

A relação da menina com sua mãe também é marcada por uma série de conflitos (o que também será trabalhado no Capítulo 4). Inicialmente a mãe é objeto de amor da menina, tal como do menino, porém as diferenças entre os sexos e as decepções daí decorrentes fazem com que a menina se volte para seu pai. A relação com a mãe é ambígua: amor e modelo de sexualidade, assim como de rivalidade na relação com o pai. Neste caso clínico, quando a jovem anuncia ser homossexual a relação com a mãe que até então era conflituosa tornou-se mais agradável. Freud acredita que a mãe sentiu-se até aliviada (inconscientemente) com a escolha da filha como se houvesse cessado uma competição velada entre elas.

Já a reação do pai foi o horror e a atitude de proibir qualquer relacionamento com a tal mulher. Freud afirma que o pai reconheceu que falhou em seu papel edípico de se tornar um modelo masculino de objeto de desejo para a filha. É possível pensar que, além de modelo, o pai ao engravidar a mãe acabou transmitindo a mensagem de que não aceitava a filha como mulher. A menina ao estar intensamente ligada ao olhar paterno faz-se menino na experiência da homossexualidade. Porém, novamente depara-se com a reprovação do pai, percebendo que mais uma vez não conseguiu seu consentimento. Neste ponto, a jovem não pode se inscrever por meio do olhar do pai nem como mulher, nem como rapaz e, portanto joga-se na linha férrea numa tentativa de suicídio real, mas de busca por fazer-se reconhecer como pessoa, nascendo novamente como filha. Esta interpretação coloca na figura paterna um peso significativo orientando a formação de gênero na menina.

Por outro lado, podemos afirmar também, que a figura materna tem importância capital na constituição feminina, já que foi seu primeiro objeto de amor no período pré-edípico, e torna-se a principal fonte de identificação feminina no final do Complexo de Édipo. No caso da jovem homossexual, nesta passagem da mãe de objeto de desejo para objeto de identificação ocorrida durante o complexo de Édipo houve uma decepção com a mãe pela descoberta da castração e pela entrada da figura paterna para romper o laço afetivo para com a mãe, e lançar-se como objeto (FREUD, 1930). Se o pai não realizar esta manobra ou a fizer, mas de forma decepcionante, a menina volta-se à mãe, regredindo no Complexo edípico.

Também é possível concluir que a percepção da castração genital feminina leva a decepção com o sexo feminino e com a figura da mãe, que fica sendo responsabilizada por isso. É justamente esta percepção que derruba a tese da presença universal do pênis, o que é vivenciado com grande dificuldade tanto pelos meninos quanto pelas meninas. A diferença é que as meninas terão que lidar com a castração em seu corpo enquanto que os meninos terão que lidar com o temor da castração.

Voltando ao caso de Freud, o fato de a jovem ter escolhido uma parceira mais velha fez com que Freud acreditasse na busca de uma substituição materna. Além desta busca infantilizada por uma mãe substituta, a jovem também parece apresentar identificação com o pai. A paciente atendida por FREUD (1920) apresentava escolha de objeto sexual feminino e mantinha para com ele uma postura masculina. O autor define como comportamento masculino para com o objeto sexual o fato de apresentar-se humildemente para a senhora amada, supervalorizar o objeto sexual (a amada idealizada), apresentar renúncia de satisfação narcísica e preferência por ser amante ao invés de amada. Também é destacado o desejo de

salvar sua amada de sua vida irregular e de sua má fama. Posição diferente do que apresentou no texto “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” no qual, FREUD (1910) afirmou que alguns os homens possuem a necessidade de menosprezar seu objeto de escolha sexual, enquanto que neste texto considerou masculino supervalorizar o ser amado.

FREUD (1920) acrescentou que a paciente teria desenvolvido um complexo de masculinidade desde a infância e identificou a manifestação da inveja do pênis, deixando claro que a posição de negar a feminilidade era algo que não surgiu na puberdade, mas que tinha raízes na infância.

Sua inveja não a levou a desejar o falo para si através do bebê, como numa saída heterossexual feminina, mas a inveja a fez negar sua castração e levou-a a desafiá-la¹².

Sobre as explicações para a determinação da escolha homossexual, além deste quadro edipiano específico, Freud investiga outros fatores, que por sinal, sempre aparecem no âmbito desta discussão: fatores sociais e biológicos. Freud, neste sentido, faz um alerta para a distinção de: 1 – caracteres sexuais físicos, constituintes do próprio corpo; 2 – caracteres sexuais mentais, caracterizados por atitude masculina e feminina; e 3 – tipo de objeto de escolha sexual, esta sim define a qual objeto há a principal ligação libidinal.

Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de ‘masculino’ e ‘feminino’, ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho. Quando tentamos reduzi-los mais ainda, descobrimos a masculinidade desvanecendo-se em atividade e a feminilidade em passividade, e isso não nos diz o bastante. (FREUD, 1920, p.183).

Sobre este ponto da caracterização da feminilidade com a passividade e da masculinidade como atividade ele voltará a se referir nos textos sobre a feminilidade e sexualidade feminina de 1930 e 1932. Nestes textos, Freud definiu uma formação de masculinização da menina como uma das saídas para o Complexo de Édipo. Este complexo de masculinização da menina refere-se à negação da castração e identificação com uma posição fálica, mas não necessariamente uma escolha de objeto homossexual. De fato, a escolha homossexual pode aparecer em meninas com posições passivas. Desta forma, a escolha de objeto que determina o homossexualismo não está vinculada ao posicionamento ativo ou passivo.

¹²No caso da histeria é comum aparecerem desejos homossexuais como no caso Dora (Fragmentos da análise de um caso de histeria, FREUD, 1905) que será analisado mais adiante.

2.3.3 O Comentário lacaniano sobre os casos: Dora e jovem homossexual

Nos seminários proferidos por LACAN entre 1956 e 57 é possível encontrar um capítulo específico sobre duas pacientes de Freud: Dora e a jovem homossexual, no qual nota semelhanças estruturais entre um caso e outro. Por exemplo: em ambos os casos têm-se um pai, uma mãe e uma filha mulher; as duas pacientes têm como referência amorosa uma mulher mais velha e com vida sexual ativa. Nas duas a construção do Complexo de Édipo aponta para alguma distorção que se liga à promessa edípica de ser mãe de um filho do pai. E Lacan também não deixa passar despercebido o fato de Freud ter se enganado na transferência misturando os níveis simbólicos e imaginários nos dois casos. No caso de Dora, Freud interpreta seu desejo pelo Sr. K ignorando a corrente homossexual de investigação da feminilidade, portanto não adentra nas questões simbólicas da constituição da feminilidade. Já no caso da jovem homossexual, o ciúme e a disputa com a mãe parecem sobrepujar o jogo simbólico do Complexo de Édipo que, por meio do olhar do pai, direciona a filha para o desenvolvimento de sua escolha de objeto.

Segundo LACAN (1956-57), Dora, como boa histérica, chegou ao complexo de Édipo, mas não o ultrapassou e pelo fato de seu pai ser impotente encontrou problemas maiores na sua dissolução. O pai da jovem homossexual não é descrito como impotente e consegue manter um bom exemplo de virilidade. Dora ama o pai justamente pelo que ele não lhe dá, ama-o em sua doença e castração. Porém ao perceber que o pai ama outra mulher, a Sra. K, Dora passa a perceber um pai que manifesta desejos.

Lacan acredita que na busca da compreensão da feminilidade Dora se situa entre a Sra. K e seu pai, afinal esta mulher sabe fazer um homem gozar. Para Lacan é através de uma identificação insólita com o Sr. K que Dora promove esta novela. “O sujeito feminino só pode entrar na dialética da ordem simbólica pelo dom do falo”. (LACAN, 1956-57, p. 144).

MACEY (1988), lembra destes comentários afirmando que Lacan em 1956 questionou o caso Dora e a interpretação freudiana. Segundo ele, enquanto Freud interpretou o sonho como uma pergunta sobre os genitais femininos, Lacan interpreta como um questionamento sobre o que é a mulher. Dora teria dificuldades em aceitar ser objeto de desejo de um homem. Mas este problema é especificamente da histérica e Lacan muitas vezes o confundiu como uma característica da mulher. Na opinião de LACAN (1956-57) o caso de Dora reflete uma identificação masculina com o Sr. K para, a partir deste ponto, interrogar a feminilidade de sua amada Sra. K. Esta ligação homossexual é uma pergunta sobre a

feminilidade para a construção de uma sexualidade feminina. Dora estaria realizando um trabalho de pesquisa empírico sobre o que é uma mulher, e o que precisa uma mulher para fazer-se desejar por um homem:

A histérica é alguém que ama por procuração e vocês vão encontrar isso numa multiplicidade de casos clínicos: a histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda este objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo. Esta era uma primeira abordagem, de certo modo clínica. (LACAN, 1956-57, p. 141).

LACAN (1956-57) afirma que no caso de Dora o Sr. K seria um ponto de identificação para chegar a Sra. K, a quem seu pai ama. Porém, ela não pode mais sustentar esta ligação quando o Sr. K, ao se aproximar dela, diz que não teria nada com sua esposa. Trata-se de uma seqüência lógica: se ele não tem nada com sua esposa, ele está mesmo interessado em Dora e ela não poderá mais usufruir de sua trama neurótica vendo-se como objeto de troca entre o pai e o Sr. K. Lacan conclui que Dora imagina que, se o Sr. K ama apenas a ela, naturalmente seu pai também ama apenas à Sra. K e não mais a ela.

Em anos anteriores Lacan já desenvolvera o tema da simbolização do feminino. No seminário III LACAN (1955-56) afirma que a mulher faz um processo diferente na simbolização de seu sexo, isso por que a fonte não é a mesma, o imaginário fornece apenas ausência. É a prevalência da Gestalt fálica que força um desvio na realização do complexo de Édipo.

O acesso da mulher ao complexo de edípico, sua identificação imaginária, se faz passando pelo pai, exatamente como no menino, em virtude da prevalência da forma imaginária do falo, mas na medida em que esta é ela própria tomada como o elemento simbólico central do Édipo. (LACAN, 1955-56, pág. 201).

Assim, a mulher para apreender seu próprio sexo identifica-se ao falo para preencher este vazio, esta falta que seu órgão representa, pois a característica do sexo feminino é de ausência. Lacan ao conceituar a estruturação do eu no neurótico leva em conta a ligação do imaginário ao simbólico por meio da dissolução do complexo de Édipo, inserindo o sujeito no simbólico e posicionando-o na sua relação fálica, fazendo-o desejar um objeto no outro, por procuração de um outro. Portanto, é na simbolização de sua genitalidade que o homem se viriliza e a mulher aceita sua função feminina. No caso Dora, por exemplo, o cruzamento entre imaginário e simbólico gera a pergunta: o que é uma mulher?. Ela tenta simbolizar o órgão feminino como tal e utiliza-se de uma identificação com o Sr. K, portador do pênis, para servir-se de objeto imaginário para apreender o que não consegue simbolizar.

Já no caso da jovem homossexual vemos um amor desinteressado, um amor que não espera nada em troca, amar alguém por aquilo que a pessoa não tem, no caso o pênis. Não existe a esperança de ter um filho do pai como em Dora.

MACEY (1988) ainda completa que na opinião de Lacan no caso da homossexualidade feminina, a ligação amorosa a outra mulher não é para fazer uma pesquisa sobre o que é ser mulher, mas tem o real intuito de descobrir como fazê-la gozar, tal como um homem, ou melhor que ele. A figura masculina aqui também é a referência, mas a tentativa é de superá-lo e não tê-lo apenas como ponto orientador.

Na comparação de LACAN (1956-57) entre Dora e a Jovem homossexual também faz referência ao fato de que ambas vivenciaram uma gravidez de forma simbólica. Em Dora após 9 meses de rompimento com o Sr. K há uma crise de apendicite, tal como uma gravidez psicológica; enquanto que a Jovem homossexual em sua perversão se faz filho ao pular da ponte férrea quando vê seu pai. Em sua real tentativa de suicídio é possível identificar uma correlação simbólica entre os significados do termo alemão *niederkommt*, que pode ser utilizado tanto para nascimento, parto, quanto para lançar-se, ou jogar-se. No caso da Jovem Homossexual ela se jogou na linha férrea como quem encena um nascimento. Esta ousada interpretação de Lacan mostra uma comparação entre as manifestações históricas e perversas e é possível apreender como as questões da sexualidade feminina estão inseridas nas patologias das mulheres. Se na histeria a gravidez surge simbolicamente, na perversão ela é vivenciada na experiência de fato, no salto suicida, porem para ambas a gravidez e o direcionamento das manifestações patológicas às figuras paternas mostram como estas questões são tipicamente femininas.

Deixando de lado as análises clínicas de Freud, nos voltaremos no Capítulo a seguir aos textos em que Freud analisou temas sociológicos e artísticos na busca de seus posicionamentos sobre a mulher e a feminilidade.

CAPÍTULO 3 Freud e as mulheres: Sociologia, Arte e Literatura.

Skaiosi men gár kainá prospéron sophá
 Dóxeis akhreios kou sophós pephyenai
 Ton d'au dokouton eidénai ti poikhílon
 Khreísson nomistheis en poli lyprós phané

O mais das vezes a mulher é temerosa,
 covarde para a luta e fraca para as armas;
 se, todavia, vê lesados os direitos
 do leito conjugal, ela se torna, então,
 de todas as criaturas a mais sanguinária!
 (Eurípides, Medeia, tradução Mario Gama Kury, In LACAN, 1985, p. 739).

Este capítulo é dedicado aos textos em que Freud desenvolveu análises de temas sociais, antropológicos e de obras artísticas, literárias ou mitológicas. São textos que revelam uma faceta distanciada da clínica, mas que se aproxima da feminilidade por um caminho diferenciado e interessante.

Assim, os textos de Freud que falam sobre temas sociais e artísticos que se relacionem com a feminilidade ou com a mulher serão desenvolvidos em subcapítulos. O primeiro deles apresentará e discutirá as análises sociais de Freud e sua relação com as mulheres. O segundo subcapítulo intitulado “Análise freudiana de textos artísticos e literários” percorre diversos textos em que Freud analisa ou comenta alguma obra artística ou literária.

3.1 Análise social freudiana e sua relação com a feminilidade

Freud se interessou por temas antropológicos e sociológicos praticamente em toda a sua obra. Suas obras que abordam especificamente estes temas fizeram tanto sucesso de leitura como as análises clínicas e muitos destes textos contribuem indiretamente (alguns diretamente) para a constituição da concepção de feminilidade em sua obra. A seguir serão comentados estes textos seguindo a ordem de publicação freudiana.

Esta análise se inicia através do texto “*Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*”, em que FREUD (1908) analisa a forma com que a civilização de sua época, com suas regras morais, podia influenciar na constituição das doenças nervosas. Freud comenta o livro de Von Ehrenfels, intitulado “*Ética*” que defende a idéia de que a moral de

sua época limitava a sexualidade ao casamento monogâmico e levava ao surgimento das doenças nervosas. Também ressalta que as restrições feitas às mulheres eram praticamente as mesmas realizadas em relação aos homens quando se fala de monogamia, porém os homens tinham mais liberdade de burlar estas normas sem repreensões. O fato dos homens terem esta dupla atuação, ora como pais de família, ora como boêmios da noite, levaria a construção de uma moral dupla. Uma sociedade que permite este tipo de comportamento não estimula a honestidade nem o bom convívio entre seus integrantes.

Freud mostra a preocupação dos médicos com a saúde nervosa de pessoas que para se encaixarem no modelo moral sexual reprimem seus instintos de forma abusiva levando ao surgimento da neurose. A frase a seguir chama a atenção por mostrar como estes rigorosos preceitos “superegóicos” levam o sujeito a adoecer: “Em nossa família todos tornamo-nos neuróticos porque queríamos ser melhores do que, com nossa origem, somos capazes de ser” (FREUD, 1908, p. 170).

Também encontramos neste texto de Freud um comentário interessante sobre a rapidez da comunicação gerada pela introdução dos telégrafos, e da agitação da vida urbana. Se em 1908 isso já preocupava Freud o que diríamos dos dias de hoje? Naquela época já era possível sentir a pressão da vida nas cidades, as mudanças do consumo de mercadorias, da pressa em realizar feitos e da exigência cultural sobre os instintos. Note que este tema será abordado com muito cuidado anos depois no livro “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930).

Portanto a idéia de uma sociedade que está baseada na supressão dos instintos, já está clara para Freud desde esta época e o conceito de sublimação é colocado aqui de forma explícita como a capacidade do ser humano de transformar o desejo por um objeto sexual em desejo por outro objeto de interesse que seja aceito socialmente. Porém, Freud também afirma que a sublimação não daria conta de toda a quantidade de pulsão presente no organismo. Nesta época ele ainda era defensor da idéia de que a satisfação sexual física era a melhor forma de prevenção das doenças nervosas.

Relativamente às mulheres, afirma que a capacidade de sublimação dos instintos sexuais é diminuída nelas e que apenas quando estão amamentando encontram um substituto adequado a satisfações sexuais. Assim, a instituição matrimonial gera problemas neuróticos graves, pois não respeita o desejo masculino, que acaba encontrando satisfação na infidelidade e, portanto numa uma moral dupla. Acrescenta ainda que a união monogâmica também não é saudável para as mulheres, que acabam tendo que diminuir a frequência de relações sexuais quando o casal decide que não quer mais nenhum filho. Portanto o casamento

pode levar ao desenvolvimento de um caráter duplo nos homens e da neurose nas mulheres. Freud chega a explicar o que ocorria com as moças na puberdade: elas eram obrigadas a reprimir qualquer manifestação de sua sexualidade a fim de dedicá-la ao homem que seus pais escolhessem para ser seu marido. Quando ficava determinado o casamento não conseguiam direcionar seus desejos sexuais a este homem que iria substituir toda a sua relação familiar construída até então, na qual desempenhava o papel de filha. Era, portanto, natural que estas mulheres se mostrassem distantes e frígidas sexualmente, e que também não estivessem muito dispostas a enfrentar a gravidez e o parto como frutos desta união. Freud mostra-se preocupado, neste texto, com a saúde masculina e afirma que este posicionamento feminino descrito a pouco gera frustração no marido que guardou sua sexualidade para a esposa. Quanto à mulher Freud afirma que mais tarde, alguns anos depois de casada, quando despertasse sua capacidade de amar e entregar-se sexualmente, sua relação com o marido já estaria deteriorada e restaria apenas: permanecer com os desejos insatisfeitos, buscar relacionamentos extraconjugais ou a neurose.

Na citação a seguir é possível perceber que Freud acreditava que a educação da sexualidade feminina levava a uma série de déficits de desenvolvimento da mulher que iam muito além da simples inibição sexual até aqui comentada. Pode-se entender que, segundo Freud, a educação das moças para uma inibição de qualquer erotização corroía a busca por conhecimento, a capacidade criativa e reflexiva:

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de *qualquer* forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de idéias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis. Não acredito que a 'debilidade mental fisiológica' feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual. (FREUD, 1908, p.182).

Portanto, desde 1908, Freud já trazia uma idéia ousada sobre o casamento, pois a monogamia defendida pela civilização estaria em franca oposição a saúde mental de ambos os sexos.

Ainda falando sobre as especificidades na mulher, Freud acredita que a inferioridade intelectual de muitas mulheres (note que ele não disse de todas elas) deve-se a

inibição dos pensamentos necessária a supressão sexual. Portanto, Freud afirma que a moral sexual rígida e repressora levava algumas mulheres a suprimir a curiosidade e o raciocínio pesquisador típico da infância, o que acabava por prejudicar seu desenvolvimento cognitivo.

No texto “*Grande é Diana dos Éfesos*” (FREUD, 1911) que é pouco conhecido e que fala da posição da mulher nas sociedades antigas, Freud relata a permanência da idolatria de uma deusa feminina, que mesmo com o passar dos anos continuou sendo adorada pelos povos que ali habitavam. Seu nome e religião foram alterados, mas a imagem de uma deusa mulher forte e permanente mostrava como as mulheres nem sempre são retratadas de forma depreciativa, tal como a Igreja Católica tanto postulou - fato que será comentado no texto “*Uma neurose demoníaca do séc. XII*” (FREUD, 1822).

A cidade grega de Éfeso foi muito importante na antiguidade e possuía um belo templo dedicado a Ártemis (Diana). Contudo inicialmente nessa região havia outra deusa que era adorada pelo povo asiático que ali residia, e que era chamada de Oupis. Quando os Jônios invadiram a Ásia Menor e entraram em contato com a cultura religiosa daquele povo, nomearam a antiga Oupis de Diana que era a deusa de sua terra natal.

Por volta de 54 d.C. o apóstolo Paulo, com a contribuição indireta do apóstolo João, difundiu a religião cristã e construiu uma Basílica ao lado do templo de Ártemis. Com o tempo a cidade passou a adorar a Virgem Maria, mãe de Jesus. A população se adequou à nova “deusa”, os artesãos e diversos comerciantes envolvidos na vida ativa da cidade adequaram seus *souvenirs*. Assim, a deusa dos efésios continuou a reinar até a invasão do Islã, quando adveio seu abandono e ruína (FREUD, 1913)

O pequeno texto de Freud sobre A deusa de Éfeso fala da adoração de uma figura feminina. Sabe-se que em diferentes povos a figura feminina pode representar a fertilidade e a vida, fato que é comentado por FREUD (1913) no texto “*O tema dos três escrínios*”. A exaltação da feminilidade por meio de deusas femininas está presente em diversas culturas e em diferentes épocas da humanidade. As culturas politeístas sempre admitiam deuses dos dois sexos, portanto, é comum encontrar deuses homens e deusas mulheres nestas culturas. Porém nas religiões monoteístas ou temos um deus ou uma deusa e isso normalmente está ligado a cultura do povo, principalmente nas questões de gênero, de forma que numa sociedade patriarcal é comum encontrar um Deus e numa sociedade matriarcal uma Deusa.

No período neolítico e paleolítico as esculturas representam figuras femininas e apresentam características ligadas a sexualidade e à reprodução, como seios fartos ou exibição da vulva. Estes artefatos arqueológicos apontam a uma estruturação social

matriarcal, fato que não é plenamente aceito pelos estudiosos desta área. Mas todos concordam que estas culturas davam muita importância à feminilidade e que isso podia atingir o modo como estas pessoas viviam. Esta crença liga-se ao fato de sua população não ter o conhecimento do papel do homem na fecundação e a mulher permanecer como a principal responsável pela reprodução da espécie. A gravidez e gestação eram fatos misteriosos que motivava muitos ritos. Alguns autores acreditam que as mulheres nas culturas matriarcais eram mais livres e desvolvas sexualmente do que os homens (DEUSA, 2008).

Apesar de Freud nunca haver citado uma deusa indiana, e de ter desenvolvido sua teoria num contexto cultural muito deferente das crenças orientais. Uma deusa indiana chamou a atenção por seu significado ser semelhante aos temas aqui abordados: a deusa Kali é uma das deusas mais cultuadas do hinduísmo e é exemplo muito rico para o estudo da feminilidade (FIGURA 7). Esta deusa é a divindade que regula a morte e a sexualidade. Seu aspecto é terrível, pois ela é representada com a língua de fora, usa uma saia de braços humanos, carrega cabeças no pescoço e em uma das mãos, nas outras, das 4 mãos, carrega ferramentas de morte para bem realizar sua tarefa de ceifadora e sempre é representada em pé diante do corpo de seu marido, Shiva. A palavra Kali em sanscrito significa “negra”. Ela é adorada, pois renova a humanidade e seus devotos são recompensados com uma morte sem sofrimento.

Na Grécia Antiga é possível identificar inúmeras deusas como: Athenas que era considerada a deusa da guerra justa, Ceres, a deusa da agricultura e Afrodite a deusa da beleza e do amor. Entre os gregos as deusas (e os deuses também) eram capazes de atrocidades em nome de sua satisfação, o que os torna próximos aos humanos, pois eles também desejam, lutam, sofrem, amam e possuem sentimentos (DEUSA, 2008).

Com o advento e domínio da religião católica em boa parte do mundo ocidental a adoração por uma mulher permaneceu. Porém os preceitos morais, neste caso, deixavam clara a exclusão da sexualidade em prol da maternidade e do amor não erotizado. A figura da virgem Maria até hoje é adorada e, apesar de não ser considerada uma deusa, é dedicado a ela a mesma paixão que fora antes dedicada a outras figuras femininas na história da humanidade.



FIGURA 7– Deusa Kali

As figuras femininas adoradas ao longo do tempo parecem sempre trazer algo em comum: a reprodução. Algumas culturas exaltam este aspecto ligado à sexualidade e outras exaltam apenas a maternidade e preferem excluir a sexualidade. Não podemos deixar de perceber que a idéia de morte também se repete nas deusas femininas, como é o caso de Kali e das deusas gregas.

Freud não se debruça sobre estas figuras de forma específica e, portanto, nesta pesquisa, seria arriscado ir adiante neste sentido.

Ainda discutindo o sagrado e a estrutura cultural dos povos, voltemo-nos para o livro *“Totem e tabu”* no qual FREUD (1913) faz uma análise da origem da lei na humanidade. No primeiro capítulo define o termo tabu como sagrado, indizível, e ao mesmo tempo perigoso e misterioso.

Um dos principais tabus manifesta-se na lei do incesto, que norteia toda a estruturação social destas tribos. Com esta lei, o totem como figura religiosa sagrada também teria a função de organizar as relações sexuais nas tribos e orientar as relações sociais. A lei geral era de não haver relacionamentos entre pessoas do mesmo totem.

Em algumas culturas um homem deveria evitar a irmã de sua esposa; e a sogra deveria evitar a companhia do genro. A justificativa é que a sogra pode estar tão identificada à filha que o genro possa confundi-las. A sogra por sua vez, poderia se apaixonar pelo homem de sua filha, situação que deveria evitar. Esta seria uma forma de explicar a usual hostilidade a estas figuras familiares. Neste trecho é importante destacar dois pontos: Freud comenta o fato de a menina poder estar muito identificada a sua mãe, o que também é desenvolvido nos textos sobre sexualidade feminina como parte da constituição edípica do gênero feminino (FREUD, 1932) o segundo ponto a ser destacado é a competição velada entre mãe e filha na relação ao genro. Seria esta rivalidade uma reprodução da disputa edípica? Ou estaríamos lidando com uma característica tipicamente feminina de rivalidade? Freud, nos textos da década de 1930, fala sobre a inveja como uma característica tipicamente feminina, talvez esta inveja acabe levando a uma disputa entre elas.

FREUD (1913) afirma que de forma geral as mulheres eram consideradas tabus na menstruação e após o parto. Porém, quando uma mulher era comprometida com um homem passava a ser tabu para todos os outros. Portanto, Freud estava neste texto delineando a condição histórica e cultural das mulheres e, mais especificamente, de sua sexualidade a uma condição de tabu.

A origem do totem nas comunidades primitivas era determinada pela mãe durante a gravidez. O filho nascido com um determinado totem naturalmente não poderia matar nem comer tal elemento da natureza pois estaria mergulhando em um processo de autodestruição. Nesta explicação para a origem do totem notamos a influência da mulher nesta sociedade, já que era a mãe que definia o elemento do totem.

Originalmente, todos os totens eram animais e eram considerados como ancestrais dos diferentes clãs. Os totens eram herdados apenas através da linha feminina. Havia uma proibição contra matar o totem. (FREUD, 1913, p. 115).

Ainda no texto intitulado “*Totem e tabu*” FREUD (1913), baseado em teses de Charles Darwin, relatou o mito da *horda primeva*, que seria uma espécie de “mito científico” que guardaria a verdade da humanidade e que propõe uma explicação para a origem das leis entre os homens. Nesta sociedade inicial era possível encontrar homens ou grupos de homens que podiam ter quantas esposas quisessem e que expulsavam os mais jovens, os quais vagavam até conseguir suas próprias esposas. Para estes machos poderosos não havia limites de poder, nem leis proibitivas, eles viviam conforme seu próprio desejo de satisfação. As

regras eram apenas para os mais fracos que tinham que se submeter ao líder. Assim, não poderia haver relações sexuais internas a estas hordas se não fosse com o líder.

Os irmãos que formavam a horda ficavam de tal forma submetidos ao pai, como líder, que certa vez resolveram matá-lo. Este posicionamento social mostra o protótipo dos seres castrados diante de um pai não castrado. Assim, os irmãos, unidos como grupo, alcançaram seu objetivo e com a morte do pai determinaram a constituição da lei para que aquilo nunca mais ocorresse. A culpa fraterna pelo assassinato do pai fez com que o pai morto ficasse até mais temido. Para que ninguém ocupasse o lugar deixado pelo pai, neste momento tão temido e forte, os irmãos libertaram as mulheres.

No mito totêmico as mulheres aparecem como simples reprodutoras que fazem com que um homem sinta-se poderoso ao possuí-las. Na *horda primeva* o pai desfrutava de todas as mulheres, portanto todos os homens eram seus filhos. Este pai possuía todos eles como objetos de seu poder e o feminino aqui se reduz a um objeto cobiçado pelos homens, necessário à reprodução da espécie e sem referências a desejo ou individualidade. Aqui temos em Freud o modelo de um feminino arcaico e submisso, próprio à reprodução e ao poder. E ele parece desconsiderar as culturas matriarcais que também existiram na antiguidade.

Anos depois em “*O tabu da virgindade*”, FREUD (1918) fala da forte influência cultural na determinação das características da feminilidade. Portanto, neste texto além da determinação anatômica, que será descrita nos textos sobre a sexualidade feminina (FREUD, 1930, 1932), os costumes morais são levados a sério na interpretação freudiana. Neste texto (FREUD, 1918) o ato sexual feminino é considerado tabu, principalmente o primeiro na vida de uma mulher. Este texto trata de um estudo antropológico em que Freud analisa psicanaliticamente costumes de diferentes povos primitivos e desvela alguns posicionamentos sobre a sexualidade da mulher. Por exemplo, em algumas civilizações primitivas a virgindade não era rompida com o futuro marido, mas sim num ritual quase religioso que protegia o marido da hostilidade despertada na mulher por este ato.

Esta cerimônia do casamento consiste na perfuração do hímen por uma pessoa designada que não o marido; é muito comum nos estágios mais baixos de cultura, especialmente na Austrália.’ (Crawley, 1902, 347, In FREUD, 1918, p. 202) (...) (Ibid., 349.) ‘Uma preliminar importante do casamento entre os Masai (da África Equatorial) é a execução dessa operação na menina (J. Thomson, [1887], 2, 258). Esse defloramento é efetuado pelo pai da noiva entre os Sakais (Malásia), os Battas (Sumatra) e os Alfoers das Celebes (Ploss e Bartels, [1891], 2, 490). Nas Filipinas, havia determinados homens cuja profissão era deflorar noivas, caso o hímen não houvesse sido perfurado na infância por uma mulher idosa, às vezes contratada para esse fim (Featherman, [1885-91], 2, 474). O defloramento da noiva entre certas tribos Esquimós era confiado ao angekok, ou sacerdote. (ibid, 3, 406, In FREUD, 1918, p. 203).

Os diferentes rituais culturais descritos por Freud mostram como a perda da virgindade merecia a atenção de uma sociedade para que o casamento não fosse prejudicado pela ira feminina surgida com o primeiro ato sexual. A feminilidade envolveria, portanto, uma experiência de submissão, mas não sem revolta. O comportamento tipicamente feminino surge nesta obra de Freud mais uma vez envolto em sentimentos aflitivos, exigindo cuidados de toda uma organização social na tentativa de evitá-lo.

FREUD (1918) explica que a freqüente hostilidade da mulher após as relações sexuais, deve-se à frustração e à sensação de submissão que gerariam conseqüências para a relação afetiva do casal.

Este estado de sujeição é, em conseqüência, muito mais freqüente e mais intenso nas mulheres que nos homens, conquanto seja verdade que ocorra nos últimos muito mais amiúde hoje que antigamente. (FREUD, 1918, p. 202).

Se para a mulher o tabu está relacionado com a submissão, para os homens o tabu da virgindade se relaciona ao sangue que é origem da vida nas tribos primitivas; é também algo novo e desconhecido o que provoca nos neuróticos certo incômodo. Os homens além de sofrerem com o contato com o sangue também teriam de conviver com as proibições sexuais das mulheres, que são muito numerosas, mesmo em períodos em que não haveria nenhum impedimento para uma relação sexual.

A mulher não é unicamente tabu em situações especiais decorrentes de sua vida sexual, tais como a menstruação, a gravidez o parto e o puerpério; além dessas situações, as relações sexuais com as mulheres estão sujeitas a restrições tão solenes e numerosas que temos muitas razões para duvidar da suposta liberdade sexual dos selvagens. (FREUD, 1918, p. 205).

No trecho acima fica evidente que nas tribos primitivas a sexualidade tinha diversas normas rígidas que os membros da civilização atual muitas vezes desconhecem, imaginado um ideal de liberdade sexual e orgias orgásticas.

Mais uma vez aparece na obra freudiana uma referência à mulher como um ser misterioso e quase perigoso. Se seguirmos a lógica de que o homem constrói seus tabus em relação a coisas que teme, fica evidente que as mulheres estão entre estas coisas que merecem cautela, já que estão incluídas nos tabus. Nas palavras de Freud:

Talvez este receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e,

então, mostra-se ele próprio incapaz. O efeito que tem o coito de descarregar tensões e causar flacidez pode ser o protótipo do que o homem teme; e a representação da influência que a mulher adquire sobre ele através do ato sexual, a consideração que ela em decorrência do mesmo lhe exige pode justificar a ampliação desse medo. Em tudo isso, não há nada obsoleto, nada que não permaneça ainda vivo em nós mesmos. (FREUD, 1918, p. 206).

Note no trecho acima a frase: “Medo de ser contaminado por sua feminilidade”. Aqui a feminilidade aparece como se fosse uma doença, como se a feminilidade fosse o protótipo da castração representada no órgão genital feminino. O homem sente-se desestruturado pela feminilidade. Freud revela neste trecho um horror ao feminino e à mulher, por meio da liberação da energia sexual figurada na detumescência do pênis após o ato sexual. Assim o desejo pela mulher coloca o homem em posição frágil, e a mulher com este pseudo poder destruidor e contaminante, como uma vilã caricatural da feminilidade.

FREUD (1918) volta seu olhar para a civilização de sua época e comenta que as primeiras relações sexuais de um casal de fato podem não corresponder ao ideal de satisfação e paixão entre um homem e uma mulher. Assim, Freud acaba mostrando que o medo dos primitivos é justificado, já que as primeiras relações sexuais podem ser frias e frígidas para a mulher, e que esta frigidez pode perdurar por toda a vida sexual das mulheres. Este medo não se justifica totalmente, pois se sabe que nem todas as primeiras relações sexuais são frias e frígidas.

Seguindo este raciocínio o homem que deflora uma mulher pela primeira vez correria o risco de sofrer uma hostilidade permanente. Segundo Freud, as mulheres sentem dor e frustração das expectativas na primeira relação. Além do que, o homem a quem se dirige a libido feminina é normalmente o pai, irmão ou algum parente definido edipicamente. Portanto, o marido geralmente não é este homem desejado, mas um mero substituto. Para Freud a questão se encerra assim, mas este fato não explica tudo, pois as mulheres também são substitutas da mãe de seu marido e nem por isso geram tanta hostilidade.

Segundo Freud as mulheres, portanto, vivem na primeira experiência sexual um desapontamento com relação a suas expectativas, pois podem sentir dor. E talvez possamos pensar em uma dor que vai além do físico, mas que envolve a dor de ter de gozar com um substituto, o que exige renúncia de seus desejos iniciais, pois há uma substituição das figuras masculinas (o marido normalmente substitui o pai). Também entra em cena na primeira relação sexual a inveja do pênis revivida pelo reconhecimento físico de sua castração, levando a uma inevitável revisão da antiga teoria da universalidade do pênis.

Há algum tempo tive a oportunidade de obter a compreensão (insight) através de um sonho de uma mulher recém-casada, em que era reconhecível a reação à perda de sua virgindade. Delatava, espontaneamente, o desejo da mulher de castrar seu jovem marido e guardar o pênis dele para ela. (FREUD, 1918, p. 212).

Vê-se que a mulher descrita por Freud neste trecho não acredita na universalidade do pênis como fato real, mas a inveja do pênis sentida na infância e as teorias sexuais das crianças são retomadas inconscientemente pela mulher. De forma amarga e infantilizada, visto que não se satisfaz com a diferença sexual sem ressentimento, a mulher, na visão de Freud, pode permanecer em clima de luta contra o sexo masculino para sempre:

Por trás dessa inveja do pênis, manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, que nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e que está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres 'emancipadas'. (FREUD, 1918, p. 212).

Esta frase é importante, pois revela com todas as letras um pensamento freudiano de que a inveja e a rivalidade feminina em relação aos homens faz com que sintam uma espécie de ódio invejoso. Freud ainda atribui à autoras feministas a manifestação desta hostilidade. Uma destas autoras poderia ser Virgínia Wolf (MANONI, 1999), autora feminista que viveu na época de Freud e que escreveu diversos textos que relatavam a vida e o sofrimento das mulheres de sua época marcadas pelo preconceito. Parece que a revolta das feministas e sua luta por direitos acabou ficando marcada por um ódio ao masculino, algo que FREUD (1918) não deixou passar em branco, como ficou relatado neste texto.

Dentro do texto "*Tabu da virgindade*" FREUD (1918) narra a tragédia de Hebbel que conta a história de Judite e Holofernes, em que Judite tem a virgindade protegida por um tabu. Seu primeiro marido ficou paralisado de angústia na noite de núpcias e nunca mais a tocou. Certa vez, quando um general assírio estava cercado sua cidade, ela o seduziu e após ser deflorada por ele cortou sua cabeça (FIGURA 1 e 2).

A decapitação é nossa conhecida como símbolo substituto da castração; Judite é, assim, a mulher que castra o homem que a deflorou, o que constitui justamente o desejo da mulher recém-casada, expresso no sonho que comuniquei. (FREUD, 1918, p. 214).

Na tragédia o autor sexualizou a figura bíblica do velho testamento e deu palavras ao temor da perda da virgindade e principalmente ao temor à castração.

A hostilidade com fúria de Judite deflorada representa a reação normal de uma mulher submetida por um homem por meio da relação sexual. Freud afirma que isso tende a desaparecer nos casamentos felizes, mas admite que é freqüente a permanência deste

sentimento acorrentado a este homem, que para Freud é normalmente o primeiro marido. Nos dias de hoje não é usual apresentar o marido como o primeiro homem a ter uma relação com sua esposa, mas a sensação de hostilidade frente as relações sexuais tal como Freud a descreveu, possivelmente continua a aparecer em outras configurações. Assim como ainda hoje se tem na figura de Judite um modelo de fúria e poder de destruição de uma mulher submetida.

Falando em fúria, sedução e amor alguns anos depois Freud deixa de lado o estudo das leis e tabus e se dedica à importância das relações afetivas na manutenção das civilizações em *“Psicologia de grupo e análise do eu”* (FREUD, 1921). As relações familiares ficam em destaque, pois são as primeiras na vida do ser humano. No capítulo sobre as identificações os meninos apresentam uma relação afetiva de identificação para com seu pai o que não é manifestação de feminilidade, mas que demonstra o desejo da criança de parecer-se com seu pai e ser amada por ele.

Assim, um menino apresenta uma catexia libidinal em relação à mãe e uma identificação em relação ao pai. Neste caso Freud separa identificação como aquilo que o sujeito gostaria de ser, como um modelo a ser seguido; enquanto que a catexia sexual trata-se do objeto que desejaria ter ou possuir.

Suponhamos que uma menina (e, no momento, nos ateremos a ela) desenvolve o mesmo penoso sintoma que sua mãe, a mesma tosse atormentadora, por exemplo. Isso pode ocorrer de diversas maneiras. A identificação pode provir do complexo de Édipo; nesse caso, significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetual pelo pai, ocasionando realização, sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe: ‘Você queria ser sua mãe e agora você a é — pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos’. Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histérico. (FREUD, 1921, p. 116).

A identificação ocorreu sobre um ponto de congruência entre os dois egos o que permitiu o sintoma aparecer. Assim, se a filha desejava ser como a mãe pode tossir como ela para, quem sabe, ter as outras características dela. Em outro caso citado por Freud neste texto ocorre uma identificação histérica entre meninas de um colégio interno. Uma delas recebe uma carta de amor e começa a ter um ataque histérico. Aquelas que conheciam a história e que gostariam também de ter um amor proibido, mesmo que inconscientemente, iniciaram uma crise histérica tal como a protagonista. Uma pessoa desconhecedora deste conceito poderia imaginar que é por simpatia que elas desenvolvem o sintoma, mas isso seria um engano (FREUD, 1921). O processo de identificação aparece, portanto, tanto para

meninos quanto entre as meninas, mas na patologia histérica em mulheres ganha um papel de destaque, como foi descrito por Lacan em 1956-57 no texto em que estuda o caso Dora e o caso da Jovem Homossexual, já analisados no capítulo anterior desta dissertação.

As histéricas teriam uma intimidade com o processo de identificação pois buscariam a compreensão de uma definição da feminilidade por meio de uma investigação de outras mulheres. Assim, as mulheres histéricas estariam sempre na busca de uma identidade que as reconhecesse como femininas. Neste caminho estariam dispostas a observar detalhadamente outras mulheres assim como invejá-las e imitá-las. Isso ocorre pois a constituição de seu corpo não lhe oferece matéria suficiente para a definição de seu sexo como no caso dos homens; e por não terem obtido sucesso na dissolução edípica como no caso das mulheres não histéricas.

Freud não fala de uma diferença de gênero no processo de identificação, para ele, homens e mulheres realizam este processo na constituição do aparelho psíquico por meio do contato com as pessoas que os cercam. Portanto, estudar as influências dos grupos e suas leis é interessante para o estudo da feminilidade assim como de qualquer ser humano, pois no processo de identificação adquire-se, tal como um canibal, as características alheias que passam a ser internas ao sujeito:

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase *oral*, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. (FREUD, 1921, p. 115).

Dando continuidade a este assunto, no texto intitulado “*Futuro de uma ilusão*” FREUD (1927) toca na questão das influências sociais através da cultura e da religião, como veículos de instauração de normas morais que atingem a sexualidade. Este ponto é importante no estudo sobre a mulher, pois a psicanálise freudiana é acusada muitas vezes de ignorar as pressões sociais nas determinações psíquicas. No trecho a seguir fica clara a forma como Freud encara a construção de ilusões pautadas em princípios religiosos e morais e como elas estão fortemente ligadas à construção dos papéis sexuais.

Tendo identificado as doutrinas religiosas como ilusões, somos imediatamente defrontados por outra questão: não poderão ser de natureza semelhante outros predicados culturais de que fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas? Não devem as suposições que determinam nossas regulamentações políticas serem chamadas também de ilusões? E não acontece que, em nossa civilização, as relações entre os sexos sejam perturbadas por ilusão erótica ou um certo número dessas ilusões? (FREUD, 1927, p. 47).

Neste mesmo texto Freud fala de uma debilidade mental fisiológica, que é dirigida ou causada pela moral de uma civilização. Como exemplo desta debilidade causada por pressões sociais Freud cita o fato de as mulheres não poderem voltar seu pensamento ao que realmente lhes interessa desde de muito cedo: a vida sexual. Este comportamento ocorreria justamente por uma pressão moral que considerava inadequado a uma mulher dedicar-se a assuntos da sexualidade. De forma geral, Freud afirma que a inteligência do homem não poderia ser apenas governada por seus instintos, mas também pelas instituições religiosas.

Assim, nesta obra de FREUD (1927) podemos notar dois aspectos importantes: a mulher sofreria forte impacto da cultura ocidental sendo forçada a reprimir desde cedo seus instintos sexuais, o que propiciaria um quadro de histeria; e a repressão da curiosidade investigativa da menina em relação a sexualidade levaria a um déficit no desenvolvimento cognitivo, assunto que FREUD (1910) tratou no texto sobre Leonardo da Vinci.

Não é de se espantar, portanto, que anos depois Freud escrevesse sobre as influências que uma vida em comunidade exerciam sobre o sujeito psicanalítico. No texto intitulado “*Mal-estar na civilização*”, FREUD (1930) reflete sobre a adaptação quase sempre conflituosa do ser pulsional à vida em grupo. As determinações psicanalíticas desta obra apontam para o fato de que a comunidade global humana está repleta de falhas estruturais que, quase sempre, estão fadadas ao mal-estar no convívio grupal.

Ainda em “*Mal-estar na civilização*”, FREUD (1930) tece comentários específicos sobre a mulher no cenário civilizatório. Neste texto afirma que a família e a comunidade maior estão em conflito, pois a família não abandona o indivíduo; e quanto mais íntima e unida uma família, menos há integração nos círculos mais amplos da comunidade humana. É justamente neste ponto que afirma que a mulher possui uma postura “anticivilizatória”:

As mulheres logo se opõem à civilização e demonstram sua influência retardante e coibidora - as mesmas mulheres que de início, estabeleceram os fundamentos da civilização pelas reivindicações de seu amor. As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual. O trabalho de civilização tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis e compelindo-os a executarem sublimações instintivas de que as mulheres pouco são capazes. Já que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem de realizar suas tarefas efetuando uma distribuição conveniente de sua libido. Aquilo que emprega para finalidades culturais, em grande parte o extrai das mulheres e da vida sexual. Sua constante associação com outros homens e a dependência de seus relacionamentos com eles o alienam inclusive de seus deveres de marido e pai. Dessa maneira, a mulher se descobre relegada a segundo plano pelas exigências da civilização e adota uma atitude hostil para com ela. (FREUD, 1930, p.109).

Nesta extensa citação podem-se perceber aspectos curiosos da teoria freudiana e até mesmo de um ponto de vista pessoal de Freud. Segundo ele as mulheres têm função importante na fundação da família em nome do amor, porém por estarem excluídas da locomotiva frenética da civilização tomam postura hostil para com ela. Na época de Freud as mulheres não tinham opções de trabalho e de realização de sonhos pessoais sem parecerem subversivas – isto é um fato histórico. Porém, Freud insere um ponto controverso nesta divisão da casa com o mundo do trabalho, ele fala da pouca capacidade de sublimações instintivas nas mulheres. Afirma que elas seriam pouco adaptadas ao desenvolvimento de trabalhos fora de casa por não conseguirem sublimar de forma adequada suas pulsões. Os homens, voltando-se ao mundo do trabalho acabam relegando a mulher para segundo plano, o que geraria nelas um sentimento hostil para com a civilização. Freud não descreveu o que seria esta posição hostil feminina e passou a descrever, na seqüência do texto, a difícil tarefa civilizatória da repressão sexual ao casamento heterossexual como padrão de satisfação humana.

Estaria Freud neste trecho afirmando que as mulheres têm pouca capacidade de sublimação e não agüentariam trabalhar tal como um homem? Não parece que ele esteja realizando uma crítica social à exclusão das mulheres do mundo do trabalho, ao contrário, parece de fato afirmar que as mulheres não possuem a mesma capacidade dos homens de sublimação e que isso as impossibilitaria de realizar as mesmas tarefas que eles.

Outra frase do texto “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930) que gera questionamentos é: “aquilo que emprega para finalidades culturais em grande parte o extrai das mulheres e da vida sexual.” (FREUD, 1930, p. 109). Neste trecho Freud relatava a vida do homem como o trabalhador que se dedica fora de casa e que dirige boa parte de sua libido ao trabalho e aos colegas homens. Mas os homens têm um limite de energia libidinal e por isso deveriam cuidar para haver uma boa distribuição que garantiria o bom funcionamento psíquico. Neste sentido a vida de casado serviria também para reabastecê-los libinalmente, como se as mulheres fossem um reservatório de energia psíquica à disposição dos homens e como se elas pouco gastassem desta energia. Talvez esse seja o ponto de vista freudiano do casal: a mulher cuidando para que o homem possa viver em todo seu potencial.

Na seqüência deste mesmo texto é inserida longa nota de rodapé em que Freud fala sobre a disposição bissexual original do homem em que os caracteres anatômicos podem ser determinados facilmente, enquanto os determinantes psíquicos de gênero são difíceis de apreender. Freud localiza a diferença psicológica entre os gêneros masculino e feminino

fazendo uma correspondência simples entre atividade e passividade, respectivamente relacionados com masculino e feminino.

Ainda falando sobre os costumes de uma época no texto “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*”, FREUD (1910) desenvolve o tema da sexualidade enfocando as relações de escolha de objeto e do encontro entre homem e mulher. Descreve duas correntes na vida sexual adulta: uma afetiva/amorosa, e outra sensual. Para alguns homens ocorre uma aparente dificuldade de unir estas correntes por haver uma supervalorização incestuosa que o impede de tomar como objeto sexual aquela mulher que lembre sua mãe. Paradoxalmente o menino marcado pela vivência do Édipo ao mesmo tempo em que procura numa mulher aquilo que ficou de sua mãe, que edipicamente define um modelo de mulher desejado, também o repudia pela proibição do incesto. Por isso, por esta junção de desejo e de uma gritante proibição, existe neles uma necessidade de depreciar o objeto sexual, ou seja, as mulheres. Freud descreve aqui um tipo de homem heterossexual, que desempenha funções sexuais, mas que vê na sexualidade feminina um misto de pecado e asco que acaba por trazer sofrimento a ele mesmo e as mulheres que certamente terão problemas na relação com ele. Ele busca uma mulher que se encaixe nos moldes definidos por sua mãe como todo neurótico, mas não se permite usufruir dela e então a deprecia. Uma forma de exemplificar este fato ocorre quando este tipo de homem vê sua esposa transformar-se em mãe. Quando isto ocorre a ligação incestuosa com sua mãe toma um colorido mais intenso e ele pode simplesmente não considerar mais sua esposa como alguém capaz de se relacionar sexualmente. Isso não ocorria apenas na época de Freud, ainda hoje é sabido que alguns homens passam a não sentir mais desejo sexual por suas mulheres após a gravidez das mesmas. Mesmo assim estes homens continuam sentindo desejo sexual por outras mulheres. Na época de Freud a prostituição e o sexo fora do casamento talvez fossem a única saída para que este tipo de homem tivesse satisfação sexual, enquanto que nos dias de hoje os casamentos acabam se desmanchando.

FREUD (1910) também dá seu parecer sobre as mulheres, no caso destas, as duas correntes, sexual e afetiva, podem ficar juntas e não há necessidade de depreciação do objeto de desejo, porém podem apresentar um quadro de frigidez ao fazerem alguma ligação entre o objeto sexual e o incestuoso. Seria uma saída melhor? Se a barreira do incesto faz com que alguns homens não sintam mais atração sexual por suas mulheres após a gravidez, e tivessem buscado satisfação com outras que não a esposa, a situação parece se complicar quando se trata do lado feminino da questão. É possível que uma mulher ao se relacionar com um homem que se encaixe em seu modelo edipiano possa ouvir soar a barreira do incesto, e

mesmo assim possa continuar enamorada e desfrutar da satisfação sexual sem depreciá-lo. A junção do amor romântico com desfrute da sexualidade para as mulheres sem dúvida é uma ampliação da capacidade de se realizar, mas Freud não deixa de citar os freqüentes casos de frigidez feminina, que podem estar ligados a mesma proibição do incesto que nos homens gerou a depreciação.

Após esta investigação temos a sensação de que esta depreciação está muito ligada à depreciação da castração e dos órgãos genitais femininos, como Freud desenvolveu em tantos textos sobre a sexualidade feminina e sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil (FREUD, 1925 e 1931).

Neste texto finalmente parece que as mulheres tiveram uma saída mais vantajosa, pois conseguem amar de forma mais completa do que este tipo específico de homem. A saída masculina, neste caso, envolve fatores depreciativos e que geram sofrimento, enquanto que entre as mulheres o amor e a sexualidade podem andar juntos. Portanto, mesmo que este tipo de limitação da satisfação masculina não ocorra com todos os homens, o fato de as mulheres usufruírem de sua sexualidade juntamente com correntes afetivas seria uma diferença significativa e vantajosa.

3.2 Análise freudiana de textos artísticos e literários

A análise das obras a seguir irá auxiliar na descrição do feminino e da mulher na obra de Freud por um viés pouco investigado, mas muito importante das concepções freudianas.

Na obra *“Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen”*, FREUD (1907) utilizou-se de um texto literário/poético para dar continuidade a sua teoria dos sonhos. Os sonhos constantemente aparecem em obras literárias e Freud acreditava que, por mais que eles sejam frutos da consciência do autor, podem ajudar na compreensão da psique humana pelo potencial criador do escritor. Ele escolheu o livro *Gradiva* de autoria de Wilhelm Jensen, porque nele aparece a narrativa de sonhos com conteúdos interessantes e também porque descreve a realidade de um delírio quase que psiquiátrico.

O personagem principal desta obra é Norbert Hanold: um arqueólogo muito dedicado que, num museu, ficou encantado com uma imagem romana em relevo. Sua paixão foi tão intensa que conseguiu adquirir uma reprodução perfeita de tal relevo (FIGURA 8).

A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. (FREUD, 1907, p.22).



FIGURA 8 Gravida de Jensen

Hanold ficava observando o relevo e criando histórias que poderiam ter sido vividas por aquela bela personagem. Motivado pela ânsia da descoberta científica ou artística ele passou a observar as mulheres andando na rua para encontrar um caminhar semelhante. Ele que havia se isolado do mundo das relações amorosas, dedicando-se totalmente à pesquisa arqueológica, encontrara um motivo racional para observar as mulheres. Numa visita às ruínas da cidade de Pompéia Hanold se dispersou do guia e ficou andando a esmo pela cidade. No

meio dia, horário dos espíritos para os antigos, vê a moça do relevo passar pela praça. O leitor é então envolvido num mistério: seria a tal mulher um sonho, uma alucinação ou um espírito?

Um dia Hanold pretendendo saber se ela era sonho ou realidade, tocou em sua mão para espantar uma mosca. Para surpresa geral ele descobre que Gradiva era verdadeira: viva e quente. Freud interpreta a curiosidade de Hanold pela corporeidade de Gradiva como a curiosidade erótica pelo corpo de uma mulher. O mistério acaba ali com a compreensão de que Gradiva era de carne e osso e apenas havia entrado na fantasia do protagonista. Mas qual teria sido a intenção desta mulher?

Se até aqui esta obra parece mais contribuir aos estudos sobre a masculinidade, a partir deste trecho aparecem conteúdos que interessam a discussão sobre a feminilidade e a mulher, pois é revelado que a suposta Gradiva era uma antiga colega de infância de Hanold e que seu nome é Zoe. Esta mulher realizou um discurso (um verdadeiro desabafo) dizendo que Hanold se tornou um homem desinteressado e preso à arqueologia. Ela conta que depois de um tempo ele nem sequer a cumprimentava mais. E o mais curioso era que esse encontro não precisaria ter ocorrido em Pompéia, pois ela morava na mesma cidade que Hanold e era praticamente sua vizinha.

Sra. Zoe, a corporificação da inteligência e da clareza, torna sua mente transparente para nós. Se é regra geral que toda jovem normalmente constituída dirigia primeiramente sua afeição ao pai, Zoe, cuja família se resumia neste, estava especialmente destinada a fazê-lo. Mas seu pai, totalmente absorvido em seus interesses científicos, não lhe dava a mínima atenção. Assim, ela foi obrigada a se dirigir para outra pessoa, ligando-se particularmente ao seu jovem companheiro. (FREUD, 1907, p. 38).

O fato de Hanold haver se dedicado totalmente aos estudos arqueológicos o afastou da vida sentimental e amorosa tal como Freud descreveu que ocorria com Leonardo da Vinci (1910). Este tema também é trabalhado no texto “*O futuro de uma ilusão*” (FREUD, 1927) no qual descreve o fato de uma cultura de repressão da sexualidade feminina ter dificultado o desenvolvimento da curiosidade científica. É a figura feminina, aqui representada por Zoe, que reclama a este homem por seu lado sentimental ao dizer que sentiu muita falta de seu amigo, pois era o único com quem tinha um relacionamento mais próximo. Quando ele passou a se dedicar totalmente aos estudos tornou-se semelhante ao pai de Zoe, que também era dedicado quase que exclusivamente ao trabalho científico. O amor dela se manteve ao longo dos anos, porém ele a esquecera. Poderíamos pensar que as mulheres parecem ser sempre aquelas que resgatam o sentimentalismo nas obras de Freud enquanto os homens estão sempre envolvidos com sua vida profissional. As mulheres como representantes

dos interesses familiares ficaram mais livres para se dedicar aos assuntos do amor. A sexualidade ficaria, portanto mais romantizada, como Freud dá a entender no texto “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” (FREUD, 1910).

FREUD (1907) interpreta a história pelos rumos simbólicos nela envolvidos, porque acredita que a amizade deles explica o delírio. Hanold se interessou pela peça arqueológica, pois fez uma relação inconsciente entre a imagem e o andar de sua amiga de infância. Imaginou a moça helênica, pois Zoe tinha nome grego; Gradiva seria filha de patricio importante, tal como Zoe era filha de um importante professor universitário. Também há ligação entre o nome Gradiva, aquela que anda e brilha, com o sobrenome de Zoe - *Bertgang*, pois *Bert* significa brilho e *gang* significa andar. Portanto, ele batizou o revelo romano com o mesmo nome de sua amiga esquecida. Neste trecho é possível notar algumas particularidades do amor para um homem - como um típico neurótico obsessivo, Hanold voltou-se para seu pensamento, seu trabalho e construiu um delírio. Se tomássemos este personagem como modelo masculino ele representaria boa capacidade de sublimação do desejo sexual por meio do trabalho, pois Freud afirma que o afeto amoroso e sensual que havia entre as personagens, por algum motivo, fora recalcado. Com a leitura do texto percebemos que foi necessária a intermediação de uma imagem de mármore para que gradualmente Hanold direcionasse seu interesse para as mulheres de carne e osso. Assim, a motivação artística de pesquisa sobre as mulheres, na verdade, encobriria uma motivação erótica inconsciente.

FREUD (1907) buscava também verificar a análise dos sonhos ali descritos. Num deles, Gradiva manipula um mecanismo para caçar lagartos, o que faria referência ao desejo de casamento de Gradiva.

A caça de lagartos adquiriu o sentido de caça do homem, e é o seguinte o significado da fala de Gradiva: ‘Deixa-me agir sozinha, que saberei conquistar um marido tão bem quanto qualquer outra moça.’ (FREUD, 1907, p. 71).

Neste relato é possível encontrar algo que Jensen e Freud parecem considerar como típico das mulheres: a preocupação em encontrar um marido. Sem saber se isto pode mesmo ser generalizado a personagem se vê como alvo desta disputa pois é o homem desejado por Gradiva, ou Zoe.

Em outro sonho Hanold vê Gradiva morrer soterrada pelas cinzas do Vesúvio ao lado do templo de Apolo. Ele é invadido por grande tristeza por causa dessa morte ocorrida tanto tempo atrás. Freud acredita que ele realiza o desejo de qualquer arqueólogo: estar

presente num fenômeno historicamente tão importante. O fato de apresentar sua amada morta chama a atenção, pois as figuras femininas em sua vida estavam mesmo mortas e foi somente por meio desta imagem de morta que uma mulher conseguiu se aproximar da vida de Hanold. O jogo entre mulher viva e morta também é comentado por FREUD (1913) no texto “*A escolha dos três escrínios*”, pois a figura feminina ali fora apresentada como a representante da vida e da morte.

A forma com que Zoe tratou Hanold durante todo o livro é muito curiosa. Por que ela se fez passar por Gradiva? Queria um casamento? Queria curar seu amigo de infância de um delírio sem sentido? Queria poder despertar a sensibilidade de um acadêmico incurável? Freud acredita que de uma forma ou de outra Zoe atuou como num tratamento psicanalítico, pois ela ouviu a sua história, e foi gradualmente trazendo conteúdos inconscientes para a consciência a ponto de perceber que ela era a causa de todo o enamoramento pela imagem em revelo. Com a aproximação dentro da fantasia arqueológica ela penetrou nas barreiras de proteção de Hanold, fazendo-o capaz de amar novamente. Ela o curou pela palavra e pela escavação em sua mente de um conteúdo reprimido do qual ela fazia parte.

Neste caso a figura feminina protagonizada por Zoe, a Gradiva, mostra a inteligência e delicadeza consideradas típicas da mulher. Porém novamente o interesse por casamento aponta a uma preocupação familiar muito comum. Nesta obra a figura masculina é fantasiosa, supersticiosa, afastada da realidade, recalcada e covarde frente aos encontros com outras pessoas. A mulher traz a ligação com a vida e com os relacionamentos que Hanold havia rechaçado. Freud vê a mulher aqui como a representante da clareza e da sanidade de um tratamento psicanalítico. Não podemos negar que Zoe aja por meio da sedução, o que desde os tempos mais remotos é considerado arma vulgar feminina, mesmo assim, também não se pode negar que é por meio da inteligência e da perspicácia que ela conquista e cura seu amado.

Na mesma linha de análise encontramos outra obra freudiana que não poderia deixar de ser citada: “*Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*” (FREUD, 1910). No início desta obra há uma interessante citação de Schiller: “O mundo gosta de denegrir o brilhante e arrastar na lama o sublime” (SCHILLER, apud FREUD 1910). Talvez esta frase tivesse encorajado Freud a falar de alguém tão genial quanto Leonardo e talvez até mesmo quisesse encontrar nela consolo para a rejeição de sua própria teoria por muitos teóricos de sua época. Deixando estas hipóteses de lado passemos a obra em si: encontramos aqui a descrição de um dos mais brilhantes artistas da humanidade, que deixava

as obras inacabadas, que possuía veemente repulsa pela sexualidade e que possuía delicadeza quase feminina: Leonardo da Vinci.

Freud analisa, numa extensa nota de roda pé, um desenho esquemático de Leonardo do aparelho genital feminino e de uma possível relação sexual. O desenho mostra órgãos internos femininos e masculinos e não possui as figuras ali representadas de forma completa. A imagem do homem é mais completa e correta em termos anatômicos, porém possui cabelos que se assemelham aos normalmente pintados em mulheres. A expressão de desgosto no homem é tocante, mas não mais do que a ausência do desenho da cabeça da mulher, pois aparecem apenas os órgãos relacionados à reprodução: útero, mamas, etc. Freud acredita que os erros anatômicos cometidos nesta obra são devidos ao desinteresse de Leonardo pela feminilidade e pela sexualidade. Ou seja, sua paixão pela humanidade era totalmente direcionada a arte e a ciência, como aquilo que foi descrito sobre o personagem principal de *Gradiva* de Jensen (FREUD, 1907).

Sobre isso Freud acrescenta comentário claro e raro sobre a sublimação:

A transformação da força psíquica instintiva em várias formas de atividade, da mesma maneira que a transformação das forças físicas, não poderia ser realizada sem prejuízo... afirma que a vida dele foi muito pobre em paixão e envolvimento afetivos, “terá pesquisado em vez de amar”. (FREUD, S. 1910, p. 83).

Na seqüência Freud escreve algo semelhante ao que desenvolvera em “*Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*” (FREUD, 1908) sobre a pesquisa da sexualidade das crianças como modelo gerador da curiosidade e raciocínio lógico delas. Naquele texto Freud fala que as mulheres, por terem sido especialmente reprimidas em suas pesquisas sobre a sexualidade, acabam por dedicar tanta energia pulsional reprimindo conteúdos da sexualidade que ficam prejudicadas em seu desenvolvimento cognitivo.

Também fala sobre a pesquisa sobre a origem da vida e da gravidez que angustia muitíssimo as crianças como em “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (FREUD, 1908) e que também foram confirmadas no texto sobre o atendimento psicanalítico do pequeno Hans em “*Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*” (FREUD, 1909).

Porém o que mais chama a atenção para este trabalho é a análise freudiana da seguinte fantasia infantil de Leonardo:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão profundamente com abutres; pois guardo como uma das minhas primeiras recordações que, estando em meu berço, um abutre desceu sobre mim, abriu-me a boca com sua calda e com ela fustigou-me repetidas vezes os lábios. (FREUD, 1910, p. 90).

Esta fantasia podia até não possuir nenhum fundamento de realidade na vida de Leonardo, mas as fantasias em geral, encobrem valiosos testemunhos das características do sujeito que a criou, mesmo que inconscientemente.

Segundo FREUD (1910), a fantasia de Leonardo aponta a um conteúdo passivo que seria comum em mulheres ou homossexuais passivos. Certamente a “coda” representa um órgão genital masculino e a “boca sendo aberta e penetrada” os genitais femininos. Pelo fato de possuir uma referência a o sexo oral, esta fantasia tem origem no sugar do seio e ocorre em pessoas dos dois sexos, porém neste caso revelou conteúdos passivos.

A interpretação freudiana não pára por aqui, pois a figura do abutre o leva a pesquisar as divindades egípcias. Nesta cultura a deusa Mut era representada com uma cabeça de abutre. Freud afirma que Leonardo não teve acesso a esta descoberta que só ocorreu em 1790-1832 com François Champollion. Porém existiam outras fontes bastante conhecidas como Estrabão e Plutarco que falavam da simbologia do abutre. Nelas este pássaro era considerado representante da maternidade, pois acreditava-se que havia abutres apenas do sexo feminino. Entre os egípcios o animal também encontra-se uma crença semelhante, mas neste caso o animal que se considerava ter apenas um sexo era o escaravelho, que julgavam existir apenas machos. Freud supõe que Leonardo havia lido estas informações em textos científicos que contassem a história dos animais ou em histórias usadas pela igreja católica para corroborar a idéia da mãe virgem.

Esta fantasia de Leonardo pode estar ligada ao fato de ele ser filho ilegítimo. Sua mãe não era casada com seu pai, este a rejeitou e casou-se com outra que após aproximadamente 5 anos o adotou. Assim ele pode ser considerado um filhote de abutre – um filho de uma mulher sem pai.

FREUD (1910) encontra na representação do abutre algo semelhante à deusa Mut, que simbolizava a feminilidade com características masculinas. Ela era sempre representada com a cabeça de um abutre e às vezes com a presença de um membro masculino em ereção. É possível identificar aqui as teorias infantis que conferem à mãe a posse do falo. Desde o princípio da humanidade a idéia da mulher possuidora do pênis parece assombrar a todos com mistério e poder.

Neste ponto é possível fazer uma ponte com recentes pesquisas sobre a sexualidade na contemporaneidade. KHEL (In COLAVITTI, 2008) comenta a moda e a crescente procura por travestis e transexuais como uma forma real de resgatar esta fantasia arcaica infantil em que a mulher possuía pênis. CALLIGARIS (In COLAVITTI, 2008)

também comenta o assunto ao narrar a história de um transexual mulher para homem que depois decidiu engravidar e pôde gerar uma criança, mesmo considerando-se seu pai. Estas seriam formas literais de retomar a fantasia da universalidade do pênis, descrita por Freud em 1908.

Estamos falando em outras palavras do complexo de castração em que o menino recebe a ameaça de castração de uma mulher e que só dá ouvido a ela quando conhece os genitais femininos. FREUD (1908, 1932, etc.) afirma que a ameaça de castração se faz ativa nos meninos depois da visão dos órgãos genitais femininos e que gera neles uma espécie de idéia denegrida da feminilidade. É como se a feminilidade fosse o representante da castração, da perda, da falta de algo tão valioso como o pênis.

FREUD (1910) tece suas análises sobre a vida de Leonardo da Vinci e investiga a gênese do homossexualismo masculino. Neste percurso ele ressalta o papel das relações familiares decorridas no complexo de Édipo como fator central na determinação da opção sexual pela homossexualidade.

Este texto revela comentários preciosos sobre uma das mais conhecidas obras de arte de todos os tempos: a Mona Lisa:

A dama sorria com régia tranqüilidade: seus instintos de conquista, de ferocidade, toda a hereditariedade da espécie, o desejo de seduzir e de fascinar, o encanto do artifício, a bondade que esconde o propósito cruel – tudo isso aparecia, desaparecia e voltava a aparecer, escondendo-se por trás do sorriso velado e mergulhado no poema de seus sorriso... Boa e má, cruel e piedosa, graciosa e felina, ela ria... (FREUD, 1910, p. 114).

Freud cita o escritor italiano Angelo Conti que escreveu sobre este quadro, que viu no Louvre:

Nenhum artista (recurso às palavras do artista de grande sensibilidade que se esconde atrás do pseudônimo de Pierre de Corlay) “jamais exprimiu tão bem a própria essência da feminilidade: ternura e vaidade, modéstia e íntima alegria sensual, todo o mistério de um coração reservado, um cérebro que pensa, uma personalidade que se defende sem nada entregar a não ser o seu esplendor. (FREUD, 1910, p. 114).

Freud utiliza-se destes comentaristas de arte para exprimir sua admiração por uma obra prima da humanidade que fala da feminilidade. E no rastro do sorriso de Mona Lisa ele se dedica de forma pormenorizada às obras de Leonardo em que aparecem as seguintes personagens – Maria, sua mãe (santa Ana) e o menino. As mulheres nesta obra representadas tem o mesmo sorriso da Mona Lisa, porém o mistério dá lugar a docilidade e felicidade. A obra mais conhecida com este tema encontra-se no Louvre e é intitulada: “Sant’Ana com dois outros”(FIGURA 9), mas é possível encontrar esboços de Leonardo com as mesmas personagens. Na obra em questão é possível verificar com clareza a forma como as

duas mulheres estão intimamente misturadas nesta representação, é como se não pudéssemos distinguir corretamente onde começa uma e onde termina a outra, as roupas e a posição dos pés fazem com que pareça uma figura com duas cabeças. Freud também nota que a idade destas personagens parece estar muito próxima – como se a mãe e a avó tivessem quase a mesma idade. Freud acredita que Leonardo acabou representando sua história pessoal nesta obra pelo fato de possuir duas mães; a biológica e a madrasta. Ao mesmo tempo ele também pode ter desenhando a experiência de ter sido criado pela madrasta e pela avó paterna que também morava junto com eles na casa de seu pai.



FIGURA 9 Sant'Ana com dois outros

Na figura que se encontra no Louvre alguns comentadores artísticos encontraram um achado que encantou Freud: o fato de terem visualizado um abutre desenhado em torno do quadril de Maria. Podemos identificar esta imagem ao deitar a figura para a esquerda. (FIGURA 10).

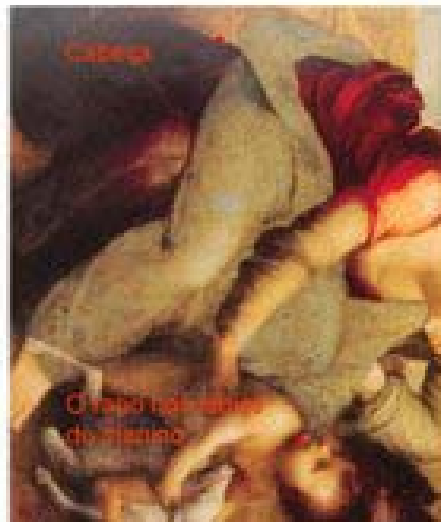


FIGURA 10 Detalhe de Sant'Ana com dois outros

Freud acaba se juntando a tantos outros que buscam decifrar as obras de Leonardo e encontra bem no seio desta tela o símbolo da feminilidade que surgira em fantasia. É como se a obra contivesse todos os conteúdos de uma neurose infantil: as duas mães, a avó, o abutre, os sorrisos envolventes e misteriosos que talvez o tivessem levado a homossexualidade. O abutre penetrando a cauda na boca do menino o coloca numa posição passiva tipicamente feminina. Outro ponto que poderíamos questionar é o fato de as figuras masculinas estarem praticamente ausentes como em sua vida. Neste caso, o abutre teria a função ambígua de ser o símbolo feminino ao mesmo tempo o masculino, pois penetra ativamente a boca do menino. O menino ainda tão pequeno e passivamente sendo cuidado por duas mulheres maduras e belas. É sabido que seu pai fora muito ausente na sua infância, principalmente na primeira infância. O que Freud acredita ter influenciado em sua pouca religiosidade e sua escolha homossexual, já que seu pai não teve papel normatizador no Complexo de Édipo. E mais, apesar de o abutre representar a feminilidade, Freud acrescenta que os pássaros surgem como símbolo do órgão genital masculino em diversos países da Europa como Itália e Alemanha. Aqui no Brasil também temos uma ave como seu

representante: o pinto. Chega-se a constatação de que a Maria do quadro de Leonardo tem uma ave em seu quadril – estaria Leonardo se referindo mais uma vez a teoria da universalidade do pênis? Freud não se aventura nesta interpretação, mas não surpreenderia se o tivesse feito.

Outro texto de Freud que também trabalha sobre uma análise literária chama-se “*O tema dos três escrínios*” (FREUD, 1913). Nele Freud analisa a história contada por Shakespeare em “*O mercador de Veneza*” inspirada em um conto anônimo da Idade Média em que o personagem central deve escolher entre três escrínios que escondem algo e que decidirá sua vida matrimonial. Na obra da Idade Média era uma mulher que tinha que escolher corretamente para casar com o imperador e na obra de Shakespeare ao homem que escolher o escrínio correto será ofertada uma mulher como esposa. Freud toma os escrínios como símbolos oníricos representando as mulheres e interpreta-o como o drama da escolha masculina por suas mulheres. Isto se repete em diversas histórias como a de Psique, que é a mais nova de três filhas, Cinderela, e a escolha de Rei Lear, novamente de Shakespeare. Nesta obra o rei deve optar por dividir seu reino entre as três filhas e opta pelas mais velhas que o elogiaram, no entanto o amor da mais nova é que era o verdadeiro. Freud acredita que poderia pensar em mais histórias em que aparece o drama da escolha entre três mulheres. Procura analisar o que há de comum entre as figuras que deveriam ser as escolhidas, mas o único ponto em comum é o fato de que em todas as histórias são as últimas a aparecer. Em “*O mercador de Veneza*” o escrínio correto é sem brilho, tal como a palidez e a mudez que cercam a personagem da irmã mais nova da obra “*Rei Lear*” (SHAKESPEARE, In FREUD, 1913). O interessante é que estas figuras sem brilho, mudas e pálidas são inusitadamente as melhores. FREUD (1913) relaciona psicanaliticamente a mudez com a morte e diz que provas desta dedução não faltam em diversos contos de fadas e outros contos célebres. É neste ponto que relaciona a figura feminina da morte que surgiu na mitologia grega:

Mas se a terceira das irmãs é a Deusa da Morte, as irmãs nós conhecemos. Trata-se das Parcas, das Moiras, das Normas, a terceira das quais é chamada Átropos, a inexorável. (FREUD, 1913, 320).

Esta primitiva lenda mitológica grega retrata as três irmãs deusas do destino e do tempo (FIGURA 11). As Horas ou Moiras estavam ligadas à chuva, fertilização e vegetação e à contagem do tempo (MOIRAS, 2007). Tornaram-se representações das estações do ano e o número três, como representante da perfeição da natureza, encaixou-se bem nesta

interpretação, já que os povos da antiguidade distinguiram três estações: inverno, primavera e verão. As Normas são as responsáveis pela regularidade e normatização das coisas.



FIGURA 11– As Moiras

As Moiras eram três irmãs que determinavam os destinos humanos, especialmente a duração da vida de uma pessoa e seu quinhão de atribuições e sofrimentos.

- **Cloto** (em grego "fiar") segurava o fuso e tecia o fio da vida;
- **Láquesis** ("sortear") puxava e enrolava o fio tecido, e sorteava o quinhão de atribuições de cada vida;
- **Átropos** ("afastar") cortava o fio. Determinava os que iam morrer.

As Moiras eram filhas de Nix. *Moira*, no singular, era inicialmente o destino. Na Iliada, representava uma lei que pairava sobre deuses e homens, pois nem Zeus estava autorizado a transgredi-la sem interferir na harmonia cósmica. Na Odisséia aparecem as fiandeiras.

O mito grego predominou entre os romanos a tal ponto que os nomes das divindades caíram em desuso. Entre eles eram conhecidas por Parcas chamadas Nona, Décima e Morta, que tinham respectivamente as funções de presidir a gestação e o nascimento, o crescimento e desenvolvimento, e o final da vida, a morte. Deve-se notar entretanto, que essa regência era apenas sobre os humanos.

Os poetas da antiguidade descreviam as Moiras como donzelas de aspecto sinistro, de grandes dentes e longas unhas. Nas artes plásticas, ao contrário, aparecem representadas como lindas donzelas. As três deusas decidiam o destino individual dos antigos gregos, e criaram Têmis, Nêmesis e as Erínias. Pertenciam à primeira geração divina, e assim como Nix eram domadoras de deusas e homens. Junto de Itília, Ártemis e Hecate, Cloto atuava como deusa dos nascimentos e parto. Láquesis atuava junto com Tiche, Plutão, Moros, etc. qualificando o quinhão de atribuições que se ganhava em vida. Atropo juntamente a Tânatos, Queres e Moros, determinava o fim da vida. Voltando ao tema central da escolha entre os três escrínios por que o mais opaco, mudo e o terceiro seriam os mais corretos se estão relacionados à morte? Por que seriam aqueles que erradamente ninguém escolhe? Freud não vê dificuldade em admitir que a vida mental está preparada para inverter ao seu oposto os significados inconscientes, e lembra que até mesmo Afrodite, a deusa do amor, mantém ligações com a morte. Assim a escolha da muda, da mais frágil e pálida revela, em diversas histórias, justamente o seu oposto num desvelamento de beleza, força e fidelidade.

FREUD (1913) conclui o texto, afirmando que as três figuras femininas, que aparecem em diferentes obras literárias, estariam sempre ligadas à passagem pela vida do seu princípio ao seu fim conduzida pela mão de uma mulher:

Poderíamos argumentar que o que se acha representado aqui são as três inevitáveis relações que um homem tem com uma mulher — a mulher que o dá à luz, a mulher que é a sua companheira e a mulher que o destrói; ou que elas são as três formas assumidas pela figura da mãe no decorrer da vida de um homem — a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e por fim, a Terra Mãe, que mais uma vez o recebe. Mas é em vão que um velho anseia pelo amor de uma mulher, como o teve primeiro de sua mãe; só a terceira das Parcas, a silenciosa Deusa da Morte, tomá-lo-á nos braços. (FREUD, 1913, p. 325).

Assim, as mulheres teriam uma representação muito forte de vida e de morte. Se os homens conquistam e geram ordens na maioria das sociedades é o feminino que surge

inevitavelmente marcante e decisivo. Tanto o poder feminino da mãe, da esposa, da Mãe Terra e da morte, é muitas vezes, senão em sua maioria, um fator assustador.

É o caso da história da Medusa que FREUD (1922) analisa no texto “*A cabeça de Medusa*”. Freud inicia a análise deste mito com a associação mais evidente entre o cortar a cabeça e o ato de castrar. O medo da Medusa é justificado pelo medo da castração. Freud lembra que normalmente um menino só tem medo da castração após ter visualizado os genitais femininos; e é apenas com esta visão terrível para a criança que surge o temor da castração. A representação da Medusa com inúmeras cobras no lugar dos cabelos (FIGURA 12), pode representar a castração sob a forma de incontáveis símbolos fálicos como cobras, através de um funcionamento por posição inconsciente. Freud vai mais longe ao interpretar o mito da seguinte maneira: ao ver a Medusa o sujeito se transforma em pedra, esta petrificação significaria a ereção, que nada mais é do que um consolo por ainda possuir um pênis. A Medusa, portanto, representa os genitais femininos e o horror que geram.



FIGURA 12 – Cabeça de Medusa

Outra referência interessante às representações do feminino na obra de Freud é a aparição do demônio em “*Uma neurose demoníaca do séc. XII*” (FREUD, 1922) em que

um pintor é atormentado pelo Diabo e, claro, por seus acordos com ele. A figura demoníaca apareceu pela primeira vez com a aparência de homem comum e depois sempre surgia com seios enormes, às vezes um, às vezes o par, não foi feita referência aos genitais femininos, mas a citação da feminilidade é constante. Também podia aparecer com um pênis grande terminando com uma cobra. Freud parece até mesmo espantado com as características femininas do Diabo, pois, por mais que a feminilidade possa ser caracterizada como assustadora em outros textos, como em “*Cabeça de Medusa*”, aqui ele parece estarrecido como se um demônio não pudesse ser feminino, como se isso o deixasse mais fraco.

Uma das explicações de Freud sobre as características femininas do diabo é que o repúdio ao feminino e à castração fez com que o autor projetasse no Diabo tais características odiadas: uma projeção da feminilidade interna do protagonista; e a segunda explicação seria positiva, refletindo o amor da criança por sua mãe representada por seios fartos.

FREUD (1922) fala do manifesto machista neste mesmo clima de aversão à feminilidade e cita Adler como o representante principal desta teoria. O exemplo mais claro e mais conhecido sobre o protesto masculino foi aquele descrito no caso Schreber analisado por Freud em “*Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*” (1911) em que a negação de sua posição feminina possibilitou a criação de fantasias alucinantes e levou à eclosão de sua patologia delirante. Apenas ficou curado (dentro dos limites de uma cura para seu caso específico), quando decidiu ceder aos apelos femininos e considerou-se a esposa de Deus que daria origem a uma nova espécie na Terra.

Porém a explicação mais usual para demônios femininos e para a caracterização deste conto é que historicamente as mulheres aparecem como armas do demônio que agem por meio da sedução. Interpretação que Freud também admite, mas consegue ir além ao acrescentar elementos projetivos, analisar as posições maternas envolvidas na visão demoníaca, colocando o feminino ao mesmo tempo como assustador e poderoso em sua força de destruição e sedução.

A sexualidade da mulher parece ser mesmo tabu, tanto que figuras demoníacas se utilizam de sua imagem. O que nos faz concluir que o tema da sexualidade feminina não pode mais ser adiado, pois sua referência indireta ocorreu em quase todos os textos freudianos aqui desenvolvidos. Portanto, a seguir será desenvolvido um capítulo dedicado a sexualidade feminina e finalmente ao uso do termo feminilidade.

CAPÍTULO 4 As teorias da sexualidade feminina

A feminilidade e a sexualidade feminina, como foi descrito anteriormente, aparecem desde o início da obra de Freud e é a partir da década de 1920 que foram publicados os textos mais específicos sobre o tema: “*Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos*”(FREUD, 1925), “*Sexualidade feminina*” (FREUD, 1931) e “*Conferência XXXIII*”(FREUD, 1932).

Nos textos de Freud sobre a sexualidade infantil destacam-se “*Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil*” (FREUD, 1905), “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (FREUD, 1908) e “*Organização Genital Infantil*” (FREUD, 1923). No primeiro deles a feminilidade é pouco citada e o Complexo de Édipo é considerado fenômeno oposto do que ocorreria com os meninos. A referência à feminilidade aparece como uma regressão libidinal nas meninas, que possivelmente refere-se ao abandono da fase fálica vivida por ambos os sexos. Neste texto FREUD (1905) faz uma relação clara entre a atividade e a masculinidade, e entre a passividade com a feminilidade, porém não se aprofunda nas questões do desenvolvimento das meninas.

Apesar de Freud afirmar que boa parte das conclusões referidas neste texto se referem ao sexo masculino, “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (FREUD, 1908) muito contribui para essa pesquisa, pois fala da forma com que as crianças pesquisam e constroem verdades sobre a sexualidade e sobre a reprodução. Nos pensamentos de uma criança é possível notar o mal-estar que um novo bebê traz a seu irmão mais velho. O ciúme da mãe faz com que a criança se depare com um dos grandes mistérios da vida: de onde vêm os bebês? Em geral a criança recebe respostas evasivas e fantasiosas a esta pergunta, que, por isso mesmo, logo volta a criar tensão. Freud comenta que as crianças podem desconfiar que os adultos escondam algo proibido e passam a esconder suas posteriores investigações. Não demora muito e apenas por meio da observação as crianças concluem que um bebê cresce dentro da barriga de sua mãe. Mas ainda faltam compreender como um bebê chega até lá.

Paralelamente a isso, as crianças pesquisam a diferença entre os sexos e meninos e meninas começam a deduzir “verdades” a partir de suas descobertas. Os meninos, por exemplo, criam a idéia de que todas as pessoas devem possuir um pênis assim como ele. A visão dos genitais femininos causa-lhes pena e é comum o consolo de pensar que

futuramente o pequeno pênis da menina deverá crescer. Em outros textos FREUD (1930, 1932) afirma que as meninas, após conhecerem o pênis, deduzem que todos devam possuir um e que apenas ela não. As crianças de ambos os sexos criam portanto, a idéia de que todos possuem um pênis até mesmo as mulheres e principalmente as mães, por seu papel importante e poderoso para elas.

Relativamente à mulher FREUD (1908) afirma algo que permanece constante em sua obra, o fato de as meninas passarem por um período de sexualidade masculinizada em que seu clitóris tem a mesma função que o pênis para os meninos. Também afirma que as meninas deverão abandonar esta atividade masturbatória neste órgão para passar a ter uma postura feminina.

Também neste texto surgem os primeiros comentários de Freud sobre a inveja do pênis: este sentimento faz com que a menina se interesse pelo órgão masculino e muitas vezes aja como se o possuísse, pois construiu a teoria da universalidade do pênis e acredita que o seu irá aparecer futuramente. Esta idéia apareceu nas análises sobre Leonardo da Vinci (FREUD, 1910) no momento em Freud observa o desenho de um abutre no quadril de Maria.

As crianças, tanto meninos quanto meninas procuram entender como os bebês vão parar no interior do corpo da mãe e desconfiam que o pai deva ter algo haver com isso, afinal, também afirma que o bebê é seu. Podem ter ouvido ou visto uma relação sexual e imaginam que aquele ato dolorido pode mesmo levar o bebê dentro da mãe. Porém, a idéia de que a mãe também possui um pênis impede a criança de conceber a idéia de um orifício como a vagina. Assim, meninos e meninas tiram uma conclusão que parece a mais adequada: a mãe deve evacuar o bebê pelo único orifício que conhecem: o ânus. FREUD (1908) chamou esta crença, presente em ambos os sexos, de teoria cloacal. Ou seja, as crianças imaginam como o bebê sai do corpo da mãe.

As investigações infantis levam as crianças a presenciarem ou ouvirem o ato sexual dos pais. Esta experiência muitas vezes faz com que a criança imagine que esta relação é agressiva. Se por acaso ela encontrar nos lençóis ou nas roupas de sua mãe vestígios de sangue, comprova sua desconfiança de que o ato sexual é um ato de subordinação do mais forte sobre o mais fraco. Daí Freud explica o pavor neurótico do sangue que indicaria agressão sexual ligada a uma postura sádica.

Freud ainda relata neste texto uma fantasia que ele acredita ser específica das meninas, a idéia de que um beijo engravidaria uma mulher. Ele acredita que esta fantasia ocorresse em meninas que foram fortemente reprimidas na infância e que não puderam levar adiante suas investigações sobre a sexualidade e que acabaram por se ligar fortemente às

fantasias orais. Aqui é possível pensarmos que as meninas têm uma ligação mais intensa na fase oral que os meninos, pois culpam a mãe de não as ter amamentado o suficiente, coisa que os meninos também fazem, mas desta queixa deriva-se outra: a responsabilização da mãe pela ausência de pênis. Portanto, a queixa de que as meninas não foram amamentadas fundamenta a segunda queixa: a de que não receberam o pênis, uma reclamação ligada à oralidade feminina.

Dando continuidade a este tema, entraremos em contato com o raciocínio infantil também descrito no texto *“Organização genital Infantil”*, em que FREUD (1923) admite que infelizmente não poderia oferecer muitas informações sobre o desenvolvimento feminino, pois não o havia estudado em profundidade, mesmo assim, abordou o assunto ao descrever o desenvolvimento da sexualidade. Freud retoma a questão da bissexualidade humana, descrita em 1905, como uma base para as crianças e a primazia do falo nas fases infantis para ambos os sexos. Descreveu o horror dos meninos frente à castração o que geraria um mecanismo de negação inicial do sexo feminino como forma de se proteger desta constatação. Os meninos, em geral, levariam um tempo para perceber a falta do pênis como característica do sexo feminino, e mesmo assim, esta diferença anatômica (não possuir o pênis) acarretaria nos meninos decepção e depreciação da mulher. FREUD (1923) afirmou que a primazia do falo se relaciona com o fato de a vagina ficar desconhecida para ambos os sexos durante a infância. O único referencial fisiológico que uma menina pode construir sobre seu sexo é o fato de saber que as mulheres têm a capacidade de gerar filhos, mas sem a compreensão de como isso ocorreria. Freud definiu a masculinidade como relacionada ao sujeito da ação, ativo e possuidor do pênis, enquanto que a feminilidade seria caracterizada pela passividade. Para fazer esta dedução teve que considerar a vagina como lugar de abrigo para o pênis, tendo mantido a definição descrita no texto *“A psicogênese num caso de homossexualismo numa mulher”* (FREUD, 1920).

Em *“Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”* FREUD (1925) retomou o complexo de Édipo masculino afirmando que ele ocorre na fase fálica, tendo como principais eventos o amor voltado à mãe e a rivalidade com o pai. Estes sentimentos que constituem o núcleo do complexo serão destruídos pelo temor da castração. Quanto à fase anterior ao complexo de Édipo nos meninos, há identificação amorosa com o pai que se mostra livre da posterior rivalidade. Freud considerou novamente a questão da bissexualidade constitutiva, como já havia descrito em anos anteriores (FREUD, 1905). A bissexualidade se mostra no fato de os meninos ficarem entre as posições ativa e

passiva em relação aos pais. Portanto, a sexualidade não está pronta desde o princípio, mas tem base flexível na infância.

A “novidade” do texto de 1925 é a descrição do complexo de Édipo nas meninas. Deixando de lado a idéia de que o complexo de Édipo feminino seria análogo ao masculino, Freud descreve ser a mãe o primeiro objeto de amor da menina e afirma que a menina deve percorrer um longo caminho no desenvolvimento psicosssexual até fantasiar ter um filho com o pai. Este caminho é decisivo, pois se trata de uma mudança de objeto de amor, trata-se da importante pré-história do Complexo de Édipo nas meninas (FREUD, 1925).

Descreve nas meninas a inveja do pênis como algo que indiretamente acabaria por gerar o sentimento de inferioridade, tema que já havia aparecido no texto de 1908. Segundo Freud o desejo de posse do pênis pode levar a um complexo de masculinidade, também descrito em “*A psicogênese de um caso de homossexualismo*” (FREUD, 1920). As mulheres, portanto, podem apresentar uma rejeição, ou melhor, uma recusa da castração e, por fim, um sentimento de inferioridade e desprezo por seu próprio sexo.

Freud acrescenta que a inveja do pênis pode gerar na mulher o ciúme de forma generalizada, o que faz com que este sentimento tenha mais importância na vida psíquica das mulheres do que na dos homens. Outra consequência da inveja do pênis é o afrouxamento das relações com a mãe, já que a menina se sente injustiçada por ela, que poderia ter lhe dado um pênis.

Ainda no texto “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” FREUD (1925) descreve a masturbação do clitóris como algo tipicamente masculino e que entrará em franco declínio após a descoberta das diferenças sexuais infantis, justamente pelo fato de sentir-se humilhada. Esta mudança que inclui o abandono da masturbação e a aceitação da castração é condição para a feminilidade. Este aspecto também fora tratado no texto de 1908 em que Freud escreveu as teorias sexuais infantis. Como se vê muita coisa já estava publicada sobre a sexualidade feminina, mas a articulação destas idéias só teve início a partir do texto de 1925 aqui trabalhado.

Freud ainda afirma que no período anterior ao complexo de Édipo a menina deveria realizar uma espécie de deslizamento de interesse do pênis ao bebê. Só assim o pai passaria a ser seu objeto de amor, enquanto que a mãe tornar-se-ia objeto de ciúme. Esta seria uma posição feminina que só se alteraria com algum fator traumático que levaria a uma identificação com o pai e um retorno do complexo de masculinidade, fato descrito em “*A psicogênese de um caso de homossexualismo*” (FREUD, 1920).

Nota-se que o complexo de castração nas meninas inicia-se antes do complexo de Édipo, pois a menina só se volta ao pai quando abandona a mãe, ou seja, quando pode renunciar à postura fálica dela mesma e da mãe.

Enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração (...) A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida, corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. (FREUD, 1925, p. 285).

É com a resolução do complexo de Édipo que as figuras parentais e a lei do incesto serão incorporadas na formação do superego, acarretando a destruição dos conteúdos edípicos. Como nas meninas falta o motivo desencadeante da demolição do complexo de Édipo, ou seja, o temor da castração, o complexo de Édipo é lentamente abandonado e permanece indefinidamente muito influente na vida das mulheres.

Este lento abandono seria o motivo de uma postura ética diferente nas mulheres. FREUD (1925) afirma que seu superego nunca é tão inexorável, impessoal e independente de suas origens emocionais como se exige de um homem, o que prejudicaria seu senso de justiça e caráter. Conclui afirmando que os homens também ficam longe dos ideais masculinos da ética, pois também falham. No entanto, acredita que este fato deve-se às características bissexuais do ser humano, ou seja, a parte feminina no homem é responsável pelas confusões éticas e morais. Este texto provoca a sensação de que Freud toma uma postura pejorativa sobre as mulheres no que se refere à constituição do superego e do caminho que conduz à feminilidade como um abandono de uma posição ativa. Talvez isso se deva simplesmente a uma decorrência da teoria edípiana, que leva a crer que o superego feminino é mais fraco e que gera uma posição civilizatória de menor relevância. Nas obras em que Freud disserta sobre temas sociais e antropológicos (FREUD, 1930, 1921, 1917), descritas no capítulo anterior, é possível encontrar pontos nos quais afirma que as mulheres tinham um posicionamento anti-civilizatório e isso tem relação com uma constituição superegógica prejudicada.

Cinco anos após a publicação deste texto Freud descreve com maior precisão o desenvolvimento das meninas nos textos: “*Sexualidade feminina*” (FREUD, 1931) e dois anos depois na “*Conferência XXXIII*” (FREUD, 1932).

FREUD (1932) inicia o texto, esclarecendo um mal-entendido que ele mesmo havia cometido anteriormente:

A distinção não é uma distinção psicológica; quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer ‘passivo’. Ora, é verdade que existe uma relação desse tipo. A célula sexual masculina é ativamente móvel e sai em busca da célula feminina, e esta, o óvulo, é imóvel e espera passivamente. Essa conduta dos organismos sexuais elementares é, na verdade, um modelo da conduta sexual dos indivíduos durante o coito. O macho persegue a fêmea com o propósito de união sexual, agarra-a e penetra nela. Com isso, os senhores justamente reduziram as características de masculinidade ao fator agressividade, no que se refere à psicologia. Bem podem duvidar se auferiram daí alguma vantagem real, quando refletem que, em algumas classes de animais, as fêmeas são mais fortes e mais agressivas e o macho é ativo unicamente no ato da união sexual. Assim ocorre, por exemplo, nas aranhas. Mesmo as funções de criar e de cuidar do filhote, que temos na conta de papel feminino *par excellence*, não estão invariavelmente ligadas ao sexo feminino, nos animais. (FREUD, 1932, p. 115).

A relação entre atividade e masculinidade; passividade e feminilidade; é muito comum na obra freudiana, porém Freud admite que não bastariam estes posicionamentos para que se definisse e caracterizasse os sexos. O interessante é que mesmo com seu alerta Freud continuou muitas vezes a fazer esta relação e de fato não pôde oferecer uma definição mais clara para este ponto.

Freud já havia abordado o tema no “*Rascunho G*” (FREUD, 1895) denominado “*Melancolia*” em que discute a relação entre a anestesia nas mulheres (frigidez) e a posição passiva da mulher. Nota que a insensibilidade sexual impossibilita um homem em seu desempenho, mas ressalta o fato de que uma mulher não tem escolha e pode relacionar-se sexualmente mesmo sem sentir nenhuma excitação. Vê-se que desde o início de sua obra a mulher aparece dotada de sexualidade, porém uma sexualidade marcada pela passividade a qual não fica claro se estaria restringida ao ato sexual ou se poderia abranger toda uma postura de comportamento. Tema que também aparece no “*Rascunho K*” (FREUD, 1896) intitulado “*As neuroses de defesa*”:

A histeria pressupõe necessariamente uma experiência primária de desprazer — isto é, de natureza passiva. A passividade sexual natural das mulheres explica o fato de elas serem mais propensas à histeria. Nos casos em que encontrei histeria em homens, pude comprovar, em suas anamneses, a presença de acentuada passividade sexual. (FREUD, 1896, p. 275).

Na “*Conferência XXXIII*” (FREUD, 1932), intitulada “*Feminilidade*”, Freud considera a importância da influência dos costumes sociais e da vida instintual, quando se trata de feminilidade. Ou seja, afirma que não é apenas a partir da percepção da diferença

anatômica entre os sexos que advêm as diferenças psíquicas entre homens e mulheres, mas também do ambiente cultural e dos instintos.

Assim, a questão levantada por FREUD (1932) é compreender como a mulher se forma, já que nasceu dotada de disposição bissexual. Freud considera que esta constituição inclui diversos conflitos e que existem pontos decisivos que se mostram completos antes da puberdade.

Freud procurou características que seriam típicas das meninas e selecionou dentre elas algumas que podem ser consideradas contraditórias: agressividade, ser desafiadora, auto-suficiência, ter necessidade de carinho, ser mais dependente e mais dócil. Objetivando compreender de onde vieram estas características, Freud passa a escrever sobre o desenvolvimento feminino. Ambos os sexos parecem atravessar da mesma maneira as primeiras fases do desenvolvimento libidinal, incluindo a fase fálica. Como já havia escrito em “Sobre as teorias sexuais das crianças” FREUD (1908) afirma que as meninas nesta fase parecem comportar-se como pequenos homenzinhos, tratam seu clitóris da mesma forma com que os meninos tratam seu pênis e aprendem a dele tirar prazer, enquanto que a vagina permanece desconhecida para ambos os sexos. Para Freud esta condição muda quando a menina passa a uma posição feminina (FREUD, 1932).

Nesta tarefa as relações da menina para com sua mãe são essenciais. Para a menina a mãe é objeto de amor e satisfação, assim como para o menino, mas isso mudará, pois no caminho à feminilidade o pai deverá ser objeto de amor da menina enquanto que a mãe deverá ser sua rival. Nota-se, portanto que serão necessários dois trabalhos à menina: mudar de zona erógena e de objeto sexual, ao passo que os meninos não fazem alteração alguma das relações estabelecidas antes do Complexo de Édipo.

FREUD (1932) então levanta a questão: Como ela faz para passar para a fase à qual está biologicamente destinada? Um dos fatores é o enfraquecimento das relações com a mãe; Freud descreve uma série de acusações contra a mãe que estariam contribuindo neste afastamento: a menina sente que não foi amamentada o suficiente, que a mãe lhe deu pouco leite por falta de amor (já citada anteriormente); a segunda acusação deve-se ao fato de a mãe ter tido outro filho; e a terceira acusação seria a proibição da masturbação. Todas estas reclamações delineiam uma exigência ilimitada de ser amada. Mas, estas situações o menino também vive; por que então a menina vivencia de uma forma tão diferente? Freud afirma que a resposta a esta pergunta é o fato de a menina acreditar que não tem pênis porque a mãe não lhe deu. A responsabilização da mãe por sua castração faz com que as queixas que foram descritas acima e que os meninos também possuem tomem um novo colorido. É como se o

fato de ser menina fizesse com que as outras faltas (de leite, de amor exclusivo, de permitir a masturbação) tomassem grandes proporções e a mãe fosse a responsável por tudo isso. Portanto Freud retoma neste trecho algo que também fora comentado em “*Sobre as teorias sexuais das crianças*” (FREUD, 1908) quando fala de uma fantasia infantil que pertence apenas ao mundo feminino: o fato de não possuir um pênis é de responsabilidade da mãe, que também não lhe deu outras coisas. Temos aqui uma particularidade feminina que coloca a mulher em relação a sua mãe, e posteriormente em relação a ser marido, numa posição totalmente passiva e necessitada de cuidados.

Mesmo com todas as acusações e mágoas a menina tem que encarar o fato de que não possui pênis inclusive como condição para a feminilidade. Mas a forma como encara a castração em seu corpo pode levar a diferentes conclusões apresentadas por FREUD em 1931 e 1932: a) inibição da sexualidade ou neurose, b) modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinização e c) feminilidade normal.

Na resolução pela inibição ou neurose ocorre uma frustração tão grande e marcada pela inveja do pênis, que a menina, humilhada, perde o prazer clitoriano ou fático. Isso leva ao repúdio do amor da mãe e a uma repressão da sexualidade. Neste movimento ela abandona uma posição ativa e passa a uma posição de passividade, mas uma passividade tão profunda que não proporciona mais interesse ou prazer algum, formando um quadro de inibição da sexualidade. Freud ressalta que se a mulher não perder muitos elementos nesta repressão conseguirá a feminilidade normal. Assim, Freud considera que na feminilidade normal deve haver um grau moderado de passividade, ou seja, ocorre o abandono da atividade fática para que ela passe a uma relação mais passiva para com o mundo e com seu sexo, mas não de forma a destruir toda sua atividade.

Os senhores podem verificar que semelhante sinuosidade no desenvolvimento, o qual remove a atividade fática, prepara o caminho para a feminilidade. Se, no decurso desse desenvolvimento, não se perdem demasiados elementos através da repressão, essa feminilidade pode vir a ser normal. (FREUD, 1932, p. 127).

O processo de abandono da atividade é que propicia que a menina volte-se a seu pai para receber o pênis dele. Somente neste momento a feminilidade virá a ocorrer: quando a menina conseguir trocar o pênis pelo bebê. É neste ponto que, de fato, inicia-se o complexo de Édipo para a menina, que passa a ter a mãe como rival. Freud, neste sentido, mantém a mesma construção teórica do texto “*Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” (FREUD, 1925), pois considera a entrada no complexo de Édipo

feminino quando o interesse desliza do pênis para o bebê, ou seja, quando a menina volta-se para o pai.

Na segunda saída, pelo complexo de masculinidade, há negação da castração. Neste caso as meninas apresentam uma espécie de rebeldia que se expressa em diversas áreas, inclusive no apego à masturbação clitoriana. Esta escolha é determinada por um fator constitucional que apresenta maior quantidade de atividade. No texto de 1932, FREUD considerava que este complexo infantil não é determinante de uma escolha de objeto homossexual. Mas pode ocorrer que um complexo de masculinidade leve a uma escolha homossexual, como foi descrito no caso da jovem homossexual apresentado anos antes (FREUD, 1920).

Por fim, descreve o que denominou “feminilidade normal” como caracterizada por maior quantidade de narcisismo de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte do que amar. Portanto, verifica-se uma posição passiva novamente, pois ela recebe amor, recebe cuidados. Freud pouco escreve sobre a feminilidade normal, talvez seu interesse pelas patologias o afaste desta importante discussão, ou talvez seja de fato mais difícil falar da normalidade quando se trata de feminino...

Freud fala também da satisfação da mãe em relação a seu filho homem como uma prova de que o desejo do pênis realmente se mantém na mulher até a fase adulta. Neste caso a mãe de um menino sente-se como possuidora do filho e de seu pênis.

A relação da mulher para com sua mãe é marcada por sentimentos ambivalentes: amor na fase pré-edípica e rivalidade no complexo de Édipo. E esta ambivalência de sentimentos pode aparecer durante toda a vida. Aquilo que aprendeu no momento pré-edípico, quando amava a mãe e não sabia da diferença entre os sexos, é determinante para sua posição social de mulher.

FREUD (1932) finaliza o texto “*Conferência XXXIII*” afirmando o que já havia dito anteriormente em “*As conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” (FREUD, 1925), “*Sexualidade Feminina*” (FREUD, 1931) e até em “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930). Descreve as mulheres como débeis em relação aos interesses sociais e com menor capacidade de sublimar os instintos.

Freud ainda aconselhava para aqueles que ficaram insatisfeitos com estas descobertas, que fossem adiante nas pesquisas científicas, nos relatos particulares ou nos ensaios poéticos e artísticos, pois de fato ainda haveria muito a dizer sobre a feminilidade (FREUD, 1931 e 1932).

CAPÍTULO 5 Novos olhares sobre a feminilidade na psicanálise

Neste Capítulo serão apresentadas discussões específicas sobre o assunto. Na primeira parte a feminilidade pode ser redefinida nas análises de Birman com a proposta do feminino como sexo originário e da sublimação como conceito chave na compreensão do assunto. Na seqüência a discussão de David-Ménard e Lacan para a possibilidade ou impossibilidade de uma definição universal do feminino. O objetivo aqui é realizar releitura da obra freudiana com critérios refinados de análise, já que durante todo o tempo a base é a psicanálise freudiana.

5.1 Feminino como sexo original

Na análise do tema da feminilidade e da obra psicanalítica, muitos autores têm tentando construir posicionamentos inovadores, na tentativa de ampliar e esclarecer o assunto. Um autor brasileiro que se destacou neste projeto foi Joel Birman que realizou uma tentativa de recolocar a questão da feminilidade como o sexo originário e propôs uma definição positiva e independente da relação fálica como tradicionalmente foi apresentada por Freud e em muitos pontos seguida por Lacan.

BIRMAN (2006) fala sobre a paternidade e suas características na sociedade atual e toca num ponto de interesse para este estudo sobre a feminilidade: a importância do falo dentro da teoria freudiana e lacaniana. Ele aponta para o complexo de castração como determinante de características psíquicas advindas das diferenças sexuais, tal como foi desenvolvido por FREUD (1925) em *“Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”*. Uma importante questão que se delineia nestes textos é: como as diferenças anatômicas entre os sexos determinam diferenças subjetivas, tais como passividade, afetividade, determinação, autoridade, responsabilidade para com o próprio desejo?

A teoria freudiana sobre o desenvolvimento da sexualidade na mulher incluindo o complexo de Édipo feminino, o complexo de castração, as identificações familiares e a conseqüente formação diferencial do superego e ideal de ego, são conceitos utilizados na discussão proposta por Birman.

A oposição entre um posicionamento passivo e uma postura ativa é freqüente nas discussões sobre a feminilidade. A passividade sempre parece estar vinculada à figura feminina, até mesmo nas obras poéticas e artísticas. Na teorização sobre a histeria chegou-se à concepção de que é a partir de uma cena masoquista que se origina esta patologia: uma cena de sedução em que a futura histérica é seduzida por um sujeito ativo ou agressor. Na neurose obsessiva ocorreria uma identificação com a posição sádica, o que Birman acredita fornecer as seguintes relações gerais (BIRMAN, 2001):

Neurose obsessiva – homens – pensamento e vontade – sadismo – atividade – civilidade;

Neurose histérica – mulheres – corpórea e afetiva – masoquismo – passividade – natureza.

Assim, BIRMAN (2001) afirma que Freud teria mantido uma distinção entre atividade e passividade na definição de masculino e feminino e de suas patologias neuróticas mais freqüentes. Porém Freud não limita a questão de feminino e masculino a uma simples correlação com atividade e passividade. Mesmo estabelecida esta relação em textos como “*A sexualidade feminina*” e a “*Conferência XXXIII*”, não se pode ignorar o fato de que homens e mulheres não são totalmente ativos ou passivos. O próprio Freud admite quantidades relativas destes posicionamentos, mas sempre se refere a esta mistura como característica da bissexualidade constitutiva humana. Na mulher esta complementaridade entre atividade e passividade também ocorre, Freud afirma que certamente as mães são ativas para com seus filhos.

Este posicionamento ativo ou passivo define-se num complexo jogo de experiências desde o nascimento e culmina na estruturação e dissolução do complexo de Édipo. Segundo FREUD (1924), a dissolução do complexo de Édipo determina tanto para o homem quanto para a mulher sua posição fálica, ou seja, se predominará em seu caráter uma postura ativa ou passiva. BIRMAN (2001, 2006) escreve que os destinos do Complexo de Édipo na menina seriam: Inibição, virilização e maternidade. Note-se que em Freud encontramos termos diferentes: inibição, masculinização e feminilidade normal. Para BIRMAN (2001, 2006) o termo feminilidade normal, na obra de Freud, significa nada mais do que maternidade, pois ele defende a idéia de que a feminilidade normal para Freud, por ser marcada pelo deslizamento do pênis ao bebê, não lhe deixaria outra saída que não a maternidade: “Não resta dúvida de que, para o discurso freudiano, a melhor solução viria pela

assunção, pela figura da mulher da maternidade” (BIRMAN, 2001, p. 206). A melhor solução talvez, mas Freud não se esquece de dizer que mulheres que tinham filhos depois de um tempo também adoeciam de neurose quando o casamento já não correspondia às expectativas de sua vida sexual. Portanto apenas a maternidade não garantiria a saúde feminina, como afirma Birman.

Este autor afirma que a teoria freudiana confere com a concepção da Antigüidade em que o falo como símbolo de perfeição e completude acaba por designar à mulher um lugar de submissão e inferioridade. Não é possível identificar estes pontos com clareza na obra de Freud, pois Freud coloca as mulheres numa posição de submissão e inferioridade como característica constitutiva. É fato que ele afirma que as mulheres teriam formas prejudicadas na produção de julgamentos e na capacidade de sublimação, mas isso por si só não seria suficiente para termos um parecer tão determinista como o de Birman.

As pesquisas deste autor também o levaram a concluir que na antiguidade acreditava-se que uma mulher só poderia ser fálica quando desempenhava posturas depreciativas de sedução, mantendo-se no clima da mascarada e da simulação. Esta forma de ver a sexualidade feminina acabava por delinear caminhos opostos que uma mulher pode seguir:

Periculosidade : prostituição, ninfomania, infanticídio

X

Maternidade: perda do erotismo, histeria

A periculosidade feminina acima citada é, de fato, histórica e pode ser encontrada na obra freudiana em textos que foram citados no Capítulo 3 sobre as obras literárias (FREUD, 1913, 1922 e outros). Porém a segunda linha que se refere à maternidade e à negação do erotismo parece simplificar a questão. Ao pensar na obra freudiana não se pode esquecer que ao mesmo tempo em que Freud descreve o terror ao feminino ele inclui o erotismo na feminilidade normal. Isso fica claro quando defende que uma mulher em desenvolvimento normal irá resguardar um quantum de atividade para não perder toda a excitação no clitóris, tal como ocorre na primeira saída edípica pela inibição da sexualidade. Freud acreditava que a histeria poderia ser causada pela intensa repressão sexual feita sobre mulheres que possuíam quantidade acrescida de libido.

O que chama a atenção no texto de Birman é a idéia de um sexo originário feminino. Ele inicia sua argumentação afirmando que a teoria freudiana coloca a

masculinidade como sexo original, pois Freud afirma que todos passam pela fase fálica e que a feminilidade é o abandono desta (FREUD, 1925, 1930 E 1932). Em todos os textos de Freud sobre a feminilidade a idéia é que a postura fálica e ativa deve ser abandonada no rumo à feminilidade. Mas Birman lembra que não se nasce na fase fálica e com posição ativa frente ao mundo, muito pelo contrário, nasce-se passivo, aos cuidados do outro, tão passivo que o bebê humano corre risco de vida se os cuidados com ele falharem.

A feminilidade seria uma forma de sexo originário, diferente, pois, do sexo masculino e do feminino, um outro sexo, justamente porque não seria marcado pelo falo. (BIRMAN, 2006, P. 176).

Segundo BIRMAN (2001) a feminilidade descrita desta maneira não aparece na obra freudiana, mas é possível encontrar a origem desta idéia no texto “*Análise terminável e Análise interminável*”, no qual FREUD (1937) apresentou a questão da passividade infantil caracterizando-a como feminilidade. Assim, homem e mulher teriam a marca de uma experiência com a passividade e o desamparo que ambos iriam repudiar ao entrar em contato com o falo. O repúdio à feminilidade como vivência de castração fica claro nesta passagem:

Freqüentemente temos a impressão de que o desejo de um pênis e o protesto masculino penetraram através de todos os estratos psicológicos e alcançaram o fundo, e que, assim, nossas atividades encontram um fim. Isso é provavelmente verdadeiro, já que, para o campo psíquico, o campo biológico desempenha realmente o papel de fundo subjacente. O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo. (FREUD, 1937, p. 270).

Homens e mulheres nascem em desamparo e ao conhecerem o falo passam a temer a castração, repudiam a falta de pênis e, portanto, a feminilidade. Porém esta recusa se dá de maneira diferente para pessoas de cada sexo: os homens temem perder o pênis; enquanto que as mulheres repudiam a feminilidade na busca do falo pela vida a fora.

Os dois temas correspondentes são, na mulher, a inveja do pênis — um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino — e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem. O que é comum nos dois temas foi distinguido pela nomenclatura psicanalítica, em data precoce, como sendo uma atitude para com o complexo de castração. (FREUD, 1937, p. 268).

Freud defende a idéia de que o repúdio à feminilidade aparece em ambos os sexos, mas a posição ativa e fálica só é egossintônica para com o menino. Na menina o repúdio a feminilidade é egossintônica na fase fálica, depois a posição ativa e fálica é abandonada, mas não por inteiro, pois esta energia servirá na construção de sua feminilidade

adulta e até mesmo no desejo por um filho. Porém este repúdio do feminino e busca do masculino que foi recalcada na mulher continua a exercer força sobre seus atos adultos.

FERENCZI (In FREUD, 1937) chega a dizer que no decorrer de uma análise o paciente deve ter para com o analista uma postura feminina, o que para os homens é muito difícil, pois é vivenciado como temor da castração. No caso de uma mulher em análise, ela deverá abdicar de seu complexo de masculinização para aceitar o tratamento. Freud acredita que é muito difícil realizar a superação do repúdio à feminilidade e que lutar contra esta força acaba criando uma barreira transferencial muito negativa ao trabalho clínico. Normalmente o repúdio à feminilidade ou o protesto masculino, no homem, aparece como medo da castração, por isso, na maior parte das vezes, é endereçado a outro homem e não a uma mulher.

Portanto, segundo Birman antes da fase fálica e do protesto infantil contra os cuidados adultos ambos os sexos vivem um estado de feminilidade, no qual não há referencial fálico nenhum. Esta é a hipótese de Birman, que ao promover esta inversão acredita estar modificando até mesmo a concepção da Antigüidade em que a masculinidade sempre foi o sexo originário. Assim, ele propõe uma definição positiva de feminilidade em que ela se define por si só e não na relação fálica. A feminilidade é o início do psiquismo, anterior à intervenção de presença e perfeição fálica, e, portanto, é pura possibilidade original. Não se trata de imperfeição, desconhecimento, passividade, como experiência da castração, mas como a capacidade de criação num germen humano. Certamente esta tentativa é interessante, mas o fato de afirmar que o período anterior a intervenção fálica é a feminilidade é de fato criar uma definição positiva da mulher? Não estaria apenas nomeando um momento “pré fálico” de feminilidade caindo novamente numa lógica fálica? Afinal, qual o verdadeiro problema de se estabelecer uma comparação da sexualidade embasada nas diferenças anatômicas? Teorias como esta parecem querer salvar Freud de uma condenação moral que talvez seja plenamente desnecessária quando se lê com atenção os seus textos.

Sim, Freud fala de uma comparação fálica na construção da idéia da castração que é vivida no corpo por uma mulher, mas esta forma diferente de encarar a diferença anatômica será mesmo degradante ao feminino? Onde Freud afirmou isso exatamente? Pode ser especificamente no ponto em que falou do temor da castração e do repúdio a feminilidade. Se for assim teria Birman conseguido livrar-se deste estigma?

Segundo BIRMAN (2001), depois da intervenção fálica, do encontro com o masculino surge a arrogância e a busca pela perfeição. Este movimento faz com que o sujeito negue a castração e repudie a feminilidade.

Em Freud a feminilidade fica muito próxima da castração e da passividade, mas Birman objetiva dar um conteúdo novo ao tema ao argumentar que não havia castração enquanto não houvesse intervenção fálica, e, portanto, não havia inveja, nem decepção. Inclusive considera este ponto inicial como aquele que proporciona a mudança e a superação humana por meio da sublimação. Se a feminilidade se localiza num ponto em que não há referenciais fálicos, nem limitações, ela está relacionada à criação e transformação. Birman aposta na feminilidade como *flexibilidade criativa*.

Antes de prosseguir nesta discussão é interessante retomar o conceito de sublimação para esclarecer o que este autor quis dizer com flexibilidade criativa. Para Freud, a sublimação seria um processo psíquico inconsciente que explica a capacidade da pulsão sexual de substituir um objeto sexual por um não-sexual (conotado de determinados valores e ideais sociais) e de trocar seu objetivo sexual inicial por um outro não-sexual, sem perder de forma notável sua intensidade. (CHEMAMA, 1995)

A sublimação seria a forma mais perfeita e elevada de encaminhar pulsões consideradas pelo sujeito como inadequadas em seu alvo. Assim, na arte e nas ciências em geral encontra-se um objeto transformado do que originalmente fora um objeto sexual.

Sublimação na obra freudiana não se relaciona a significado estético de sublime, ou à reação química da sublimação e nem sequer a algo relativo ao ideal; não existe na obra de Freud uma definição articulada e precisa sobre a sublimação, sabe-se que ele destruiu um ensaio sobre o tema, pois o considerou falho em diversos aspectos (CHEMAMA, 1995). A definição se monta com comentários perdidos em sua obra.

Em suas “*Conferências introdutórias sobre psicanálise*”, FREUD (1916-17) escreveu que a sublimação consiste no fato da tendência sexual, tendo renunciado ao prazer parcial ou ao fornecido pelo ato de procriação, substitui-o por outro objeto apresentando como adequado socialmente à satisfação libidinal.

Freud admite que a sublimação nunca é completa, por que trata-se de uma substituição. Há de haver a dessexualização da libido de um objeto considerado inadequado culturalmente e a escolha de outro objeto para o qual se dirige a libido. É o ego que realiza este processo de transformação o qual se relaciona intensamente com traços morais e culturais, já que eles ditam aquilo que é socialmente aceito e aquilo que é condenável. A pulsão sexual na busca de satisfação, vai sendo direcionada pelas exigências culturais e são justamente estes padrões civilizatórios que permitiram o desvio desta libido para áreas de interesse social. Proporcionando que a energia sexual atue na concretização de diversas finalidades.

É a angústia arcaica que, para ela, põe em marcha o processo de identificação e leva à assimilação simbólica, base do fantasma, da sublimação e da relação do sujeito com a realidade interna e externa. Um “sentimento de vazio interior”, resultante dessa angústia arcaica de destruição do corpo materno, pode conduzir à atividade artística, à criação e, portanto, a sublimação que permite sua realização é então resultado e processo visando reparar tal destruição. (CHEMAMA, 1995, p. 208).

Nesta citação é evidente a linguagem lacaniana que insere conceitos que não existiam na obra freudiana, mas vale a pena notar a definição da sublimação como atividade artística e como criação. BIRMAN (2001) inova fazendo a relação da feminilidade com uma capacidade de sublimação como potencial criador característico tanto da mulher quanto do homem – e chama a esta capacidade de feminilidade. É estranho afirmar que aquilo que é originário poder ser considerado sublimação, já que a sublimação implica a transformação de algo... Não seria contraditório relacionar o feminino original a um processo de mudança libidinal? Ou Birman estaria dizendo que o feminino é que inicia toda possibilidade de ocorrer sublimação? De qualquer forma não é clara a relação entre sublimação e feminilidade como sexo originário.

FREUD (1925, 1930, 1931, 1932), por sua vez, nos textos que fala sobre a sexualidade feminina, deixa claro que as mulheres tinham capacidade de sublimação inferior à dos homens. Neste sentido seria possível formular uma estranha pergunta: os homens teriam mais feminilidade do que as mulheres? Este poderia ser um problema na defesa do conceito de feminilidade como maior capacidade de sublimação, pois para Freud o ser feminino tem uma capacidade diminuída de sublimar.

Porém a questão não se fecha assim, pois em outros textos de Freud encontra-se uma linha de pensamento que traz a definição do masculino ligada à constituição da neurose obsessiva, mostrando os homens com características de rigidez, organização, e pouca flexibilidade. Em oposição a este conceito de masculinidade tão rigoroso, a feminilidade seria tomada como mais passível de transformação. Esta feminilidade que aglutina passividade com criatividade e sublimação entra como nova conceituação do termo.

No artigo de SAAD (2002), o modelo freudiano fálico-castrado também é caracterizado como uma forma de monismo sexual que pode ser visto sob novo olhar. Outra autora que contribui com a discussão é MARCIA ARÁN (1997) que verifica a necessidade de uma distinção entre os termos utilizados em psicanálise. Ela propõe a seguinte distinção:

Feminino: corresponde à economia sexual em que às vezes refere-se à passividade, e outras vezes, à falta em relação à castração. A masculinidade em oposição refere-se à posse do falo e à atividade;

Sexualidade feminina: trata-se de um destino da sexualidade na mulher;

Feminilidade: referida à castração é horror, relacionada à vida pulsional anuncia uma forma de erogenização anterior à lógica fálica, portanto, não inerente à mulher, mas como atributo de ambos os sexos.

Com esta separação conceitual é possível separar a questão da sexualidade da mulher da feminilidade. Assim, o gênero ou a identidade de gênero trata do sentir-se homem e sentir-se mulher, o que pressupõe um processo de escolhas e experiências para além da constituição biológica com suas distinções anatômicas. Segundo SAAD (2002), ao nascer, portanto, o ser humano é apenas um ser em desamparada condição humana, a feminilidade primária, e a partir daí passa a desenvolver a bissexualidade (feminino e masculino), para só depois alçar o gênero (homem/mulher) tal como aparece no esquema a seguir:

“Ser→ Feminilidade→ Bissexualidade (feminino/masculino)→ Gênero (homem/mulher)” (SAAD, 2002, p. 607).

Este esquema desenvolve as idéias expostas por BIRMAN (2001, 2006) estabelecendo a feminilidade como original. Porém, na opinião de Saad esta colocação não inverte o posicionamento falocêntrico tradicional, mas simplesmente coloca uma referência genicentrista, a qual apenas rediscute a referência fálica anteriormente dominante e vista como única. Porém convém ressaltar que Birman não coloca a feminilidade como um período inicial que é superado definitivamente, pois ela surge durante toda a vida quando o ser humano fica em posição não fálica e criadora. Saad pode ter se atrapalhado ao criar um esquema que limitasse a feminilidade a uma fase inicial e por isso afirmou que Birman não alterou o posicionamento falocêntrico tradicional. Mas numa coisa ela esclarece o assunto: a idéia de que a feminilidade é original pode levar a reduzi-la a passividade. A feminilidade é originária por que a situação original é passiva. Portanto novamente retorna-se ao ponto usual das discussões sobre o feminino caracterizado pela passividade.

Outro complicador desta tese pode ser exposto pelo seguinte questionamento: qual a relação entre a feminilidade como sexo original e a constituição de gênero na mulher? Os conceitos parecem interligados, mas como?

A feminilidade primária é vivida antes do encontro com o falo tanto nos meninos quanto nas meninas. Ambos repudiam a feminilidade após o conhecimento fálico, mas a constituição anatômica da menina a coloca frente à questão da castração, enquanto que

o menino estabelece, em relação ao órgão genital, um argumento contrário à feminilidade. E note que até aqui feminilidade é usada como sinônimo do conceito de castração freudiano.

A idéia de Birman para acabar com a hierarquia fálica que ele acredita existir no discurso freudiano é que a experiência da castração no corpo da mulher lhe traz frustração, mas possibilita-lhe uma maneira criativa de lidar com a falta. Neste sentido, como castrada, ela pode fazer coisas novas no caminho da sublimação e da transformação. E isso não parece passivo ou invejoso. Birman procurou se diferenciar dos autores que colocam a feminilidade, em ambos os sexos, como representante da castração evitando, assim, uma hierarquia fálica. Talvez não tenha sido bem sucedido em sua tentativa de definir o feminino, mas ele lança mão da idéia de que se uma mulher consegue superar o complexo de castração mesmo com sua condição de castração vivenciada no corpo é por que deve ter mecanismo para este caminho de superação da frustração. Mesmo assim parece que faltaram argumentos para sustentar esta hipótese.

Ainda mais um ponto interessante é analisado por Birman quando relaciona o feminino a pulsão de morte. Esta relação é desenvolvida no texto *“O tema dos três escrínios”* (FREUD, 1913) analisado anteriormente, no qual a mulher aparece como representação de três momentos diferentes na vida de um homem: mãe, esposa, e a Mãe Terra como símbolo da morte. A mulher como mãe e esposa são figuras comuns na obra freudiana, desde a figura das históricas com seus desejos eróticos reprimidos e com sua dificuldade com a maternidade. Porém a mulher como representação da morte pode ser encarada como uma forma de falar do destino de todo homem embalado por uma figura feminina. Este medo do feminino como representação de perigo que poderia levar à morte também aparece em diversos textos de Freud, como nas figuras literárias analisadas por ele como Medusa e Judith. Estas personagens permitem a ligação entre a feminilidade e a morte, por meio do o medo da castração realizada por uma mulher. Ou seja, o medo de que ao entregar-se aos encantos de uma mulher o desejo e a falta levassem um homem a decadência, a detumescência do pênis ou a loucura da paixão, como na história de Helena de Tróia por exemplo.

A relação que Birman realiza refere-se não a idéia de morte, mas especificamente à pulsão de morte. Ambos os conceitos: pulsão de morte e feminilidade teriam em comum o fato de não possuírem representação. O masculino, ao contrário, é sempre considerado aquilo que é visível, claro e sem mistérios e que tem como base orgânica o pênis. Os genitais femininos, ao contrário, aparecem nos textos freudianos como representante de todos os mistérios de vida e de morte, remetendo àquilo que é impensável e por isso

irrepresentável. Usando uma terminologia mais lacaniana seria correto afirmar que a única forma de representar a feminilidade seria por uma falta de representação, como um furo.

É justamente pensando na economia pulsional que voltamo-nos ao ponto inicial do desenvolvimento infantil. Freud chamou de masoquismo auto-erótico e constitutivo, o período em que a criança tem satisfação dirigindo sua libido a si mesmo, especificamente quando se trata da pulsão de morte e da passividade marcadamente presentes no encontro com o ego como objeto. No texto “*O problema econômico do masoquismo*” FREUD (1924) separa o masoquismo moral do masoquismo feminino e localiza neste último a feminilidade como sentimento originário, muito semelhante ao que Birman nomeou feminilidade. Neste texto Freud coloca que meninos e meninas vivem um estado que a libido sexual não direcionada ao mundo externo volta-se contra o próprio ego, tal como adultos masoquistas que colocam-se como objeto do gozo dos outros, como se fosse desprotegido e indefeso como um pequeno bebe inerte no colo de sua mãe. O conceito de feminilidade desenvolvido por Birman parece criar uma equivalência com o conceito freudiano de masoquismo erógeno, ou seja, a maneira de lidar com as forças pulsionais anteriores ao referencial fálico:

A feminilidade seria, enfim, um outro nome para denominar o masoquismo erógeno, maneira do sujeito lidar com as intensidades e com as forças pulsionais sem se valer e precisar necessariamente do referencial fálico”. (BIRMAN, 2001, p. 240).

Portanto Birman chega a admitir que seu conceito de feminilidade é sinônimo de masoquismo auto-erótico e isso pode levar a um problema teórico. Por que dar um novo nome a um conceito já estabelecido como o de masoquismo? De fato, muito do que Birman escreve sobre a feminilidade é descrito por Freud como o masoquismo feminino: o conceito não se refere só a mulher, remete a uma posição passiva, trata-se de um processo pré-fálico. Porém, também é preciso admitir que existem as diferenças entre os conceitos (masoquismo feminino de Freud e feminilidade de Birman) e o ponto principal é a relação com a sublimação que Birman indica sobre a feminilidade. O problema é que este ponto precisaria ser mais estudado e desenvolvido para promover verdadeira mudança na teoria da feminilidade.

5.2 Feminino e Masculino: diferenças e universalidade

A feminilidade como conceito deve passar pelas concepções de passivo e ativo, presença e ausência, assim por diante. Muitos autores pesquisaram sobre uma possível hierarquia fálica na teoria psicanalítica e especificamente na freudiana. Assim, é interessante retomar conceitos que estão na base de uma diferenciação fálica, qual seja, a diferença anatômica entre os sexos que origina a definição de feminino e masculino e que passa pela teoria universal da posse do pênis.

Para isto faz-se interessante a discussão filosófica proposta por Monique David-Ménard sobre a diferenciação de gênero em Freud e Lacan. Segundo esta autora, a noção de universalidade entre os seres humanos aparece representada pela figura do masculino em Freud, isso por que se concebe a figura da lei, do Complexo de Édipo e da castração como os processos fundantes do sujeito, ou seja, a moral e os valores teriam inscrição transversal no universo masculino. A mulher, por sua vez, acaba sempre no campo da baixa auto-estima, já que é castrada, e se define por não possuir o falo, o que define um monismo fálico: “O homem não é sem tê-lo, a mulher é sem tê-lo” (DAVID-MÉNARD, 1998). Nesta frase vê-se que o gênero sexual é definido pela posse ou ausência de pênis.

Esta autora toma como base a teoria de Lacan desenvolvida em “*O seminário, livro 20, Mais Ainda*” (LACAN, 1972-73), em que desenvolve as fórmulas da sexuação (FIGURA 13):

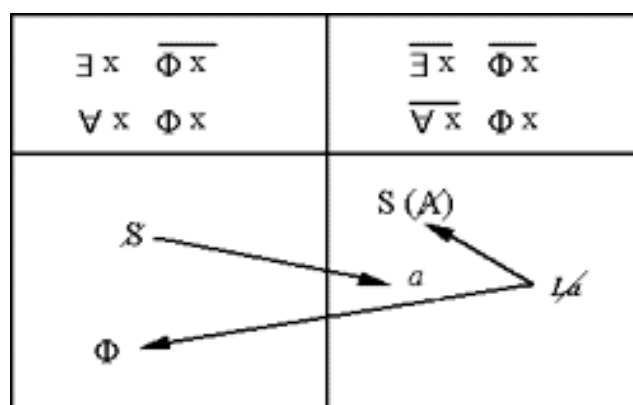


FIGURA 13 – Fórmulas da sexuação

Existem quatro fórmulas proposicionais acima. Os seres falantes se encaixam em um dos lados. À esquerda, na linha inferior, Lacan indica que é pela função fálica que um

homem toma sua inscrição como tal. A expressão na linha acima mostra a exceção à regra – ou seja, onde há a negação desta função da presença fálica. Portanto, estas duas primeiras fórmulas formam a função paterna, em que o jogo entre presença e ausência insere, por meio da função fálica, a definição masculina em que o todo se define pela exceção. Fato que não ocorre na definição do feminino. No quadro ao lado estão as formulas referentes ao campo feminino, em que não cabe nenhuma definição de universalidade, visto que podem ou não estarem inscritas na relação fálica. Na primeira fórmula, a escrita: " $\overline{\Xi x} \overline{\Phi x}$ " indica a não existência de seres falantes que se posicionem deste lado que não estejam submetidos à ordem fálica, ou seja, não existe mulher que não esteja submetida à castração. Neste sentido, é que podemos entender a mulher enquanto inserida no simbólico, podendo agir culturalmente. A segunda fórmula afirma que “não-toda” mulher está inserida na função fálica, o que justifica a possibilidade de outro gozo para a mulher.

Abaixo da barra, no lado masculino, Lacan insere o símbolo fálico (ϕ) e o S barrado:

ϕ

Estes conteúdos dão suporte à construção do ser masculino. Porém, este S barrado só tem sentido na relação com o “a” do outro lado, que envolve o desejo ao outro. Esta ligação é conceituada por Lacan como a fantasia que está na base da construção do sujeito.

Antes de explicar o lado feminino da fórmula, Lacan cita o questionamento deixado em aberto por Freud: o que quer uma mulher? Nota-se que, a pergunta não se refere ao desejo da mulher, mas sim, ao desejo de *uma* mulher. Foi colocado no primeiro capítulo que este artigo definido “a”, que aparece na fórmula em francês “La”¹³, quando se refere à mulher, não pode ser utilizado de forma genérica, já que uma mulher se inscreve pelo “não todo”, fazendo com que uma definição universal seja impossível. Portanto, o artigo “La” só existe barrado:

\overline{La}

Lacan afirma que, por não possuir definição intrínseca, a mulher tem relação com o significante desse outro. É possível pensar que o feminino para Lacan refere-se sempre ao outro sexo; aquele que não é masculino. Portanto, o feminino é significado por meio de uma relação ao falo.

¹³ Na edição brasileira este quadro apresenta ao invés do artigo “La” barrado, a representação deste artigo pela letra “A” maiúscula. Neste trabalho apresento a versão original retirada do artigo de GRANT (1998) que mostra com clareza que se trata de artigo: “La”.

Outro ponto crucial a esta pesquisa também aparece neste grafo: o gozo da mulher. Na relação ao falo Lacan encontra a definição do gozo fálico nos moldes masculinos – o que confere com a concepção freudiana de que a libido é essencialmente masculina – porém a mulher também possui um tipo de gozo que não está na lógica fálica.

Um dos aspectos que ressalta neste "não-toda", é o de uma divisão: parte está inscrita na função fálica, aquela que permite a um ser estar inserido no mundo simbólico, poder falar, comunicar-se numa dada ordem cultural. Outra parte, está fora da ordem fálica, fora do simbólico e com isto queremos ressaltar o que é da ordem do impossível de se dizer, do buraco, da falta. Esta partição feminina relativa ao gozo, aponta pois, um gozo dual: gozo fálico, da ordem do possível de ser dito; Outro gozo, aquele que a mulher guarda consigo por efeito de estrutura, uma vez que é da ordem do não dito. (GRANT, 1998)

Do lado mulher é possível observar que saem duas flechas que representam este gozo feminino repartido: de um lado o gozo fálico, que busca no encontro com o homem a relação ao falo; e do outro lado, um gozo suplementar ao fálico e que permanece sem relação fálica.

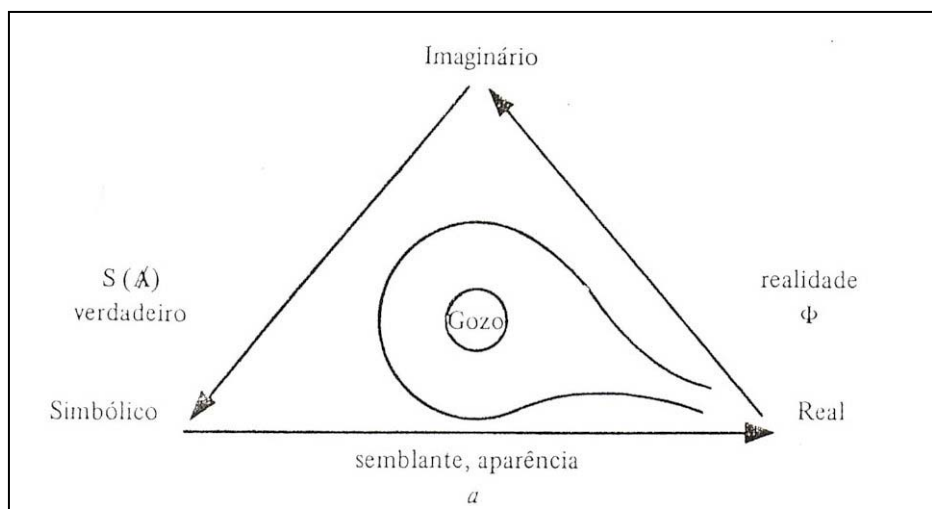


FIGURA 14 - Fórmula do gozo para Lacan

Com a apresentação deste outro grafema (FIGURA 14) é possível; perceber que Lacan realiza um enlace de diferentes conceitos para falar de gozo. Note-se que o gozo está no meio de uma pirâmide que liga real, simbólico e imaginário, assim como, sujeito, falo e objeto e tudo cerceado pela fantasia. Como ele está falando do neurótico, é a fantasia que faz a ligação entre o semblante, a verdade e a realidade. Cada um destes conceitos merece

investigação criteriosa, mas isto acabaria levando esta pesquisa a um distanciamento de seu objetivo.

Para Lacan (1972-73), o gozo não pára de não se escrever - assim como a relação sexual – o falo entra na teoria lacaniana como aquele que é capaz de parar de se escrever. A mulher, fugindo à barreira fálica, amplia o gozo a zona desconhecida e indizível do não dito. Assim, é possível afirmar que por ser “não-toda”, a mulher possui formas suplementares de gozar, que vão além do simbólico.

Feita esta breve apresentação da teoria da sexuação lacaniana, é possível observar que Lacan utiliza-se da noção de universalidade para formalizar sua teoria sobre a sexualidade. DAVID-MÉNARD (1998) afirma que para este autor, o pênis tem representação de falo, mas também aponta a sua imperfeição na variação entre tumescência e detumescência. É a relação ao falo que seria capaz de definir feminino e masculino, como foi apresentado nas fórmulas da sexuação: Para todo x $\text{PHI}(x)$ existe um tal x que não $\text{PHI}(x)$. Na narrativa lógica poderíamos reafirmar aquilo que FREUD (1913) colocou em “*Totem e tabu*”: que o homem consegue definir-se como tal e admitir-se castrado porque há alguém que, sendo homem, não foi castrado – este seria o *pai da horda primeva* que detinha todas as mulheres. A certeza onipotente e delirante se limita pelo recalçamento do pai perfeito, isto é, apenas com a sua superação simbólica da perfeição é que pode se dizer homem. Assim, o homem se reconhece como tal porque é castrado e por que houve um que não foi castrado. Uma função universal se liga a uma particular que nega a precedente - trata-se da passagem da onipotência, do princípio do prazer, à limitação do princípio de realidade - como no dito popular em que se afirma que a exceção confirma a regra.

Para DAVID-MÉNARD (1998) o homem castrado se confirma pelo não-castrado. Mas e a mulher como fica? Aí se encontra o paradoxo lógico que enuncia: não existe x tal que não $\text{PHI}(x)$. E esta idéia está aclopada a: não é para todo x que $\text{PHI}(x)$, que se lê: “não existe nenhuma mulher que não tenha relação com a função fálica” e “não é tudo, numa mulher, que está ligado com esta função”. Assim, a mulher está não toda na relação fálica. Algo nela escapa e fica até mesmo sem a marca da castração por justamente não estar toda na função fálica. Desta forma, Lacan modifica o quantificador universal.

A descoberta freudiana, que permite analisar a experiência subjetiva, nos mostra a mulher numa posição que é, se podemos dizê-lo – já que falei de ordenamento, de ordem, ou de ordenação simbólica – subordinada. (LACAN, 1972-73, p. 207).

Neste trecho de Lacan vemos que, de fato, a definição feminina se dá na comparação ao masculino, ou fálico. Para este autor o falo para a mulher é renunciado e fica pertencendo a quem se refere seu amor. No início, o pai de quem esperava um filho; depois, do marido e de seu filho homem etc. Paradoxalmente estas frustrações deixam fixações narcísicas que fazem das mulheres seres menos tolerantes a frustrações.

Outro comentário de Lacan que ilustra esta discussão seria:

A castração, que tentamos definir, toma por base a apreensão no real da ausência de pênis na mulher. Na maioria dos casos é este o ponto crucial, na experiência do sujeito masculino, o fundo em que se apóia, de um modo especialmente eficaz e angustiante, a noção de privação. (LACAN, 1972-73, p. 233).

Ainda falando do complexo de castração na mulher pode-se realizar uma ponte com a teoria da feminilidade definida por Birman. Ele definiu este termo como uma experiência primeiramente vivenciada num período inicial em que a criança, de ambos os sexos, fica totalmente à mercê de sua mãe, característica que também é descrita por Freud em “*Teoria econômica do masoquismo*” (FREUD, 1924). O fato de colocar-se ao dispor dos desejos maternos, lembra um trecho do que SOLER (1995) afirma em seu livro “*Variáveis do fim da análise*”, em que define a mulher como sintoma de um homem. Se a menina, desde cedo, se coloca como falo da mãe na tentativa de responder a suas demandas, ela faria este mesmo movimento em relação ao seu marido ou namorado, coisa que os homens não fariam. Para Soler, é possível reconhecer um homem por sua esposa, pois ela se adapta a ele; mas o contrário não pode ser dito, pois um homem não se molda a uma mulher.

O fato é que a relação fálica é importante na construção do feminino na obra de Lacan, como aparece no texto “*A função do véu*” (LACAN, 1955-56):

Este falo, o da diferenciação simbólica entre os sexos, a mulher não o tem, simbolicamente. Mas não ter o falo simbolicamente é dele participar a título de ausência, logo, é tê-lo de alguma forma. O falo está sempre para além de toda relação entre o homem e a mulher. Ele pode ser, ocasionalmente, objeto de uma nostalgia imaginária por parte da mulher, na medida em que ela tem apenas um falo muito pequenino. Mas este falo que ela pode sentir como insuficiente não é o único que entra em função para ela, uma vez que, na medida em que ela está presa na relação intersubjetiva, existe para o homem, mais além dela, este falo que ela não tem; isto é, o falo simbólico, que existe ali como ausência. Isso é independente, por completo da inferioridade que ela possa sentir no plano imaginário, pela participação real que ela tem com o falo. (LACAN, 1955-56, p. 155).

Assim, não rompendo, mas ampliando a concepção falocêntrica freudiana, Lacan propõe uma saída extenuante e também provocativa de exclusão das mulheres da lógica

fálica. Na obra de Lacan podemos notar avanços e posicionamentos diferentes que contribuem na compreensão da teoria freudiana. A tentativa de Lacan em romper com a definição falocêntrica não foi totalmente bem sucedida segundo David-Ménard e Birman, pois não possibilitou uma definição positiva da mulher. A única coisa que se poderia afirmar do ponto de vista lacaniano é que o feminino toca o não-dito dos seres humanos, e desta forma, reinaugura o campo misterioso da feminilidade.

Enfim, os pós freudianos em geral trabalharam muito para cobrir buracos que possivelmente Freud deixara. Diante dos dados discutidos neste capítulo podemos perceber a preocupação na definição do feminino como um comparativo fálico. Isso para alguns foi considerado um problema, como uma confissão de machismo, e, para outros, como Lacan, foi considerado um simples fato matemático comparativo, possibilitando assumir a diferença entre os sexos de forma menos afetiva e mais direta. O fato é que na impossibilidade do universal que defina as mulheres fica a idéia de que o falo pode se inscrever mesmo com a castração no corpo biológico da mulher e isso lança a discussão do feminino a um outro patamar, qual seja, o de um descolamento de sua constituição biológica na qual o genital é vivido como ausência, mas que a representação pode trabalhar com a presença e com a criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho percorremos pontos diferentes da obra de Freud e seu posicionamento sobre a feminilidade e a mulher. O desenvolvimento desta pesquisa foi dividido em capítulos independentes o que gerou a necessidade de uma discussão final que promova a integração de tudo que foi trabalhado, desde estudos sobre a clínica freudiana, passando pelas análises sociais e artísticas até as teorias da sexualidade. Guiaram esse trabalho os seguintes questionamentos: A feminilidade seria uma discussão sobre o sexo nas mulheres ou sobre um posicionamento frente à vida? Teríamos na psicanálise uma posição falocêntrica da sexualidade?

No primeiro capítulo foram descritos trechos da história do movimento psicanalítico e as principais teorias de pós-freudianos que desenvolveram maneiras diversas de abordar o tema da feminilidade e da mulher. Nenhum destes autores foi investigado exaustivamente, mas é interessante notar como a teoria psicanalítica ganha novas tonalidades a cada contribuição teórica. Sobre a sexualidade feminina vimos pontos interessantes como o de Deutsch que afirma que a frigidez é parte da vida normal de uma mulher, enquanto o orgasmo feminino é mais comum entre mulheres masculinizadas e perversas. Marie Bonaparte também investiga a frigidez e cria a zona cloacal que unificaria, na menina, a vagina e o ânus. Outro aspecto discutido trabalho foi a mudança de uma posição ativa para uma posição passiva e, neste caso, Horney concorda com Freud que a feminilidade seria algo conquistado por meio de uma derrota das tendências masculinas na menina.

A autora que mais se destaca nas diferenças teóricas em relação à teoria freudiana é Melanie Klein que afirma haver um instinto sexual feminino que inicia a menina no complexo de Édipo. Freud, ao contrário, afirmou que a menina ingressa no complexo de Édipo por meio de uma decepção com a mãe e que na busca pelo falo em seu pai vai se direcionando a feminilidade.

É possível notar que em todos os autores o termo feminilidade está sendo utilizado como parte da sexualidade feminina. Não encontramos, até então, uma definição que diferencie estes assuntos. É importante destacar isto, pois a discussão proposta por Birman sobre feminilidade coloca este conceito de forma ampla, relacionado-o tanto às mulheres quanto aos homens.

Em muitos textos psicanalíticos temos a sensação de que o feminino é considerado sinônimo de castração e mistério, como se fosse uma forma de gozo que traz

muitas dúvidas e às vezes sofrimento, como é o caso de Bonaparte. Para pensar no assunto é importante retomar o que foi pesquisado sobre a sexualidade infantil, principalmente nas meninas. Freud descreve a fase fálica como um momento no qual a criança realiza uma comparação entre os sexos e considera este momento investigativo de grande importância na formação da personalidade. A comparação fálica estaria na base das determinações entre atividade e passividade – não apenas no âmbito sexual. Lacan trabalha muito estas questões e propõe um modelo novo de gozo tipicamente feminino. Este autor lança uma forma de gozar que não se inscreve na relação fálica e por isso seria permitido às mulheres um gozo que ultrapassa a inveja do falo. Porém, nesta pesquisa o objetivo estava em realizar releitura criteriosa da teoria freudiana e é fato que encontramos nela material suficiente para uma rica investigação sobre a feminilidade e a mulher.

Sobre o contexto social e histórico da criação da psicanálise é marcante a intensa repressão da sexualidade movida sobre as mulheres. Os modelos sociais rigorosos desta época acabavam por manter um padrão familiar que condenava a mulher a viver no interior de uma família que muitas vezes nem sequer escolhiam. A descrição da formação escolar e artística das mulheres históricas atendidas por Freud mostra como essas mulheres sentiam-se aprisionadas na função de esposa e mãe. Portanto, o conflito era marcante e isso determinou o aumento maciço dos casos de histeria. Note-se que quando se fala de histeria a referência a feminilidade não é direta, pois se trata do estudo de uma psicopatologia que atingia mais às mulheres que aos homens. E isso ocorre por que o próprio Freud não havia tocado no assunto especificamente; o seu interesse, no início de seu trabalho, era com a patologia e não com as mulheres.

Neste sentido, é interessante retomar pontos culturais de referência que influenciaram notadamente a feminilidade. Historicamente a mulher e seu sexo foram considerados tema de investigação e curiosidade. Na antiguidade grega os genitais femininos eram considerados o avesso do masculino, como uma inversão para dentro daquilo que nos homens fica a mostra. Assim, a feminilidade é representada por aquilo que é escuro, ao avesso, o que conseqüentemente abrange a idéia de submissão e inferioridade na hierarquia social. Freud, nas suas teorias sexuais, também lida com a descoberta dos genitais femininos com a mesma desconfiança descrita entre os gregos, chegando a afirmar que haveria um medo do feminino – um repúdio a tudo o que se relacionar a ele, pois a feminilidade teria como ponto de referência a castração.

Portanto, apesar de muitos autores considerarem que Freud resgatou a mulher da loucura e da condenação aos hospícios, é preciso perceber que ele não foi um político

feminista que tenha tido este objetivo. É mais provável que na ânsia das descobertas científicas e psiquiátricas ele tenha acabado por realizar involuntariamente este feito libertário.

Na clínica com estas pacientes histéricas Freud promoveu a cura, pesquisou características, criou teorias novas e acabou por fundar a psicanálise. Assim, no segundo capítulo, pudemos perceber que, em todos os casos clínicos descritos em sua obra, temos a visão de um médico inovador que avançou pelos sintomas e alcançou a psique humana, envolvendo corpo e mente num trabalho audacioso por caminhos não antes percorridos e revelando aspectos femininos que a sociedade queria esquecer. É o caso de sintomas que revelavam excitações sexuais moralmente inadequadas. No caso de Elizabete, isso fica bem claro: enquanto cuidava do pai doente, ouviu música e ruídos de uma festa que ocorria perto de sua casa, isso gerou nela o desejo de estar lá e de dançar. Outro exemplo marcante é a crise de angústia de Katharina, na qual descreve a visão da imagem de um rosto zangado. Nas associações sobre esta imagem, Freud e a paciente de ocasião (pois que estavam num hotel nas férias de Freud) puderam resgatar a cena traumática da descoberta brutal da sexualidade, que fora precocemente estimulada pelas tentativas de abuso de seu pai.

Muitos exemplos como este são descritos por Freud nos textos sobre as histéricas e também nos textos sobre fobias e obsessões. Dentre estes, podemos citar o caso da senhora que conferia, o tempo todo, uma mancha numa toalha sobre sua mesa e que chamava a empregada doméstica para olhar. Freud percebe que a idéia inconsciente por trás deste sintoma estava no fato de ela não ter tido relação sexual com o marido na noite de núpcias. O costume, na época, era mostrar o lençol das núpcias com a mancha de sangue, que comprovava que o casamento fora consumado e que a noiva havia se guardado para este dia. Porém, como não tinha ocorrido relação sexual nenhuma, o marido resolveu jogar tinta no lençol, a fim de criar provas de um ato que não existiu. Assim, o lençol com a mancha de tinta fora forjado e mostrado ao público. Porém, a mancha, na visão desta paciente, ficara num local impróprio, revelando que não houvera relação naquela noite. Portanto, o ato obsessivo repetiria a preocupação e reparação vivida naquela noite.

De forma geral, a concepção do conceito de que os sintomas eram fruto das idéias reprimidas fazia com que o conflito psíquico fosse a base da neurose. E isso é o que faz de Freud um autor inovador, enquanto muitos autores as consideravam loucas e inúteis. É verdade que talvez fossem mesmo figuras à margem da sociedade; a diferença é que foram compreendidas em seu sofrimento provando que havia uma lógica por trás da aparente insanidade.

Porém, o trabalho com histéricas, não pode ser a base para uma discussão sobre a feminilidade e a mulher. É possível que muitos aspectos sejam aproveitados destas lições, pois características específicas levam as mulheres a serem as mais acometidas pela histeria, quais sejam: a passividade, a alta capacidade de serem sugestionadas, a carência afetiva e a repressão da sexualidade. Estas características se devem às condições sociais? Com esta pesquisa, é possível afirmar que, para Freud, não se trata apenas de uma questão política e social. A repressão da sexualidade é um aspecto que se modifica na história dos povos, e Freud não poderia deixar passar um aspecto tão importante quanto este. Ele admite, em certos pontos da obra, que as condições sociais reforçariam ou não estes conflitos. O fato é que as condições anatômicas na menina acabam por predispor uma série de condições psicológicas que se mesclam às normas sociais. Então, neste ponto, saímos de uma discussão propriamente sobre a histeria e invadimos a questão da mulher, como sujeito que possui uma castração corporal como referência para sua sexualidade e que está inserida numa sociedade com normas culturais estabelecidas.

Em cada cultura é possível observar traços morais definidos por religiões e regras implícitas ou explícitas construídas socialmente. Freud fez observações sobre a presença feminina nos ícones religiosos de diferentes culturas. Não apenas a mãe virgem católica, nem apenas a medusa que mata com seu olhar fatal; as mulheres possuem mais representações do que a dupla de oposição santa e demônio. Isso pode ser observado nas considerações sobre Diana (FREUD, 1911) marcando a presença feminina na cidade de Éfeso. A adoração pelo feminino é tão comum quanto seu repúdio, o que demarca mais um ponto conflituoso sobre o assunto.

Sobre as representações do feminino nas artes literárias um ponto curioso se repete. A escolha por uma mulher pode incorrer em erros, se o personagem optar pela beleza e sedução. Para comentar o assunto Freud utiliza-se de textos como “O mercador de Veneza” e “O rei Lear” de Shakespeare e de diversos romances em que o destino está traçado por meio da escolha entre três opções escondidas por caixas ou outro elemento que encubra a verdadeira natureza do objeto em questão (FREUD, 1913). No texto “*O tema dos três escrínios*” (FREUD, 1913), a feminilidade é mais do que um tema misterioso, pois abrange todo o mistério da vida e da morte, já que as figuras femininas aparecem no percorrer de toda a vida de um homem: a mãe, a esposa e a mãe terra – representando a morte. As mulheres possuindo papel tão importante na vida dos homens podem encobrir defeitos, simular

qualidades e jogar a favor de seu privilégio. Assim, na escolha por uma mulher, metaforicamente apresentada na escolha pelos cofres em “O mercador de Veneza”, a aparência não é o mais importante. Na escolha pelo baú de ouro o pretendente se depara com a caveira da morte enquanto que o cofre de bronze revela a imagem da jovem nobre. Se a vaidade é considerada postura tão feminina ela serve neste caso para enganar, para seduzir e revelar o quanto não assegura uma escolha madura para um homem. As análises freudianas sobre este fato acabam por definir a vaidade como um meio de esconder a castração genital das mulheres. Enfeitar-se seria um consolo para a decepção conseqüente do contato com os genitais femininos e sua experiência de falta.

Também característico das mulheres é a pouca habilidade social entre elas. Não seria estranho afirmar que, mesmo para o senso comum, as mulheres são menos confiáveis numa amizade do que os homens. Em “*Totem e tabu*” (FREUD, 1913) tem-se a sensação de que a rivalidade faz parte do ser feminino. A comparação entre elementos distintos funciona como base das relações sociais, e isso também ocorre com os homens. Porém, quando Freud fala da construção da subjetividade voltada para uma comparação com a genitalidade descobrimos que a menina compõe sua concepção de feminino comparando a noção de masculino pautada na ausência de pênis – o que ficou conhecido como a inveja do pênis. Assim, a rivalidade entre as mulheres poderia ser considerada uma derivação da experiência infantil de castração que nunca é totalmente superada entre elas.

As mulheres também aparecem na obra freudiana como fonte de gozo dos homens. Em muitos momentos da obra de Freud o homem é retratado como aquele que poderia usufruir do sexo frágil (feminino) sem qualquer consideração subjetiva para com a mulher. Portanto, se as mulheres podem ser sedutoras e traiçoeiras, os homens também souberam usar seu veneno ao usufruir para sua própria satisfação do corpo e da vontade das mulheres por meio da submissão. Este tipo de conduta justifica o surgimento de sentimentos de revolta e rancor femininos como é descrito na tragédia de Hebbel, em que Judith (FREUD, 1917) a mulher que tem a virgindade protegida por um tabu, já que mata os homens que tentarem se aproximar sexualmente dela. Parece que submissão e ódio fazem parte da caracterização do feminino na obra de Freud.

O texto “*Tabu da virgindade*” (FREUD, 1917) é mais um exemplo da descrição da revolta feminina. Nele Freud afirma que a mulher vivencia na primeira relação sexual uma experiência de submissão tão intensa que geraria nela o ódio ao homem que

realizara o ato. Desta forma, Freud revela que ser invadido e proporcionar o gozo a outra pessoa é uma experiência complexa que demora algum tempo a proporcionar satisfação para as mulheres. O fato de Freud ter afirmado isso, não quer dizer que ele ignore que as mulheres se satisfazem no ato sexual. O resgate que fizemos dos casos de histeria mostra claramente o quanto seria prejudicial tentar arrancar a sexualidade e suas expressões de uma mulher. Portanto, é de fato curioso que a sexualidade para as mulheres fique marcada por uma experiência de submissão e prazer. É justamente neste ponto que entra a noção de masoquismo feminino e a possibilidade de satisfazer-se numa posição passiva e muitas vezes até de sofrimento.

Em “*Mal-estar na civilização*” (FREUD, 1930), Freud nota a capacidade reduzida de sublimar as pulsões como um ponto de difícil superação para as mulheres. Esta dificuldade determina, segundo ele, a problemática na realização nos trabalhos fora de casa. Não conseguindo redirecionar a pulsão sexual, as mulheres teriam muita dificuldade em produzir no mercado de trabalho tal como um homem¹⁴. Neste sentido o conceito de sublimação se faz importante pois atualmente autores, como Joel Birman, tem afirmado que a feminilidade possui relação com a sublimação como modelo de criatividade e superação da castração. Por hora, parece estranho relacionar algo que Freud considerou uma dificuldade feminina como característica que defina a feminilidade.

Freud não fez esta relação da criatividade com a feminilidade, mas conferiu às mulheres um aspecto vantajoso na articulação entre uma corrente amorosa e uma corrente sexual. Em alguns homens, pode haver dificuldade em vincular amor e desejo sexual, fato que dificilmente ocorre entre as mulheres. FREUD (1910) relata um tipo especial de escolha feita em alguns homens em que a proibição edípica surgia na relação com suas esposas. Isso ocorre pois, normalmente, a escolha de um homem por uma mulher implica preencher características semelhantes às de sua mãe. Este ponto de igualdade entre a mãe e a esposa pode funcionar, para alguns homens, como impedimento para a plena realização da sexualidade, como se a esposa se tornasse também um objeto proibido pela lei do incesto.

Outro problema da sexualidade masculina é pesquisado por Freud por meio de Hanold, personagem do romance de Jensen. No romance “*Gradiva*” (FREUD, 1907), Hanold era um arqueólogo tão dedicado que chegava a ficar alienado na ciência e na arte. É

¹⁴ Imagine o que Freud diria ao ver a situação da mulher no mercado de trabalho nos dias de hoje.

justamente a mulher que, movida pelo amor e pelo desejo, salva seu antigo amigo por meio da experiência amorosa, o afastando um pouco dos livros e artefatos arqueológicos. De fato, as mulheres na obra freudiana, estão mesmo sempre atrás do casamento e dos filhos, mesmo que busquem sensualidade e prazer – é como se para elas as coisas não estivessem separadas. Freud faz um grande elogio às mulheres no texto de *Gradiva*, caracterizando-as como possuidoras de inteligência e delicadeza típicas de uma analista.

Também merece destaque a observação de Freud acerca de um aspecto da sexualidade infantil; qual seja: o fato de a repressão da investigação sexual nas crianças acarretar nelas uma deficiência no desenvolvimento da curiosidade científica de forma geral. Assim, seria possível afirmar que crianças que foram reprimidas sexualmente ficariam limitadas cognitivamente. Como muitas mulheres sofriam este tipo de repressão infantil na época de Freud, isso se refletiria, de fato, numa posição feminina distanciada do campo científico, já que poucas mulheres trilhavam este caminho.

Ainda falando destas investigações infantis, é importante ressaltar que, por um tempo, as crianças parecem acreditar que todos os seres vivos possuem o pênis. Esta é a teoria universal do pênis, que meninos e meninas precisam superar na investigação das diferenças anatômicas entre os sexos. Para bem definir o que é um homem e o que é uma mulher, a teoria universal deve ruir para a criança, mesmo que isso traga decepção e assombro.

Assim, entramos na discussão pertinente aos capítulos finais desta pesquisa em que a sexualidade feminina entra em foco. Vimos que, para Freud, a menina possui um desenvolvimento edipiano diferente do menino. As meninas passam por uma relação muito íntima com a mãe e encontram nela seu primeiro objeto de desejo. É preciso que passem pelo complexo de castração para que, frustradas com a mãe e com o próprio sexo, possam entrar no complexo de Édipo propriamente dito. Quando isso ocorre, a menina ao mesmo tempo rivaliza e se identifica com a mãe tomando o pai como objeto de desejo. Nesta mudança de objeto da mãe para o pai, a menina realiza um importante deslizamento do seu objeto de desejo do pênis para o bebê, que neste período ela acredita que lhe será dado pelo pai. A menina, portanto, realiza trabalho tortuoso de frustração e mudança de objeto no caminho para a feminilidade, que inclui, além de uma mudança de objeto sexual, também uma alteração da postura libidinal que determina a retirada de uma posição ativa. Isso ocorre por que a menina inicia a descoberta da sexualidade tal como o menino: numa posição ativa para com seu clitóris. No caminho para feminilidade devem abandonar a masturbação infantil e ter

na erotização da vagina a descoberta do que é ser uma mulher. Portanto, um dos pontos que define uma mulher para Freud é a capacidade de gerar bebês – o que substituiria o desejo pelo pênis. Este passa a ser um mero caminho para alcançar o objeto fálico para uma mulher: o bebê. De fato, isto é o que se deduz ao ter contato com os textos sobre a sexualidade feminina (FREUD, 1931 e 1932), mas não é apenas na maternidade que encontramos a resposta a esta questão.

Um ponto defendido teoricamente por Freud é o fato do superego nas mulheres ser mais fraco decorrente de seu lento abandono do complexo de Édipo. As frustrações com o impedimento do incesto e o complexo de castração finalizam o complexo de Édipo no menino. Mas, na menina, as coisas acabam ocorrendo de forma diferente – como elas já passaram pelo complexo de castração e percebem-se como castradas, elas não manifestam medo de perder o falo, apenas seguem buscando encontrá-lo no homem. A frustração com o impedimento do incesto vai lentamente se confirmando, fazendo com que ela tenha uma formação irregular do superego. Assim, Freud afirma que as mulheres são mais parciais em seus julgamentos e podem defender os seus entes mais próximos sem pensar nas regras mais amplas de uma sociedade. (FREUD, 1932, 1931, 1930).

A relação de uma menina para com sua mãe é muito conflituosa pois a mãe acaba por ser a peça chave no complexo de castração. Em ambos os sexos, é possível constatar a queixa de que a mãe não lhe forneceu leite suficiente, mesmo que isso não fosse verdade. É como se o ser humano estivesse sempre insatisfeito sobre a quantidade de leite que ingere na primeira infância. O problema é que a menina tem mais uma reclamação: por algum motivo, ela acredita que a mãe é a responsável por ela não possuir o pênis. Esta acusação, porém, tem peso significativo e determina a relação entre mãe e filha, que por meio de identificações e revoltas, criam a noção de feminino. É típico das meninas esta relação ambígua para com sua mãe, mesmo por que, a mãe, além de rival no complexo de Édipo, fora o primeiro objeto de amor frustrado.

Ainda pensando na sexualidade infantil feminina, é muito curioso o fato das meninas criarem a concepção de que possuem pênis. As meninas (e os meninos também) inicialmente não interpretam a ausência de pênis como a diferença entre homens e mulheres, mas acabam por conceder características de perda e ressentimento quando percebem que sua fantasia fálica não se concretizará. A frustração é consigo mesma e com todas as mulheres, ou seja, a decepção é com o próprio sexo feminino. É como se a teoria da universalidade que

unia todos os seres vivos pela presença do pênis fosse destruída, já que as mulheres podem sobreviver sem ele. Neste caso, pode-se pensar nas questões lógicas colocadas por Lacan e que foram comentadas por David-Ménard em que o feminino é ausência, é a inscrição daquilo que fica em torno de um vazio, mas que se inscreve. Ou seja, o órgão genital feminino pode ser representado como o contorno de um vazio; um buraco, mas que, de alguma forma deve ser compreendido. Na ânsia pulsional do desejo e do gozo, as mulheres se saem muito bem; segundo Lacan, podem ir além da satisfação fálica, o que lhes proporciona tipos variados de gozo. Não possuem o pênis, mas podem ir além do gozo fálico e existir excluída da lógica fálica.

Se não há universalidade fálica, menos ainda igualdade entre os sexos, a diferença parece ser de difícil inscrição no ser humano. Aquilo que é feminino e o que é masculino inicialmente não existem como diferença e permanecem num jogo da universalidade. Depois da descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos, inicia-se o jogo de presença e ausência do falo. Contudo, uma construção da diferença em que o feminino se inscreva de fato, sem prender-se a um referencial de ausência de falo parece um ponto a mais, ainda não esclarecido. Em Freud, este ponto se localiza no deslizamento do desejo pelo pênis ao desejo pelo bebê. Mas, desta maneira, surge um novo problema: seria a feminilidade a mesma coisa que a maternidade? Freud fala tanto da sexualidade feminina como característica saudável, mas parece manter esta sexualidade dentro dos limites da família, caracterizando a mulher como a defensora da família, dos filhos e do casamento. Sem estes critérios, o que seria o feminino? Se pautarmos a resposta a este questionamento no fato de o feminino estar ligado à ausência do pênis, é preciso bem conceituar este termo. Conhecendo o conceito de castração, é possível perceber que ele não é exclusivo das mulheres e por isso não serviria para a definição do ser feminino. Como as mulheres possuem experiência diferenciada com a castração, pode-se afirmar que, a feminilidade seria aceitar a castração corporal superando-a metaforicamente ou significativamente.

Neste sentido, Birman arrisca um caminho pelo conceito de sublimação, colocando que as mulheres teriam mais possibilidade de criação e mobilidade que os homens, justamente por não permanecerem amarradas pelos limites fálicos. Freud afirmava o contrario, quando admitia que algumas mulheres cedo pareciam “engessadas”. Freud ainda dizia que as mulheres tinham menos capacidade de sublimação do que os homens e que, por

isso, o trabalho fora de casa lhes era tão desgastante e inadequado. Afirmação que também contraria o raciocínio de Birman.

A tentativa de definir positivamente a feminilidade para a psicanálise ainda levou Birman à tentativa de encará-la como sexo original. Assim, em que homens e mulheres passariam por um período inicial de sua vida em que ficam a mercê dos cuidados externos como única maneira de vida, sem qualquer intervenção fálica. Estas primeiras sensações definem o que o adulto vivencia como feminilidade – tanto em homens quanto em mulheres. Como se estas sensações iniciais servissem como modelo para experiências futuras, que seriam entendidas como femininas.

Esta idéia parece apontar para o conceito de masoquismo feminino que, por meio de fantasias de ser castrado, sofrer coito ou dar a luz, aparece em homens e mulheres. FREUD (1924) afirma no texto “*O problema econômico do masoquismo*” que parte da pulsão de morte se lança externamente por meio do sadismo e outra parte se mantém no organismo a serviço da sexualidade compondo o masoquismo primitivo erógeno. Este tipo de satisfação pulsional é tão primitiva que tem ligação com a sensação de dependência e incapacidade de um bebê de colo totalmente entregue aos cuidados parentais.

Freud neste texto não estava preocupado em definir a feminilidade, mas discutia pontos da economia libidinal que conferem com sua concepção de feminino. Portanto, a idéia de satisfação na posição passiva e submissa aparece, neste texto, como tipicamente feminina. Mas, mais do que isso, a sensação de fragilidade e de dependência parecem também trazer caracterização feminina para Freud.

Temos, portanto, na discussão sobre a mulher, um ser que lida com a castração e a frustração em seu corpo e cria meios de se inscrever na lógica fálica por outros caminhos. Em Freud, a caracterização de fragilidade moral e pouca capacidade de sublimação pulsional são marcantes, assim como o poder, a sedução e a força. Possuindo características tão opostas, a feminilidade seria a forma de deslizar do ativo ao passivo; do pênis ao bebê; da castração à criação. Estas variações ocorrem constantemente na vida de uma mulher. Os homens também variam entre o ativo e o passivo e entre a castração e a criação, porém a castração não é egossintônica com sua construção genital, pois possuem o pênis, o que faz com que possuam relação diferenciada com perdas e frustrações. A relação feminina frente à castração não é de medo da perda, visto que isso já ocorreu imaginariamente, mas sim do que deve ser feito para

encontrar a satisfação. Assim, a mulher ainda intriga a psicanálise por construir sua satisfação para além do gozo fálico. As construções sociais e morais em torno dela influenciam neste processo de formação e nas possibilidades de adequação libidinal à civilização. Freud considera o compromisso feminino com a família algo essencial e ao mesmo tempo perigoso para a civilização. Então, mais uma vez, para falar das mulheres, Freud fala de oposição interna advinda do superego feminino. As dificuldades de sublimação também influenciariam na idéia de fragilidade feminina tornando as mulheres mais passíveis ao adoecimento, visto que a pulsão sexual teria dificuldades na sublimação. A luta comum aos homens de viver em comunidade e sofrer todas as limitações da condição humana são marcadas por estas especificidades da subjetividade feminina.

Certamente este trabalho não teria a pretensão de fechar uma questão deixada em aberto por Freud, mas fica aqui registrada uma releitura de suas obras delimitando aquilo que sempre fora objeto de interesse da humanidade: os destinos do desenvolvimento da feminilidade na mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Ph.. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2ª ed., 1981.

BARDI, P. M. **Gênios da pintura – Klimt**. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

BAUER, C. **Breve história das mulheres no ocidente**. São Paulo: Ed. Xamã, 2001.

BIRMAN, J. **Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise**. *Natureza Humana* 8(1): 163-180, jan – jun 2006.

_____. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Sexualidade feminina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DAVID-MÉNARD, M. **Construções do universal**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998.

DEUSA, <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Deusa&oldid=11135835>>. Acesso em 22/07/2008

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** Vol 1 . Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade** Vol 3 . Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

FREUD, S. **A cabeça de Medusa** (1922). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A dissolução do Complexo de Édipo** (1924). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher** (1920). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos** (1925). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Análise terminável e interminável** (1937). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **As Neuropsicoses de defesa** (tentativa de formulação de uma teoria adquirida, de muitas fobias e obsessões e de certas psicoses alucinatórias) (1894). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Carta 18** (1894). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Carta 69** (1897). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Conferência XXXIII - Feminilidade** (1932). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1916-17). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen** (1907). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Estudos sobre a histeria** (1895). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Fragmento da análise de um caso de histeria** (1905). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Futuro de uma ilusão** (1927). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Grande é Diana dos Éfesos** (1911). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Histeria** (1888). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância** (1910). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Mal-estar na civilização** (1930). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna** (1908). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)** (1911). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O tabu da virgindade** (1918). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O tema dos três escrínios** (1913). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Observações adicionais às neuropsicoses de defesa** (1896). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Obsessões e Fobias: mecanismo psíquico e sua etiologia** (1895). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Organização Genital Infantil** (1923). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicologia de grupo e análise do eu** (1921). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. FREUD, S.

_____. **Rascunho B** (1893). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Rascunho G** (1895). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Rascunho H** (1895). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Rascunho K** (1896) As neuroses de defesa. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim** (1886). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sexualidade feminina** (1931). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre as teorias sexuais das crianças** (1908). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Problema econômico do masoquismo** (1924). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Totem e tabu** (1913). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Três Ensaio sobre a Sexualidade Infantil** (1905). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Um caso de cura pela hipnose** (1893). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (1910). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Uma neurose demoníaca do séc. XII** (1922). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, P. **Freud**. Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das letras, 1989

_____. **The bourgeois Experience**. Victoria to Freud. Volume 1 Education of the senses. W.W. Norton & Company: New York – London, 1984 (1999).

_____. **The Bourgeois Experience**. Victoria to Freud. Volume 2 The tender passion. W.W. Norton & Company: New York – London, 1986 (1999).

GRANT, W. H. **A mascarada e a feminilidade**. Psicol. USP, São Paulo, v. 9, n. 2, 1998 .
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200010&lng=es&nrm=iso>.

HAUSER, A. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

HOCKE, G. R. **Maneirismo: o mundo como labirinto**. São Paulo: Ed. da USP – Editora Perspectiva, 1974.

COLAVITTI, F. **A ciência da atração**. Revista Galileu. Rio de Janeiro: Ed. Globo, junho 2008.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário, livro 3 – “As psicoses”** (1955-56) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. **O Seminário, livro 4 - “A relação de objeto”** (1956-57) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **O Seminário, livro 20 – “Mais, Ainda”** (1972-73) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MACEY, D. The dark continent. In: _____ **Lacan in contexts**. New York: Verso, 1988.

MANNONI, M. **Elas não sabem o que dizem: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Reader's Digest, São Paulo: Melhoramentos, 2000, 2v.

MITCHELL, J. **Psicanálise da sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MOIRAS, <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Moiras&oldid=10881212>> Acesso em 05/12/2007

MOTA, R. L. B. **Da Viena de Freud ao ano 2000: psicanálise e pós-modernidade**. In Revista Brasileira de Psicanálise (Volume 34 - N° 3), p. 431 a 440, 2000.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

SAAD, A. **Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo**. In Revista Brasileira de Psicanálise vol 36, n. 3, p. 603 – 629, 2002

SOLER, C. **Variáveis do fim da análise**. Campinas: Papirus, 1995.